LIBER 420

Cannabis, Ervas Mágicas e o Ocultismo

Chris Bennett

Distribuição comercial por:

Copyright © 2018 Chris Bennett

Independent Publishers Group (IPG)
814 North Franklin Street
Chicago, Illinois 60610
312.337.0747
www.ipgbook.com

Publicado por:
Trine Day LLC
PO Box 577
Waltervilie, OR 97489
1-800-556-2012
www.TrineDay.com
TrineDay@icloud.com

Número de Controle da Biblioteca do Congresso: 2018932324
Bennett, Chris.
-1ª ed.
p. cm.

ISBN:
Epub (ISBN-13) 978-1-63424-166-3
Mobi (ISBN-13) 978-1-63424-167-0
Impresso (ISBN-13) 978-1-63424-165-6

1. Cannabis - História. 2. Cannabis - Aspectos religiosos. 3. Magia - história. 4. Ocultismo - História. 5. Magia e drogas. 6. Drogas - Aspectos religiosos - História. I. Bennett, Chris. II. Título

Primeira Edição
10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Keneh Press é um selo da TrineDay
Impresso nos EUA

Dedicado a François Rabelais (1494-1553),
Pois ele tinha mais sagacidade em sua cabeça, coragem em seu coração, faro em seu traseiro,
e drogas raras em sua Sileni Box[1], do que qualquer homem de seu tempo.

François Rabelais (1494-1553) "Extrator da Quintessência"[2]

Prefácio

Fiquei muito empolgado e honrado quando Chris Bennett me pediu para escrever este prefácio! Não simplesmente porque este livro contém uma importante peça que faltava no quebra-cabeça que é a história ocultista ocidental (embora absolutamente seja - voltarei a isso), mas também porque minha contribuição para ele é algo como um marco - você poderia até dizer que fecha um círculo - em meus próprios estudos. Há mais de uma década, publiquei material sobre os grimoires[3] europeus - que são livros mágicos obscuros da era medieval e renascentista, frequentemente atribuídos a figuras mitológicas como o Rei Salomão, Moisés ou Enoque. Em meu trabalho, assumi a posição então controversa de que a magia apresentada nesses grimoires era uma espécie de "xamanismo urbano"; especificamente significando que o mago dos grimoires (um dos arquétipos para nosso próprio conceito moderno de "mago") cumpria a vocação de profeta, curandeiro e emissário entre sua comunidade e o mundo dos espíritos. Eles apenas aconteciam de fazer esse trabalho na Europa medieval e renascentista, em vez de entre tribos nômades no deserto.

É claro que, se alguém vai relacionar os métodos do mago medieval ao xamã tribal, isso levará a uma questão óbvia e vital: o mago Salomônico usava a mais famosa das ferramentas rituais xamânicas - drogas que alteram a mente? Esse foi um assunto mais complicado de abordar! Eu sabia que isso causaria alvoroço, porque a maioria dos adultos daquela época foi criada sob a influência maliciosa da moderna "Guerra às Drogas". Por essa razão, qualquer menção a drogas em relação à magia levava a reações emocionais (geralmente baseadas no medo) em vez de conversas intelectuais. Nessa mentalidade, drogas são ruins. Ponto final. Portanto, elas não podem ter um papel na magia. Drogas apenas te dão alucinações, não visões reais. Drogas são apenas uma muleta, uma saída fácil para evitar o trabalho real. Eu já ouvi tudo isso!

Mas, é claro, um olhar atento à história mostra que os xamãs, bruxas e magos do passado não viam as drogas como muletas, nem as visões que elas produziam como falsas. Em vez disso, eles tendiam a ver plantas e substâncias alucinógenas como

empoderadas pelos deuses, colocadas aqui especificamente para conceder à humanidade a experiência do Divino e a comunicação com o mundo dos espíritos.

Acabei dedicando um capítulo inteiro do meu primeiro livro à questão das drogas, xamanismo e os grimoires. Apresentei as melhores evidências que pude encontrar de que os mestres dos grimoires realmente conheciam e até mesmo faziam uso de psicotrópicos. Por exemplo, drogas são mencionadas abertamente em vários lugares - como no Primeiro Livro de Filosofia Oculta de Agrippa, capítulos 38 (sobre como atrair dons celestiais de cima) e 43 (sobre o poder dos incensos). Ambos descrevem ervas e incensos conhecidos por produzir visões, e até mencionam plantas alucinógenas conhecidas como meimendro, cicuta e papoula. (Todas essas também são ingredientes dos "unguentos de voo"[4] do folclore da bruxaria europeia.)

Também fiz referência aos muitos feitiços dos grimoires que o Professor Richard Kieckhefer chama de "ilusórios" (veja seu Forbidden Rites) e que frequentemente são semelhantes às visões xamânicas típicas: desde voar no céu, até visitar o submundo, até conjurar exércitos fantasmas ou elaborados banquetes espirituais. (Estes últimos são muito semelhantes ao folclore europeu sobre Banquetes de Fadas[5].) A maior parte da prática de evocação[6] - que forma a maior parte dos grimoires - também pode se enquadrar nessa categoria. Podemos até ver como as visões produzidas por diferentes métodos poderiam muito bem espelhar as drogas tomadas para alcançá-las: como meimendro e beladona causando visões de demônios terríveis, enquanto drogas como cogumelos mágicos e cannabis poderiam produzir visões de anjos.

Existem até registros sobreviventes de magos medievais em ação, que parecem indicar o uso de alucinógenos. Um dos exemplos mais óbvios, que encontrei em Ritual Magic de Elizabeth Butler, diz respeito a um mago fáustico chamado Johann Georg Schropfer (1739-1774 d.C.). Ele foi contratado pelo Príncipe Carlos da Saxônia para realizar uma evocação necromântica[7] de seu próprio tio recentemente falecido (de Carlos), que se acreditava ter escondido um tesouro em algum lugar de sua propriedade. Dezenove convidados foram convidados para testemunhar o evento - um dos quais não apenas era cético em relação aos procedimentos, mas por acaso é aquele que forneceu o relato escrito. Segundo ele, Johann começou o ritual passando uma tigela cheia de um líquido estranho. Cada pessoa foi encorajada a beber, enquanto o conjurador prometia que isso "os fortaleceria para a provação que viria". Nosso autor, no entanto, recusou a bebida - e ele foi a única pessoa presente que não experimentou visões dos espíritos naquela noite. Não é preciso um grande salto de fé ou lógica para adivinhar que tipo de bebida estava naquela tigela.

Eu até explorei várias tradições que precederam os grimoires, mas que tiveram um impacto direto sobre eles. Por exemplo, os profetas bíblicos - que eram xamãs por

direito próprio. Eu tinha visto conjecturas de que esses caras tinham feito uso de substâncias como cannabis e cogumelos para gerar suas visões - e foi durante minha pesquisa nesse campo que encontrei pela primeira vez o trabalho de Chris Bennett. Ele havia escrito uma série de artigos, coletivamente intitulados Smoke Gets In My I, que explorava o uso de cannabis em várias culturas ocidentais antigas - incluindo os profetas bíblicos. Neles, o autor apresentou um caso convincente de que o óleo de unção sagrado de Moisés e o incenso (para uso estritamente dentro do Tabernáculo, e mais tarde no Templo de Salomão) na verdade continham grandes quantidades de cannabis (kaneh bosem); ou, no caso do óleo, extrato de cannabis. A famosa Tenda da Reunião[8] (e mais tarde o Santo dos Santos[9] no Templo) era muito provavelmente uma "tenda de fumaça" selada onde o sagrado kaneh bosem era queimado em grandes quantidades pelos profetas e sacerdotes - que também eram ungidos com o óleo - para produzir visões de Yahweh. Fiquei muito feliz em encontrar esse material, e Smoke Gets In My I se tornou uma fonte importante para meu próprio capítulo sobre o assunto.

Ainda mais próximo de casa, no entanto, é um livro de magia altamente influente (e infame) chamado Picatrix. Este grimório árabe é uma das principais fontes da tradição Salomônica - dando aos grimoires europeus muito de seu formato e até mesmo conteúdo. Os métodos gerais utilizados para evocação nos textos Salomônicos podem ser encontrados em suas formas originais no Picatrix. Agrippa citou partes inteiras dele em seus próprios Três Livros... Até mesmo magos medievais consideravam o Picatrix um livro sombrio, perigoso e extremamente poderoso. (Em tempos mais modernos, H.P. Lovecraft basearia seu fictício Necronomicon em suas lendas.) E o que torna isso importante para nosso assunto atual é que ele contém feitiços que incluem quantidades extremamente grandes de drogas alucinógenas - como ópio e haxixe.

A única coisa que eu não podia fazer - na época em que estava escrevendo - era apontar para um feitiço específico nos textos europeus que incluísse diretamente o uso de tais alucinógenos. Havia muitos lugares onde eles pareciam estar implícitos: como o "Tapete Mágico"[10] da Chave de Salomão[11] - onde você se deita sob um grande tapete consagrado, queimando incenso em um incensório. Soa muito como a Tenda da Reunião mencionada anteriormente, destinada a produzir visões através da inalação de fumaça. Mas a Chave de Salomão não diz o que deveria ser queimado no incensório com você debaixo do tapete.

Há também o óleo de unção mencionado em vários textos - como a Goetia, onde se é instruído a ungir as têmporas e os olhos (pálpebras). Esses são lugares onde os unguentos de voo às vezes eram aplicados, junto com a testa, os pulsos e as solas dos pés, porque esses pontos permitem fácil absorção dos ingredientes ativos do óleo na corrente sanguínea. Mas a Goetia não nos diz a receita de seu óleo. (Temos uma receita

no Livro de Abramelin, que é baseada na encontrada em Êxodo. Mas mesmo que essa receita original pedisse kaneh bosem, Abramelin já a havia mudado para cálamo.)

Você não encontrará um grimório que lhe diga para amontoar cannabis no incensório. Seus feitiços de adivinhação não mencionam ópio. Mesmo os sistemas destinados a elevá-lo aos céus para encontrar anjos ou ver a Face de Deus não mencionam cogumelos. Embora haja algumas evidências de que drogas foram usadas por alguns indivíduos, e implicações de que são pretendidas em muitos dos textos, por que os autores dos grimoires não as mencionariam rotineiramente? A guerra moderna contra as drogas não existia então, certo? E mesmo que existisse, os grimoires já eram ilegais; autoria ou posse deles era punível com tortura e morte. Nesse caso, listar beladona como um ingrediente em um incenso provavelmente não será o crime que o levará ao linchamento em um texto que lhe diz como conjurar demônios para matar seus inimigos.

Assim, qualquer um que afirme que as drogas não tinham nada a ver com os grimoires só precisa apontar para sua óbvia ausência dos livros - e é difícil argumentar. É quase como se os magos europeus coletivamente decidissem, com apenas raras exceções, que "drogas são ruins" e as excluíssem de seus grimoires. Teria que ser uma decisão consciente, também, dado que tantas de suas fontes as apresentam com destaque. (Há precedente para isso, a propósito, já que muitos dos grimoires europeus também optaram por omitir a realização de oferendas e sacrifícios aos espíritos, pois isso conflitava com sua teologia cristã. Era "muito pagão".)

E assim, ficamos com as perguntas: as drogas foram propositalmente removidas da Tradição Ocultista Ocidental[12]? E se sim, na ausência de uma Guerra às Drogas oficial, por que foram removidas?

E é aí que Chris Bennett reentra na história. Tendo explorado o assunto da cannabis e outras drogas através da história ocidental antiga (veja Cannabis and the Soma Solution), ele também queria saber por que elas pareciam estar ausentes de registros posteriores. Tenho certeza de que ele, como eu, suspeitava que as drogas estavam lá do mesmo jeito, e sua pesquisa o levou ao meu capítulo sobre o assunto.

(Aparentemente, sou um dos poucos autores ocultistas modernos que discutiu abertamente o provável papel que as drogas desempenharam nos grimoires. Quando Chris me encontrou nas redes sociais, e descobri que ele havia lido meu trabalho e adorado, fiquei um pouco impressionado. Existe algo melhor do que receber um sinal de aprovação de alguém cujo trabalho influenciou o seu próprio? Mas deixe-me voltar ao assunto...)

Chris foi capaz de descobrir um fato-chave que eu não descobri: na verdade havia uma Guerra às Drogas durante o período em que os grimoires foram escritos! Isso, pelo menos na minha opinião, é a chave para todo o livro que você está segurando agora. Se não houvesse guerra às drogas, sua ausência dos grimoires não faz sentido. Se você pudesse correr até o boticário local e comprar um pouco de ópio por alguns centavos para ajudá-lo a dormir, por que não deveria ser incluído como um ingrediente para incenso de invocação de espíritos?

Mas, adivinhe só, você não podia simplesmente comprar ópio na praça da vila! Como você aprenderá nos capítulos deste livro, as autoridades religiosas haviam decidido que - assim como fazer sacrifícios aos espíritos - a ingestão de drogas como enteógenos em ritual era simplesmente "muito pagã". Era a maneira como aquelas pessoas se comunicavam com seus demônios e espíritos, e portanto as boas pessoas cristãs simplesmente não faziam esse tipo de coisa. As drogas foram proibidas, e possuí-las poderia colocá-lo em tantos problemas quanto possuir uma boneca de pano[13] ou um grimório. Era Reefer Madness 1215!

Isso, no entanto, nos deixa com a questão da natureza clandestina dos grimoires. Como eu disse acima, eles já eram ilegais - então por que os autores se importariam se mencionassem as drogas diretamente? Por que ser astuto e implicá-las, da maneira como frequentemente fazemos no ambiente anti-drogas de hoje?

Bem...

Era porque, assim como o ambiente anti-drogas de hoje, ia além do estritamente legal e entrava no cultural. Na época em que esses livros de magia foram escritos, a cultura era muito parecida com a de hoje: "drogas são ruins", "pessoas boas (cristãs) não usam drogas", "drogas te dão visões falsas", e portanto "magia não tem nada a ver com drogas". Enquanto isso, os autores dos grimoires estavam desesperados para convencer seus leitores de que eles eram, de fato, bons e devotos cristãos. Tanto quanto os ocultistas fazem hoje, eles queriam que o público entendesse que o que estavam fazendo não era mau, não era satânico, mas era de fato santo e benéfico.

É por isso que quase todos os grimoires elevam seu próprio sistema a uma ciência divina exaltada, mas atacam todos os outros sistemas como vis enganos do Diabo. Eles estão essencialmente dizendo: "Nós não somos como aquelas pessoas." E esta é a mesma razão pela qual as drogas alucinógenas raramente são mencionadas nos grimoires, e nunca aparecem diretamente como ingredientes em qualquer ritual de invocação ou adivinhação. Sua ausência é apenas mais uma insistência do autor de que sua magia não é como a daquelas pessoas - aqueles adoradores vis de demônios que tomam drogas estranhas e dançam nus sob o luar! Nunca! (Isso também pode explicar por que

os alucinógenos estão ausentes dos grimoires enquanto ainda presentes em receitas de bruxas, como os unguentos de voo, do mesmo período.)

É claro que o que Chris vai cobrir neste livro vai muito além dos grimoires ou da "Guerra às Drogas" medieval/renascentista. Ele seguiu o coelho branco através do Picatrix e dos textos Salomônicos, até os Rosacruzes, os Maçons e as lojas ocultistas do século XIX, passando pela alquimia, bruxaria e muito mais. Cannabis e outras substâncias que alteram a mente têm sido um fato subterrâneo e oculto da Tradição Mistérica Ocidental o tempo todo. Então aperte o cinto! Você está prestes a aprender que alguns de seus filósofos ocultistas favoritos provavelmente tomaram algumas drogas estranhas em seu tempo, e talvez até tenham dançado nus sob o luar uma ou duas vezes.

Aaron Leitch Fevereiro de 2018

Aaron Leitch, autor de Secrets of the Magickal Grimoires: The Classical Texts of Magick Deciphered (2005); Ritual Offerings (2017); The Essential Enochian Grimoire: An Introduction to Angel Magick from Dr. John Dee to the Golden Dawn (2014); 1: The Angelical Language, Volume I: The Complete History and Mythos of the Tongue of Angels (2010); 2: The Angelical Language, Volume II: An Encyclopedic Lexicon of the Tongue of Angels (2010).

Sumário

capa Página de título Página de direitos autorais Dedicatória Prefácio Agradecimentos Introdução Epígrafe 1) No Princípio... Os Citas Os Magos 2) Kaneh Bosm: Cannabis na Bíblia? Período cristão "Eu te darei as chaves do reino dos céus..." Cristianismo e o Ocultismo 3) Os Hashishin Dadhi, a "Planta Misteriosa" Os Consumidores de Haxixe Sufis Haoma e os Hashishins? As Orgias dos Comedores de Cânhamo (excertos) O Verde O Ritual da Taça 4) O Graal Verde e o Elixir da Imortalidade Soma, Haoma e o Graal O Graal Cita 5) Os Cavaleiros Templários e o Graal Os Templários, Assassinos e o Graal A Casa do Portador da Taça O Graal de Jamshid O Elixir de Jerusalém A "Tintura de Fogo" e o Santo Graal A Regra Secreta e O Batismo de Fogo Gnósticos Medievais? O Herbarium Initiatus Evidências Reais 6) Os Crimes dos Templários Negação da Cruz A Cruci-Ficção? 7) O Portfólio de Villard de Honnecourt 8) A Taça da Unção O Antigo Manuscrito Inglês Herbarium V (século XII) 9) O Ghayat AlHakim e O Picatrix Magia Árabe O Ghayat AlHakim e O Picatrix Invocações Envoltas em Fumaça O Picatrix e a Tradição Mágica Ocidental 10) Raízes Alquímicas A Busca pela Pedra Filosofal... Influências Gnósticas e Judaicas A influência Muçulmana 11) Quintessências, Arcanos e Tinturas na Alquimia O Arcanum Compofitum de Paracelso O Arcanum Elemntatum As Aquae Inebriates A Infusão de Cannabis de Cardano Referências do século XVIII a tinturas alquímicas A Piada de Swift

Sobre um Arcanum de Cannabis 12) Outros Elementos Alquímicos A Pedra Filosofal O Leão Verde A Erva Saturniana Influências Alquímicas Posteriores 13) François Rabelais e a Erva Pantagruelion Início de Vida Gargântua e Pantagruel A Erva Pantagruelion Pantagruelion = Cannabis Plagiando Plínio? Confecções de Pantagruelion As iguarias de cannabis de Galeno A Natureza Transcendente do Pantagruelion Outras Ervas? Pantagruelion à Prova de Fogo? O Graal de Pantagruelion Elixires Alquímicos Néctar dos Deuses A Garrafa Sagrada Rabelais, um Maçom? Rituais de Pantagruelion? Sinais Secretos e Apertos de Mão Dando ao Diabo o que é Seu Escondendo a Heresia A Última Palavra de Rabelais 14) Maçons, Guildas Alquímicas e Sociedades Secretas 15) O Sepher Raziel, Cannabis, Magia de Espelho e Contemplação de Cristal Dee e Kelley usaram drogas para vidência? 16) Bruxas e Erva? As Bruxas O Sabbath As Origens das Bruxas Influências Gnósticas Influências Islâmicas e as Brujas da Espanha O Unguento do Sabbath A Fumaça do Caldeirão Negro Dr. Johann Weyer: Sobre as Ilusões dos Demônios e sobre Feitiços e Venenos (1563) O Vinho Profano do Sabbath A Vassoura Fálica? 17) Magia Popular do Cânhamo e Robin Goodfellow O Diabo Fia Cânhamo 18) Shakespeare e a Maconha 19) A Igreja vs as Ervas do Diabo 20) O Cabaré da Fantasmagoria A Fantasmagoria se torna mainstream 21) Maçons, Rosacruzes e Illuminati do Século XVIII Conde Jan Potocki (1761-1815) Maçonaria Luciferiana, Vinho Infundido com Cannabis e a Farsa de Taxil 22) Hashishin Maçônicos e Rosacruzes do Século XIX Influências Islâmicas Gérard de Nerval e seus Contos Infundidos com Haxixe sobre os Drusos e Hiram Abiff 24) Mito e Ritual Maçônico: Algumas Especulações O Pote de Incenso O Lampejo de Luz A Taça de Libação Conclusão Bibliografia Índice

Agradecimentos

Um livro deste tamanho e profundidade seria semelhante aos trabalhos de Hércules para realizar sozinho. A variedade de disciplinas ocultas abordadas exigiu a experiência de especialistas nesses diversos campos.

Consultores notáveis neste projeto, aos quais sou grato e ofereço gratidão, incluem:

Pierre J. Surette, Telemita, M∴A∴M∴A∴ O.T.O. Minerval°, Honorário IX°, Gnóstico, 97° Maçom. Reconhecido, inegavelmente entre os R.E.R., 32°, 34°, M.M., 90°, 95°/96°, Maçom Sol-Om-on (Loja Azul, Branca e Vermelha); Membro de G∴D∴, / R∴C∴, / S∴S∴; Membro da Ordem da Estrela Prateada, por suas muitas traduções de obras francesas, seu profundo conhecimento da história oculta e sua assistência entusiástica na pesquisa deste vasto projeto, desde seu início.

P.D. Newman, Maçom do Rito Escocês 32° e autor de Alchemically Stoned: The Psychedelic Secret of Freemasonry (2017) por seu profundo conhecimento da história oculta, correspondência e entusiasmo.

O historiador e arqueólogo Dr. David Harrison, que escreveu vários livros sobre história maçônica, incluindo The Genesis of Freemasonry (2009) e The Lost Rites and Rituals of Freemasonry (2017) por suas consultas especializadas, e por entreter meus muitos pensamentos e especulações sobre esta área da história, e me ajudar a mantê-la dentro de limites históricos mais precisos.

Aaron Leitch, autor de Secrets of the Magickal Grimoires (2005) e outros tomos, por ajudar a entender a história desta tradição e suas várias facções, bem como seu apoio ao meu trabalho.

Tom Hatsis, autor de The Witches' Ointment: The Secret History of Psychedelic Magic (2015), por ajuda com traduções do latim, seu conhecimento do papel das ervas mágicas nas eras medieval e renascentista, e por suas críticas acadêmicas e mais.

Dan Atrell, um dos tradutores e editores de The Picatrix: A Medieval Treatise of Astral Magic (2018), por sua ajuda na compreensão das origens deste documento originalmente árabe que desempenhou um papel tão importante na tradição mágica ocidental, e suas muitas referências a drogas.

Warren Ji, da Evolved Alchemy, por sua ajuda na compreensão das complexidades, técnicas e linguagem da Alquimia Espagírica.

E muitos amigos e colegas, como Andrew Struthers, autor de The Sacred Herb/The Devil's Weed (2017). O irmão maçônico Chuck Landau e pesquisadores de história metafísica e oculta Jonny Enoch, Iona Miller, Sally Davis e outros por seu tempo e interesse. Celina Archambault por companheirismo e apoio durante todo o processo.

Introdução

Em um apartamento em Nova York, em 20 de abril de 1918, como parte de uma série contínua de invocações e rituais, um mago e seus dois assistentes registraram o seguinte em uma entrada de diário no início dos eventos da noite:

10:45 [p.m.] Achitha, Therion e Arcteon tomam 1cc de Haxixe. 11:10 Achitha e Arcteon 1cc de Haxixe. 11:30 Achitha e Arcteon 1cc de Haxixe.

Therion era um nome mágico do famoso mago britânico Aleister Crowley, e seus assistentes eram Roddie Minor e Charles Stansfeld Jones. Cada "cc" significa um grama

de haxixe, o que é uma quantidade considerável quando ingerida. Este uso ritual de resinas de cannabis fazia parte do "Amalantrah Working", um evento agora lendário em alguns círculos ocultistas, e que ocorreu ao longo de vários meses em 1918 enquanto Crowley vivia em Nova York. Além do uso de haxixe, mescalina também foi ingerida como parte das invocações realizadas.

Liber 420 vê seu lançamento no centenário deste ritual de ingestão de cannabis para fins mágicos. Muitos viram o uso de "drogas" como esta como um mero desdobramento da tradição oculta, amplamente popularizado por Crowley e seus associados no final do século XIX e início do século XX. Esta visão não é incomum entre acadêmicos e praticantes modernos de magia cerimonial, assim como com a bruxaria e seus historiadores e adeptos modernos dessa tradição neopagã. No entanto, o uso de cannabis e outras plantas mágicas (isto é, psicoativas, no que diz respeito a este estudo) na prática mágica é tão antigo quanto o próprio ofício, e como veremos, há muitas evidências para demonstrar que este é o caso.

Este livro examinará as referências à cannabis e, ocasionalmente, a outras ervas mágicas, em tradições ocultas como magia cerimonial e alquimia, juntamente com seu papel potencial em uma variedade de diferentes "sociedades secretas", concentrando-se a partir do século XII em diante. Referências à cannabis e ao haxixe em grimórios[1] como O Picatrix e Sepher Raziel: Liber Salomonis, e seu uso por figuras alquímicas como Zósimo, Avicena, Geber, Paracelso, Cardano e Rabelais, serão exploradas em detalhes. Assim como o papel do cânhamo na magia popular e na bruxaria. Muitos documentos centenários aparecerão aqui, traduzidos para o inglês pela primeira vez.

Também será mostrado que o papel da cannabis na magia e ocultismo europeu posterior não apareceu magicamente do nada, e várias vias pelas quais provavelmente ocorreu serão exploradas. O uso ritual de cannabis e uma variedade de outras substâncias psicoativas é muito mais antigo do que esses relatos medievais e posteriores, e as origens antigas do uso de cannabis e outras substâncias é algo que vários dos ocultistas posteriores em questão também mencionaram, em relação à sua própria adoção de tais práticas. Como o falecido Professor de Clássicos Georg Luck (1926-2013) observou sobre esta situação:

A ideia de que as drogas desempenharam um papel nas grandes religiões da antiguidade, como o fazem nas sociedades tribais na África e na América do Sul, ainda é abominável para muitos estudiosos hoje. Talvez eles estejam dispostos a admiti-lo para o antigo Egito - mas para a Grécia? Para Atenas? Para os Mistérios Eleusinos? Para o Antigo Israel? E, no entanto, as evidências são fortes. Substâncias psicoativas chegavam aos cérebros dos crentes de muitas maneiras diferentes: em alimentos e bebidas, em óleo esfregado na pele, em fumaça inalada. Não devemos subestimar as experiências dos sacerdotes nesta área (Luck, 1985/2006).

Preconceito semelhante contra essas substâncias as deixou de fora de grande parte da história Oculta também, e o uso de cannabis e outros intoxicantes em ambas as situações está apenas começando a ver alguma aceitação nos círculos acadêmicos.

[N]a magia, drogas eram usadas assim como na religião, provavelmente de forma mais regular e consistente, porque tanto dependia do momento. Isso não deveria ser surpresa.... Uma rápida pesquisa dos papiros mágicos mostra com que frequência incensos especiais eram queimados e óleos aromáticos eram aplicados. Alguns dos ingredientes são substâncias psicoativas bem conhecidas. Mesmo onde nenhuma receita específica é dada, podemos assumir que, na maioria das vezes, algum tipo de fumaça era necessário (Luck, 1985/2006).

Tais ideias já eram há muito compartilhadas em círculos Ocultos e livros de magia, notavelmente com a edição de 1829 de Eusèbe Salverte, Des Sciences Occultes ou Essai sur la Magie, les Prodiges et les Miracles, que foi seguida por sua contraparte inglesa The Occult Sciences: The Philosophy of Magic, Prodigies and Apparent Miracles em 1846. Salverte dedicou dois capítulos a preparações psicoativas no Volume 2 de suas obras pioneiras, identificando cannabis, ópio, datura, beladona e especulando sobre outras drogas antigas ainda a serem descobertas. Salverte precedeu a visão moderna de que os Mistérios Eleusinos eram um ritual de iniciação antigo grego infundido com drogas, como sugerido por cientistas e estudiosos modernos como o criador do LSD Dr. Albert Hoffman, o micologista R. Gordon Wasson e o Professor de Clássicos Carl Ruck (1978) por um século e meio. Salverte citou exemplos de uso antigo de drogas entre gnósticos, bruxas, hashisheens medievais e outros grupos.

Os aspirantes à iniciação, e aqueles que vinham solicitar sonhos proféticos dos Deuses, eram preparados por um jejum, mais ou menos prolongado, após o qual participavam de refeições expressamente preparadas; e também de bebidas misteriosas... nos mistérios da Eleusínia. Diferentes drogas eram facilmente misturadas com as carnes, ou introduzidas nas bebidas, de acordo com o estado de espírito ou corpo em que era necessário colocar o recipiente, e a natureza das visões que ele desejava obter.... Magos têm, em todas as épocas, feito uso de segredos semelhantes (Salverte, 1829/1849).

Como um proponente moderno da teoria enteogênica, o Prof. Dan Merkur observou "...Sciences Occultes de Salverte parece ter inaugurado uma era em que ocultistas escreveram candidamente sobre várias drogas, e referências a elixires e pós alquímicos tornaram-se cada vez mais transparentes como referências a drogas. O uso de drogas no ocultismo antes de Salverte era geralmente mais discreto" (Merkur, 2014).

Discreto sim, mas como veremos, não desconhecido ou não registrado. No entanto, durante tempos de perseguição, a queima de hereges na fogueira pelas transgressões

mais triviais não era de forma alguma incomum, e discrição muitas vezes significava sobrevivência para aqueles que seguiam o caminho enteogênico.

Com o surgimento da Igreja Católica Romana e o advento da Idade das Trevas, a humanidade ocidental veio a ser amplamente separada das raízes xamânicas mágicas de suas tradições pagãs anteriores, e o início do retorno dessa conexão ocorreu em grande parte na época das cruzadas. O contato com o mundo islâmico levou a uma variedade de influências herméticas e à introdução e reintrodução de uma variedade de substâncias exóticas, como haxixe e ópio. Esta redescoberta, como veremos, influenciou grandemente o sabor tanto das mitologias do Santo Graal quanto dos mitos alquímicos da Pedra Filosofal.

De fato, algumas das primeiras histórias que vieram de viajantes europeus medievais para o Oriente Médio, como os registros de Arnold de Lübeck (falecido em 1211-1214) e Marco Polo (1254-1324), continham referências ao haxixe e outras substâncias exóticas. Da mesma forma, alguns dos primeiros romances da Europa, como O Decamerão de Giovanni Boccaccio e As Aventuras de Gargântua e Pantagruel de François Rabelais, são conhecidos por suas referências veladas à cannabis e suas preparações.

Leitores modernos, que estão familiarizados com os efeitos da cannabis, podem a princípio achar difícil aceitar essa relação entre cannabis e ocultismo, com base em suas próprias experiências pessoais de uso recreativo, e assumir que o uso de narcóticos e psicodélicos mais "potentes" está sendo identificado. No entanto, é importante lembrar que magos e iniciados antigos e seus equivalentes posteriores na cena oculta não eram usuários recreativos de cannabis. Set e setting[2] desempenharam um papel fundamental na fermentação do estado de espírito certo para provocar essas experiências "espirituais", e podemos ter certeza de que cerimônias mágicas mais frequentemente do que não acompanhavam seu uso. Além disso, níveis de dosagem e meios de ingestão proporcionavam aos usuários uma experiência muito mais poderosa do que a de um típico baseado fumado ou tigela de haxixe, embora, mesmo em doses leves, a cannabis, introduzida no humor e lugar certos, possa ter um efeito enteogênico. Como o Dr. Michael Aldrich descreveu:

Existe um mito de que a maconha é uma droga leve e menor. Geralmente no contexto do uso americano é, mas não precisa ser. A parte difícil de expressar isso, no entanto, é que as pessoas anti-maconha que apresentam visões de desastre sobre "haxixe" ou sobre "legalizar as formas mais fortes de cannabis" também estão erradas. Em si mesma, não há nada de errado com a cannabis sendo um alucinógeno potente.

CAPÍTULO 1

No Princípio...

O papel da cannabis na magia e religião do mundo antigo é algo que tratei extensivamente em vários livros, antologias e periódicos. Grande parte das informações neste capítulo foi adaptada do meu último livro, Cannabis and the Soma Solution, e eu direcionaria o leitor para lá para uma compreensão mais profunda do papel primordial que a cannabis desempenhou na vida espiritual do homem no mundo antigo. Embora esse uso tenha se tornado generalizado em todo o mundo antigo, nesta visão geral tentarei restringir a descrição aos grupos cuja influência parece ser mais relevante para as tradições ocultistas europeias posteriores nas quais este estudo está focado.

O papel da cannabis no mundo antigo era múltiplo: com suas sementes nutritivas, um alimento importante; e seus caules longos, flexíveis e fortes, uma fibra, bem como um medicamento primitivo - a cannabis aparece nas farmacopeias mais antigas (Russo, 2010); e, importante para este estudo, como um sacramento religioso magicamente potencializado (Bennett, et. al., 1995; Bennett, 2010). Evidências arqueológicas atuais para o uso de fibras de cânhamo foram estimadas, com base em fragmentos de tecido de cânhamo com 12.000 anos de idade, e ferramentas muito mais antigas usadas para quebrar o caule do cânhamo em fibras, indicando que o homem tem usado cannabis para tecido "desde pelo menos 25.000 a.C." (Barber, 1999). "Em 1997, uma corda de cânhamo datando de 26.900 a.C. foi encontrada na Tchecoslováquia. Foi a evidência mais antiga de fibra de cânhamo" (Seydibeyoglu, et. al. 2017).

Parece provável que, na época em que a humanidade começou a tecer as fibras da planta em tecido, eles já estavam familiarizados com ela há séculos, se não milênios. O falecido Professor Richard E. Schultes da Universidade de Harvard, considerado o pai da etnobotânica moderna, acreditava que era provável que, na busca por alimentos, a humanidade descobrisse primeiro a cannabis e suas sementes ricas em proteínas:

> O homem primitivo experimentou todos os materiais vegetais que podia mastigar e não poderia ter evitado descobrir as propriedades da cannabis (maconha), pois em sua busca por sementes e óleo, ele certamente comeu os topos pegajosos da planta. Ao comer cânhamo, os aspectos eufóricos, extáticos e alucinatórios podem ter introduzido o homem ao plano de outro mundo do qual emergiram crenças religiosas, talvez até mesmo o conceito de divindade. A planta passou a ser aceita como um presente especial dos deuses, um meio sagrado para comunhão com o mundo espiritual e, como tal, permaneceu em algumas culturas até o presente (Schultes, 1973).

Houve interessante especulação científica de que as propriedades psicoativas da cannabis podem ter desempenhado um papel como catalisador na época de avanço conhecida como o Grande Salto Adiante, onde pode ter ajudado o homem pré-histórico com novas formas de processos de pensamento e desenvolvimentos na fabricação de ferramentas. Os médicos John McPartland e Geoffrey Guy, em seu fascinante artigo, "The Evolution of Cannabis and Coevolution with the Cannabis Receptor - A Hypothesis", postulam que um ligante vegetal, como os canabinoides da planta de cânhamo, "pode exercer pressão de seleção suficiente para manter o gene para um receptor em um animal. Se o ligante vegetal melhorar a aptidão do receptor servindo como um 'proto-medicamento' ou uma substância que melhora o desempenho, a associação ligante-receptor poderia ser evolutivamente conservada" (McPartland & Guy, 2004). Há também pesquisas atuais sugerindo um papel muito precoce para a cannabis com o homem caçador-coletor como um medicamento para prevenção de parasitas (Roulette, et. al., 2016).

No entanto, especulações à parte, com base em evidências arqueológicas coletadas, podemos ver que a Cannabis tem sido usada por suas propriedades psicoativas resinosas por mais de cinco mil anos. O falecido arqueólogo Andrew Sherratt do Museu Ashmolean, Universidade de Oxford, apontou para o uso de incensos de cannabis em um local de sepultamento de um grupo conhecido como Proto-Indo-Europeus, os Kurgans, que ocupavam o que é agora a Romênia há 5.500 anos. A descoberta de um copo para fumar que continha restos de sementes de cânhamo carbonizadas no local documenta que 3.500 anos antes de Cristo, a humanidade vinha usando cannabis para fins religiosos por milênios (Sherratt, 1995).

Esses Kurgans foram os primeiros a domesticar o cavalo, acredita-se que com cordas de cânhamo. Assim, é uma visão amplamente aceita que foram seus descendentes nômades montados a cavalo, como a coleção de tribos das estepes que agora conhecemos sob o título coletivo de Citas, que a cannabis foi espalhada pela primeira vez por grande parte do mundo antigo. A linguística deixou um rastro, pois as primeiras raízes linguísticas para o termo "cannabis" vêm de uma antiga palavra-raiz proto-indo-europeia, "kanap"; o "an" desta raiz deixou vestígios em muitos termos modernos para cannabis, como o francês "chanvre", alemão "hanf", indiano "bhang", persa "bhanga", holandês "Canvas", grego "Kannabis", e assim por diante. Através de sua alta mobilidade, esses antigos cavaleiros nômades espalharam o uso da cannabis para numerosas culturas, não apenas em nome e aplicação, mas também com as conotações religiosas e mágicas que haviam crescido em torno dela. Evidências disso deixaram seus vestígios em algumas das religiões e culturas mais antigas existentes no mundo.

Os Citas

Os Citas (como os gregos se referiam a eles) também eram conhecidos como os Sakas (como os persas os conheciam) e são uma das mais fascinantes, ainda que bárbaras, sociedades usuárias de cannabis da era pré-comum. Sem linguagem escrita, grande parte do que sabemos sobre eles vem de descrições sobreviventes deixadas por outras culturas e locais de sepultamento surpreendentemente bem preservados, conhecidos como Kurgans. Os Citas eram uma cultura de guerreiros - homens e mulheres lutavam lado a lado - e ambos tinham tatuagens belamente intrincadas e armaduras elaboradas que cobriam cavaleiros e cavalos. Sua aparência impressionante deixou uma forte impressão nas outras culturas com as quais entraram em contato.

Embora conhecidos por sua selvageria às vezes brutal, também eram considerados por sua nobreza. O antigo historiador grego Éforo (século IV a.C.) afirmou que os Citas "superam todos os homens em justiça", seguido pelos comentários de Estrabão (século I a.C.): "consideramos os Citas como os homens mais justos e menos propensos à maldade, e também muito mais frugais e independentes de outros do que nós somos."

O uso de cannabis pelos Citas, três milênios após seus ancestrais proto-indo-europeus começarem a inalar seus vapores, foi registrado pelo historiador grego Heródoto, que descreveu o uso em um rito funerário:

> Completado o enterro, os Citas se purificam da seguinte maneira. Ensaboam suas cabeças e lavam seus cabelos, e então para limpar seus corpos, fazem o seguinte: montam três varas inclinadas juntas, que cobrem com feltros de lã, e no abrigo circular criado da melhor maneira possível, colocam pedras aquecidas em um fogo dentro de um recipiente colocado dentro do abrigo.... Na Cítia, eles cultivam cânhamo.... E então os Citas pegam algumas de suas sementes, rastejam sob o feltro e espalham as sementes sobre as pedras quentes, o que produz nuvens de vapor maiores do que em qualquer banho de vapor grego. Os Citas, encantados com o vapor, exultam ruidosamente.

Os Citas sufumigavam cannabis, ou seja, não tendo o benefício da invenção de cachimbos, capturavam os vapores da cannabis aquecida em tendas. Este se tornou um método comum de inalação de cannabis no mundo antigo. As afirmações de Heródoto foram confirmadas mais de dois mil anos depois com uma variedade de descobertas arqueológicas. Mais notavelmente, em tumbas em Paryzyk, o arqueólogo russo Sergei Rudenko descobriu um monte funerário cita congelado que abrigava um rei guerreiro cita mumificado e tatuado. Também recuperados no local com armas, ornamentos de ouro e outros itens, foram braseiros com restos de cannabis queimada e aparatos para pequenas tendas portáteis que eram usadas para conter os vapores da planta

queimada. A partir desses restos, agora sabemos que as sementes de cannabis descritas por Heródoto eram, na verdade, botões com sementes (Rudenko, 1970).

A queima de plantas para produzir fumaça psicoativa foi um desenvolvimento muito importante na vida mágica do homem antigo. A fumaça era um meio particularmente eficaz para produzir estados alterados em uma situação de grupo. "[E]m algumas cerimônias religiosas e em muitos rituais mágicos, o transe era desejado, e a fumaça era instrumental, porque através dela o sacerdote, o médium, o mago, o xamã e outros podiam participar da experiência final. Oferecer um pharmakon[1] em uma bebida nem sempre era praticável... mas a fumaça tem a vantagem de alcançar um grande grupo, se for forte o suficiente" (Luck, 1985/2006).

O relato acima é interessante em comparação com o uso de cannabis pelo xamã dos Citas e tribos trácias relacionadas. Os xamãs trácios eram conhecidos como Kapnobatai, ou "caminhantes da fumaça". Os Kapnobatai queimavam cannabis acreditando que a entidade viva dentro da planta se remontava dentro de seus corpos para dar revelações divinas. O livro de 1925, Psyche: The Cult of Souls and the Belief in Immortality Among the Greeks, de Erwin Rohde, afirma que "Os trácios conheciam o cânhamo. Foi assim com uma espécie de haxixe que eles se intoxicaram.... Os trácios... podem muito bem ter usado a intoxicação através de fumaças de haxixe como um meio de se excitarem para suas danças religiosas extáticas. Os Antigos estavam bastante familiarizados com a prática de inalar fumaça aromática para produzir alucinações religiosas" (Rohde, 1925). Da mesma forma, o notável Professor de História Religiosa e Religião Comparada, Mircea Eliade, também se referiu ao uso de cânhamo entre os trácios, afirmando que os Kapnobatai eram "dançarinos e 'xamãs' que usavam a fumaça do cânhamo para trazer transes extáticos" (Eliade, 1982).

Relatos antigos também indicam que, junto com seu papel em "velórios para os mortos", o xamã cita utilizava cannabis e outras drogas para o "êxtase" também. Um monte funerário de uma múmia de mulher tatuada, vista como uma líder xamânica da tribo ou a "escolhida dos Espíritos", também foi encontrado com cannabis. "A bruxaria desempenhava um grande papel na vida cita. Os magos adivinhavam com feixes de gravetos, e os Enarees por trançar [com fusos] rapidamente (Nijjar, 2008). Em Greek and Roman Necromancy, Daniel Ogden se refere a uma passagem da Medeia de Sêneca (cerca do século I d.C.) onde o poeta "Estácio faz uma... atribuição implícita de necromancia a [Medeia] quando seu Tirésias se compara favoravelmente a uma mulher da Cólquida chamando fantasmas com drogas citas" (Ogden, 2001).

Os Citas também eram conhecidos por seus chapéus cônicos, em muitos aspectos idênticos na aparência àqueles associados às bruxas clássicas da Europa. Como as bruxas europeias posteriores, encontramos o uso de plantas psicoativas, mudança de forma, lançamento de maldições e outros aspectos também atribuídos a seus

predecessores citas. Em relação a isso, é interessante notar que uma influência cita na bruxaria europeia posterior foi convincentemente argumentada por Carlo Ginzburg em Ecstasies: Deciphering the Witches' Sabbath (Ginzburg, 2004).

Também é importante notar que artefatos de tumbas citas mostraram que a cannabis não era apenas queimada pelos Citas, mas também consumida em bebidas infundidas. O botânico Robert C. Clarke descreveu uma taça de chifre que foi descoberta em uma tumba de Paryzyk, onde braseiros para queimar cannabis também foram encontrados. O recipiente era "8 polegadas de altura, confeccionado a partir de placas cuidadosamente costuradas de chifre a vapor e dobrado - continha bebida cerimonial incluindo cannabis, -leve, -portátil, inquebrável" (Clarke, 1998). Evidências mais recentes, que serão discutidas no Capítulo 4, mostram que taças elaboradas passaram a ser usadas para esse propósito entre os Citas. "O poder de manifestar estados de inspiração e poderes proféticos foi muito aprimorado quando os homens aprenderam a fazer bebidas intoxicantes.... Os fenômenos mentais apresentados sob o efeito de estimulantes podem ser idealidade excitada, inspiração, o desejo de profetizar... e sob essas condições o selvagem maravilhado observa e se maravilha, considerando a erva ou fruto capaz de induzir tais efeitos de origem divina e essas manifestações especiais a evidência de um estado supernal" (King, 1892).

A prática de consumir cannabis em bebidas parece ter sido particularmente popular entre os Citas nas regiões persas, onde, como observamos anteriormente, eles eram mais comumente conhecidos como os Sakas. Interessantemente, esse consumo de cannabis em bebidas pelos Citas foi conectado com um dos enigmas da história antiga, uma libação sagrada conhecida nos textos religiosos persas, o Avesta, como Haoma, e na tradição indiana relacionada dos Vedas, como Soma. Essa similaridade de nomes, bem como na linguagem e mitologia, deve-se ao fato de que as duas religiões têm uma origem idêntica com um culto indo-europeu muito anterior usuário de cannabis.

Os nomes Soma e Haoma fazem referência a um símbolo, que era ao mesmo tempo um deus, uma planta, uma bebida e a lua no céu. Vários candidatos botânicos foram sugeridos como sendo a base para Soma/Haoma, como o cogumelo amanita muscaria, arruda síria, efedra, lótus azul e espécies de cogumelos como psilocibina e amanita muscaria, junto com outros candidatos.

No entanto, como é mostrado em meu livro anterior, Cannabis and the Soma Solution, há novas evidências arqueológicas que indicam que o antigo Soma e Haoma era provavelmente uma preparação que incluía cannabis. Uma ampla variedade de estudiosos indianos também sugeriu que o Soma védico era uma bebida à base de cannabis (Bennett, 2010).

As conexões com a cannabis foram ainda mais fortalecidas pelas descobertas arqueológicas de cannabis presente em um local de Templo de 4000 anos na antiga região de Báctria e Margiana, agora conhecida como BMAC (Complexo Arqueológico de Báctria Margiana). O local do Templo em BMAC era dedicado à preparação do Haoma, de acordo com o arqueólogo russo Victor Sarianidi, onde ele afirma que evidências de cannabis, efedra e, em alguns casos posteriores, ópio, foram moídas e coadas para a preparação de Haoma.

O respeitado historiador de cannabis, Dr. Mike Aldrich, observa que a efedra, que contém efedrina, provavelmente foi adicionada à bebida sagrada por seus efeitos estimulantes, permitindo que os participantes permanecessem bem acordados durante a noite em festivais de canto e dança, "...isso era distribuído na sala pública desses santuários, e bebido pelas pessoas na forma de uma libação, e então eles teriam festivais de canto e dança a noite toda, assim como ainda fazem na Índia, onde bhang (cannabis) e charas (haxixe) são usados em seu lugar. Sobre o BMAC, é interessante notar que o Professor Victor Sarianidi afirma que tem sido uma teoria de longa data entre alguns historiadores que os "Citas/Saka nômades desde os tempos antigos haviam feito tentativas de se estabelecer nas terras férteis de Margiana. Esta suposição agora é totalmente apoiada por... fatos arqueológicos..." (Sarianidi, 1998).

A relação dos Citas com o Haoma era de fato próxima, tanto que eles eram amplamente conhecidos como os "Coletores de Haoma". Referindo-se aos Citas sob seu nome persa de "Sakas", Guive Mirfendereski observou que os Citas do leste da Ásia Central são chamados de "Homa Saka" e "haumavarka" (Coletores de Haoma) (Mirfendereski, 2005). Como Mirfendereski, que acredita que o título Haomavarga veio aos Citas através de seu uso de cânhamo, o arqueólogo Bruno Jacobs também sugeriu que o nome derivou da prática cita de colocar cannabis em pedras quentes para liberar seus vapores intoxicantes (Jacobs, 1982).

Curiosamente, a identificação da cannabis com Soma e Haoma não era desconhecida entre os ocultistas do século XIX. Isso pode ter sido devido em parte às Researches in Oriental History de George W. Brown: "...Haoma...

segredos ocultos. As lendas arturianas estão ligadas à história do Santo Graal e sua busca. Este era um símbolo da sabedoria esotérica, especialmente para os Teosofistas que se apropriaram da lenda. Qualquer um que se nomeasse após o Rei Arthur ou a ilha mística de Avalon seria considerado como se identificando com o ocultismo, aos olhos dos Teosofistas (Taylor, 2001).

![Ilustração do livro de Laurence, The Great Book of Magical Art, Hindu Magic and Indian Occultism (1915), mostrando a queima de drogas hindus secretas para invocar poderes mágicos.]

Esta interpretação arturiana/do Graal também foi adotada pelos proponentes da Magia Sexual na Ordo Templi Orientis, da qual Crowley foi por um tempo Grão-Mestre. Um Grão-Mestre da O.T.O., anterior a Crowley, Theodore Reuss, escreveu um artigo sobre magia sexual, "Parsifal and the Secrets of the Graal Unveiled" ("Parsifal e os Segredos do Graal Revelados"), em 1914, e fez referência direta às práticas e simbolismo tântricos.

Nos ritos sexuais tântricos, a cannabis era frequentemente consumida. Embora Shiva seja o Senhor do Bhang, a cannabis aparece em oferendas a várias outras divindades, como aquelas dedicadas à consorte de Shiva, Kali, Deusa da Vida e da Morte. O mantra de cannabis de Kali é: "Om, Hrim Ambrosia, que brota da ambrosia, Tu derramarás ambrosia, traz ambrosia para mim repetidamente. Traga Kalika sob meu controle. Dê sucesso; Svaha" (Avalon, 1913). Nos ritos tântricos, a cannabis manteve seu antigo epíteto védico de 'Vijaya' (Vitória). Como Arthur Avalon (também conhecido como Sir John Woodroffe) explicou: "Vijaya, usada em cerimônias para Kali: Isso é o narcótico Bhang (cânhamo)... usado em todas as cerimônias" (Avalon, 1913).

Na Índia e no Tibete medievais, feiticeiros em busca de poderes mágicos glorificavam o uso de uma bebida de maconha (bhang)... em cerimônias sexuais tântricas derivadas do antigo culto Soma. Um círculo de homens e mulheres nus está conduzindo um experimento do sistema nervoso central. Eles consagram uma tigela de bhang a Kali, deusa do terror e do deleite. À medida que o bhang começa a fazer efeito, os adoradores excitam mentalmente a serpente na base da coluna, enviando ondas de energia até o córtex (Aldrich, 1978).

O respeitado estudioso e historiador de sânscrito, Haraprasad Shastri (1853-1931), acreditava que "o Tantra veio de fora da Índia. Muito provavelmente veio com os sacerdotes-Magi dos Citas" (Shastri, 1911). Como tanto o Soma quanto a cannabis (sejam eles a mesma coisa ou separados) são considerados como tendo chegado à Índia via os Citas ou outros grupos indo-europeus relacionados, juntamente com os ritos tântricos, todos podem ser componentes de um complexo cultural e religioso estrangeiro muito mais antigo, que foi adotado na Índia e sobreviveu, embora modificado, até os tempos modernos.

Os Magos

> Os Magos parecem ter conhecido as propriedades narcóticas do ópio, cânhamo e outras substâncias; e por longos jejuns e a administração desses opiáceos, induziam um estado de transe ou êxtase, favorável à concepção de visões e à estimulação de acessos de inspiração. Eles estavam acostumados a propiciar os

> espíritos com canções e cânticos altos, seja de triunfo ou tristeza, súplica ou indignação.
>
> - J. Maxwell, Dwellers on the Threshold: Or, Magic and Magicians, (1865)

O nome Magi, de onde obtemos termos como "magia" e "mágico", é geralmente associado ao antigo Zoroastrismo, mas há uma conexão cita aqui também. E essa relação surge ao tentar entender o que aconteceu com o "Haoma" na Pérsia, onde ainda é consumido. No entanto, acredita-se que a receita do Haoma tenha mudado por volta da época das reformas do Profeta Zoroastro.

Dos ingredientes encontrados no BMAC, efedra, ópio e cannabis, apenas a planta estimulante efedra é conhecida por ser usada em preparações modernas de Haoma. A literatura zoroastriana posterior indicou que inicialmente o reformador Zoroastro baniu o culto de Haoma, por seus rituais orgiásticos que duravam a noite toda. Embora o uso de Haoma tenha posteriormente retornado aos rituais zoroastrianos e tenha continuado, apenas a efedra é usada. No entanto, vários textos zoroastrianos indicam que o próprio Zoroastro continuou usando cannabis, e que ela era usada na iniciação de certos membros de elite da religião, e para alcançar as visões místicas que influenciaram profundamente sua cosmologia. Os textos zoroastrianos referem-se a uma substância conhecida variavelmente como bhanga, ou em pahvlavi como mang. Bhanga ainda é usado na Pérsia para identificar cannabis, e o termo indiano relacionado bhang também ainda é usado.

Em referência às expedições zoroastrianas ao mundo do além, Shaul Shaked observou que "A preparação desta jornada era feita... administrando ao oficiante uma dose de mang (cânhamo), misturada com vinho" (Shaked, 1999).

"Diz-se comumente que Zoroastro temperou o Haoma com mang, que provavelmente era haxixe. Isso teria prolongado a intoxicação e estimulado ainda mais a imaginação do homem drogado. De tais são as maravilhas do Céu" (Oliver, 1994). No conto zoroastriano "...o Artak Viraz Namak... Inferno, Purgatório e Céu, as recompensas concedidas aos bons e a punição aguardando o pecador são aqui descritos em uma visão induzida pelo haxixe" (Campbell, 2000). Referindo-se a este mesmo relato, T.P. van Baaren e Franz Hartman também observaram que o herói "ingere um intoxicante composto de vinho e haxixe e depois disso seu corpo dorme por sete dias e noites enquanto sua alma empreende a jornada" (van Baaren & Hartman, 1980). O autor do século XIX James Francis Katherinus Hewitt também se refere à "droga iluminadora profética Bangha (Cannabis Indica), o Haxixe pelo qual os sacerdotes zoroastrianos foram inspirados" (Hewitt, 1901). Esta também foi a visão de H.S. Nyberg (1938) e do iranista alemão Geo Widengren (1965), bem como de muitos pesquisadores recentes.

Ao contrário do uso do Haoma pré-zoroastriano, e sua contraparte desnaturada após as reformas de Zoroastro, que eram abertos a grande parte da comunidade, o uso de bhang/mang no período zoroastriano era estritamente proibido para qualquer pessoa exceto os membros mais elitizados daquela sociedade. O segredo em torno do uso de bhanga/mang é provavelmente em grande parte responsável por muita da confusão em torno dos termos mang e bhanga. Em Quests and Visionary Journeys in Sasanian Iran, Shaul Shaked observa que o uso de mang (que ele via como cânhamo) para buscas visionárias "não era um caminho aberto a todos":

> Era confinado a indivíduos selecionados, que se considerariam representantes da comunidade, e que então revelariam aos outros o que haviam tido o privilégio de testemunhar. Mesmo para essas pessoas, esta não era uma experiência trivial que pudesse ser realizada casualmente ou facilmente repetida. Tais jornadas eram ocasiões raras, cercadas por graves riscos. O perigo estava no próprio fato de que este era o caminho trilhado pelos mortos, e teria que ser trazido de volta à vida. Certos encontros ao longo do caminho podem colocar à prova o poder de resistência do viajante (Shaked, et al., 1999).

A história conta que Zoroastro vagou pelo campo por dez anos sem conquistar o povo para seus novos conceitos religiosos. Foi somente quando ele conheceu o Rei Vishtaspa, que se converteu à religião de Zoroastro após beber uma taça de mang, que as crenças do profeta iraniano começaram a se firmar em larga escala. "Vishtaspa usou cânhamo (bhang) para obter êxtase: enquanto seu corpo dormia, sua alma viajava ao paraíso" (Eliade 1978). A jornada xamânica de Vishtaspa está registrada em Denkird 7.4.83-6 e Pahlavi Rivayat 48.27-32. No texto do século IX, o Denkird, que foi derivado de uma fonte avéstica perdida, quando Vishtaspa bebeu bhang "ele ficou stard (inconsciente) imediatamente, e eles levaram sua alma ao paraíso e mostraram a ele o valor de aceitar a Religião":

> Para iluminar Vishtasp (e ensiná-lo)... e que ele alcançaria um alto posto, poder permanente, riquezas e alimento, Ohrmazd o Criador enviou ao mesmo tempo à casa de Vishtasp o yazat [um ser divino menor] Neryosang com uma mensagem instando... Arthavist a dar de beber a Vishtasp a bebida iluminada que concederia ao olho de quem a tomasse um vislumbre do mundo espiritual.... E falar a Arthavist: 'Senhor Arthavist! Pegue o belo prato, o mais belo de todos os que foram feitos... para pegar, de nós, Horn [Haoma] e mang...' (Denkird 7.4.84-86).

Gherardo Gnoli registrou: "bang era... um ingrediente da 'bebida iluminadora'... que permitiu a Wistasp ver... o 'grande mistério'. Este mang I wistaspan (Pahlavi Vd. 15.14...) era misturado com horn (Denkard 7.4.85) ou vinho (Pahlavi Rivayat 47.27). Era uma parte

integral da prática extática destinada a abrir o 'olho da alma' (gyan casm....)" (Gnoli, 1979). Como Widengren explicou:

> Cânhamo e vinho ou cânhamo e Haoma foram misturados na taça que foi passada a Vistaspa... é dito que Neryosang foi enviado para deixar Vistaspa beber "o olho da alma" com a visão acima para as formas de existência dos seres celestiais, a poção iluminadora graças à qual Vistaspa viu o grande esplendor afortunado e mistério. A expressão típica gyan casm, "olho da alma", causa problemas aqui. Alguém poderia ser tentado a substituir esta expressão por "fonte da vida", e isso de fato é como foi traduzido, o que em um sentido filológico formal puro é completamente possível. No entanto, a expressão pode ser explicada via dois pontos no Denkart, onde, em relação à iluminação, afirma-se que é de dois tipos: por um lado consiste em uma visão com o olho do corpo, tan casm, por outro lado é uma visão com o olho da alma, gyan casm, que é definido como 'a abertura do olho da alma para obter conhecimento'. "O olho da alma" significa introspecção. A visão visionária é transmitida a Kavi Vistaspa usando uma poção de Haoma misturada com cânhamo. Com isso, sua alma pode reparar para Garodman [Paraíso] para ver a existência celestial (Widengren, 1965).

Uma referência similar ao "olho" é encontrada no indiano Aitareya Brahmanam, "Quando... o Adhvaryu entrega... a taça de Soma para beber... ao Hotar, ele a recebe com o... mantra... (Pelas palavras): Este é um bem que tem conhecimento; aqui está um bem que tem conhecimento; em mim está um bem que tem conhecimento; governante do olho, proteja meu olho' o Hotar bebe Soma do Maitravaruna graha [taça ritual para Soma]. (Então ele repete): O olho com a mente é chamado para cá.'" Martin Haug, em sua tradução desta passagem, observou "Esta fórmula se assemelha muito a uma das orações mais sagradas dos Parsis... que é particularmente repetida quando o sacerdote Zotar (o Hotar dos Brâmanes) está bebendo o suco de Homa (Soma)..." (Haug, 1863). Em relação a isso, na Índia, acredita-se ainda que o consumo de bhang ou o fumo de ganja pelos devotos abra o "olho" de Shiva, ou seja, o "terceiro olho".

No entanto, parece que após a instituição do período muçulmano, quando os zoroastrianos foram forçados a sair da Pérsia ou forçados a se converter ao Islã, o uso ritual da cannabis na religião diminuiu e eventualmente parece ter ido para a clandestinidade. Embora haja evidências de que algum uso ainda estava em vigor durante o reinado do Rei Sassânida Khusraw Parvez (557-628) e no "Azerbaijão, um antigo centro da religião zoroastriana e terra natal dos citas usuários de cannabis, manuscritos medievais também registram o uso de vinho infundido com uma mistura de cannabis, ópio e meimendro" (Dannaway, Piper & Webster, 2007). Geralmente considera-se que através desses canais o uso da cannabis foi adotado pelos ramos mais místicos do Islã. Pelo que vi nos dias atuais, qualquer menção ao antigo uso de cannabis

pela religião por zoroastrianos praticantes do mainstream é recebida com descrença e desdém.

O título Magi tem sido usado por mais de 2.500 anos em referência ao Zoroastrismo. No período helenístico, quando os gregos estavam assimilando tanto de outras culturas, as tradições, seja com precisão ou não, os ritos misteriosos dos zoroastrianos tornaram-se associados a tudo, desde astrologia até necromancia, e o termo "magi" começou sua transição para se tornar nossas palavras modernas "magia" e os praticantes disso, "magos". Esta associação entre "magia" e ritos e práticas ocultas foi particularmente revitalizada no período medieval, onde Zoroastro era frequentemente considerado o criador da magia. Como a Encyclopedia Iranica observou:

> A maioria dos estudiosos europeus proeminentes de magia do início do período moderno dedicou pelo menos uma breve passagem ao suposto inventor dessa disciplina. Aqui, pode ser suficiente mencionar os nomes de autores como Heinrich Cornelius Agrippa de Nettesheim (1486-1535), Giordano Bruno (1548-1600), Giambattista Della Porta (ca. 1535-1615), Jean Bodin (1530-96), Gabriel Naude (1600-53) e Eliphas Levi (1810-75)... [E]sses autores... eram a favor de uma versão "pura" ou "natural" da magia que era cuidadosamente distinguida de seu ramo "demoníaco". Correspondentemente, Zoroastro passou a ser considerado um homem sábio, que conheceria os segredos da natureza e do céu (Stausberg, 2005).

Zoroastro também aparece frequentemente nos escritos de ocultistas posteriores, como Blavatsky, Paschal Beverly Randolph, Crowley e outros. Várias vezes em seus escritos, Crowley emprestou uma frase de The Chaldean Oracles of Zoroaster: "Os cinturões da Alma, que lhe dão respiração, são fáceis de serem soltos" (Westcott, 1895) em referência aos efeitos da resina de cannabis; "Talvez o haxixe seja a droga que 'solta os cinturões da alma'." (Crowley, 1909).

Também deve-se notar que as viagens interiores desses psiconautas zoroastrianos são consideradas como tendo influenciado as cosmologias judaica e cristã, com suas viagens ao Céu e ao Inferno, bem como contos de um fim dos tempos semelhante ao Apocalipse. A influência cosmológica zoroastriana a este respeito tem sido há muito observada. Considerando as fortes conexões entre os zoroastrianos e os citas já discutidas, juntamente com a alta mobilidade destes últimos, não é tão surpreendente que sua influência também possa ser sentida.

[1] Vale a pena mencionar que as conclusões de Eliade aqui podem ter sido extraídas de sua própria experiência pessoal. Quando jovem na Índia, em 1931, ele experimentou tanto ópio quanto bhang (cannabis). "Uma vez fumei bhang e lembro que tive uma noite vertiginosa, pois o sentido de espaço havia mudado e me senti tão leve que sempre que

queria virar para um lado, eu caía da cama. [...] [A planta] bhang tem uma qualidade curiosa de focar e aprofundar o pensamento, qualquer pensamento que domine a consciência no momento da intoxicação. Certamente, se é um pensamento religioso 'como se presume que seja', a meditação é perfeita. Lembro-me, no entanto, que eu tinha tido naquela noite uma discussão literária com um visitante do ashram e aquela noite foi para mim repleta de pesadelos [...]" (Eliade, 1931/1991) Conforme citado em (Oisteanu, 2007)

"Em março de 1924, com apenas 17 anos de idade, Mircea Eliade publicou (sob o pseudônimo de Silviu Nicoara) um artigo corajoso, 'Os Artistas e o Haxixe', explicando nele por que muitos artistas e escritores (Gerard de Nerval, Alexandre Dumas-Pai, Theophile Gauthier, Charles Baudelaire etc. [todos os quais serão discutidos no Capítulo 22]) usaram a intoxicação com haxixe: para aumentar sua criatividade intelectual e mobilidade. 'Tomado em quantidade infinitesimal' - escreveu o adolescente Eliade, citando Charles Richet-, '[o haxixe] descongela a mente tornando-a adequada para coisas difíceis de entender e dá a ela também uma continuidade incrível de ideias.' O adolescente Eliade concluiu que, tomado em grandes doses, o haxixe induz estados extáticos: 'Naquele momento a alma deixa o corpo e você sente que está mergulhando no éter' ('Ziarul Științelor populare' [O jornal das Ciências Populares], no. 21, 18 de março de 1924, p. 172)" (Ostineau, 2007).

(n. 685-ca. 627 a.C., reinou 669-ca. 631 a.C.). A cannabis não era apenas peneirada para incenso como o haxixe moderno, mas as propriedades ativas também eram extraídas em óleos. "Traduzindo 'Letters and Contracts, no.162' (Keiser, 1921), qu-un-na-pu é observado entre uma lista de especiarias (Scheil, 1921) (p. 13), e seria traduzido do francês (EBR), '(qunnapu): óleo de cânhamo; haxixe'" (Russo, 2005). Nos ritos religiosos babilônicos, "a inspiração era derivada da queima de incenso, que, se seguirmos evidências obtidas em outros lugares, induzia um transe profético. Os deuses também eram invocados pelo incenso" (Mackenzie, 1915). Registros da época do pai de Assurbanipal, Esarhaddon, identificam a cannabis (qunubu) como um dos principais ingredientes dos "ritos sagrados". Em uma carta escrita em 680 a.C. para a mãe do rei assírio, Esarhaddon, é feita referência a qu-nu-bu. Em resposta à pergunta da mãe de Esarhaddon sobre "O que é usado nos ritos sagrados", um sumo sacerdote respondeu que "os principais itens... para os ritos são óleo fino, água, mel, plantas odoríferas (e) cânhamo [qunubu]" (Waterman, 1936).

A cannabis era claramente um implemento ritual importante desde o início na Mesopotâmia. O Professor George Hackman referiu-se a inscrições de 4.000 anos indicando cannabis em Temple Documents of the Third Dynasty of Ur From Umma, que descreviam um "Memorando de três oferendas regulares de cânhamo" (Hackman, 1937). Evidências indicam que na antiga Mesopotâmia a cannabis também era ingerida

em alimentos para fins rituais, bem como consumida em bebidas, semelhantes às preparações de Haoma/Soma, e também aplicada topicamente (Bennett, 2010).

Como observou o estudioso do século XIX Francois Lenormant em Le Magie chez les Chaldean: "O Mago Caldeu usava meios artificiais, drogas intoxicantes por exemplo, para atingir esse estado de excitação, atos de purificação e rituais misteriosos aumentavam o poder das encantações. Entre esses rituais misteriosos deve ser contado o uso de poções encantadas que sem dúvida continham drogas que eram medicamente eficazes" (Lenormant 1874).

Uma tábua médica assíria da coleção do Louvre foi transliterada: "Para que deus do homem e homem estejam em boa relação: ...com heléboro, cannabis e tremoço você o esfregará" (Russo 2005). Preparações tópicas similares contendo cannabis, como será discutido mais tarde, ocorrem no Sepher Raziel/Liber Salomonis do século XVI e outros grimórios, e também foram empregadas por ocultistas posteriores como L.A. Cahagnet e P.B. Randolph, entre outros. Outras referências transculturais a tais preparações tópicas de cannabis foram identificadas (Bennett & McQueen, 2001; Bennett, 2006).

O Health Canada realizou testes científicos que mostram que a absorção transdérmica de THC pode ocorrer. A pele é o maior órgão do corpo, então, é claro, consideravelmente mais cannabis é necessária para ser eficaz dessa maneira, muito mais do que quando ingerida ou fumada. As pessoas que usavam o Óleo Sagrado literalmente se encharcavam com ele.

Com base em um óleo de 25mg/g, o Health Canada encontrou penetração cutânea de THC (33%). "A alta concentração de THC fora da pele encoraja a penetração, que é uma função da diferença entre o exterior e o interior (onde a concentração é essencialmente zero)." O Health Canada, que estava preocupado com pessoas ficando "altas" com produtos corporais de cânhamo, concluiu que, mesmo com o conteúdo de THC limitado a 10 ppm, "margens inadequadas de segurança existem entre a exposição potencial e os níveis de efeito adverso para canabinoides em cosméticos, alimentos e produtos nutracêuticos feitos de cânhamo industrial" (Health Canada, 2001). Conversei pessoalmente com o Dr. James Geiwitz em uma conferência logo após a publicação deste estudo, e ele me disse que sentia que isso oferecia fortes evidências para os potenciais efeitos psicoativos do Óleo Sagrado.

Somente aqueles que haviam sido "dedicados pelo óleo da unção de... Deus" (Levítico 21:12) tinham permissão para atuar como sacerdotes. No estado "sagrado" produzido pelo óleo da unção, os sacerdotes eram proibidos de deixar os recintos do santuário (Levítico 21:12), e a passagem acima do Êxodo deixa bem clara a sacralidade deste unguento, cujo uso os sacerdotes guardavam com ciúme. Essas regras provavelmente foram feitas para que outros membros tribais não descobrissem o segredo por trás de

Moisés e das novas revelações xamânicas do sacerdócio. Ou pior ainda, tomassem para si a iniciativa de fazer uma preparação semelhante - um evento que provavelmente levaria Moisés e seus companheiros levitas a perderem sua autoridade sobre seus homólogos tribais antigos. Aqueles que quebravam este forte tabu tribal arriscavam a penalidade de serem "cortados de seu povo", uma sentença de morte virtual no selvagem mundo antigo. Segredos revelados equivalem a poder perdido é uma regra geral comum a xamãs e magos em todo o mundo, e os antigos xamãs hebreus guardavam seus segredos tão ferozmente quanto qualquer um. "As palavras faladas pelo Senhor a Moisés... 'onde me encontrarei contigo', devem ser tomadas no sentido literal mais estrito. Deus aparecerá ao sacerdote que usa a substância da maneira adequada. Mas as sanções contra qualquer uso frívolo e casual são formidáveis.... Por sua natureza, um 'enteógeno' é cercado por tabus, porque dá acesso à divindade, e o tremendo poder que transmuta deve ser controlado" (Luck, 1985/2006).

Além disso, este Óleo Sagrado deveria ser usado especificamente na Tenda da Reunião, onde o anjo do Senhor "falaria" a Moisés de um pilar de fumaça sobre o altar. Pelo que se pode entender pelas descrições em Êxodo, Moisés e posteriormente os Sumos Sacerdotes se cobriam com este unguento e também derramavam um pouco sobre o altar de incenso antes de queimá-lo e durante o ritual. "Além de seu papel na unção, o Óleo Sagrado dos Hebreus era queimado como incenso, e seu uso era reservado à classe sacerdotal" (Russo, 2007).

Na Torá, o pilar de fumaça que se erguia diante de Moisés na "Tenda da Reunião" é referido como a "Shekinah" e é identificado como a evidência física da presença do Senhor. Nenhum dos outros hebreus no relato do Êxodo vê ou ouve o Senhor, eles só sabem que Moisés está falando com o Senhor quando a fumaça está saindo da Tenda da Reunião. É difícil não ver todos os elementos clássicos do xamanismo em ação nesta descrição do encontro de Moisés com Deus, e como Zoroastro, Moisés pode ser visto como uma figura xamânica extática que usou cannabis como meio de buscar conselhos celestiais. Tais técnicas de invocação certamente ocorrem em práticas mágicas posteriores.

O "Mago" Moisés obtinha suas mensagens do Senhor em um ato de capnomancia[1] bíblica, e este era um uso tradicional da cannabis em rituais mágicos que foi mantido até os tempos modernos. Como Ernest Bose De Veze, que também escreveu um "Tratado sobre o Haxixe", observou em Petite Encyclopedie Synthetique des Sciences Occultes, em referência à "capnomancia... para adivinhação... a fumaça obtida de plantas psíquicas como verbena, haxixe ou cânhamo indiano... [são] usadas" (Bose, 1904). Em casos como este, não havia apenas o efeito psicoativo da fumaça usada, mas a fumaça

fornecia a base parcialmente material na qual a entidade ou visão invocada poderia ser vista. "O mago... queimava substâncias aromáticas e ungia seu corpo com unguentos perfumados. Todo o cenário para uma epifania estava lá: agora tudo o que era necessário era que a divindade aparecesse" (Brashear, 1991).

> ...a fumaça em si era a epifania. A fumaça era inalada pelo mago e seu cliente, e a visão vinha em transe. O cheiro de substâncias psicoativas... age no cérebro humano de uma maneira muito rápida e muito previsível.
>
> ...a inalação do incenso sagrado poderia criar uma poderosa visão da divindade no sacerdote. Outros fatores provavelmente também estavam envolvidos, o cheiro do Óleo Sagrado com o qual o sacerdote, o altar e outros objetos sagrados dentro do templo eram ungidos, a superfície dourada do altar que refletia o brilho das lâmpadas.... As superfícies brilhantes, refletindo as lâmpadas sacrais próximas, poderiam ajudar a induzir transe no sacerdote enquanto ele respirava fumaça (Luck, 1985/2006).

Assim como Moisés recebia suas respostas em uma nuvem ondulante de fumaça infundida com resina de cannabis, podemos ver a partir de uma referência em Isaías, que quando a cannabis estava faltando, as respostas obtidas eram mais difíceis de trazer à tona! O Senhor reclama que foi enganado em sua oferta de cannabis. Quando o profeta busca conselho, o Senhor reclama: "Tu me compraste cana aromática (kaneh) com dinheiro, nem me encheste com a gordura de teus sacrifícios: mas me fizeste servir com teus pecados, me cansaste com tuas iniquidades."

Outras evidências textuais de Isaías, embora não identifiquem a cannabis pelo nome, dão indicações claras de que às vezes a fome do Senhor por sua fumaça favorita estava sendo aplacada e o cânhamo estava sendo usado como um incenso xamânico dentro dos recintos do templo, em elaboradas cerimônias xamânicas:

> E os umbrais da porta se moveram à voz daquele que clamava, e o templo se encheu de fumaça.
>
> Então disse eu: "Ai de mim, porque estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de lábios impuros; porque os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos exércitos."
>
> Então voou um dos serafins para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz, E a pôs sobre a minha boca, e disse: "Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado" (Isaías 6:4-7).

Aqueles de nós que estão familiarizados com o haxixe sabem que ele queima de maneira semelhante tanto ao incenso quanto ao carvão, e não é difícil imaginar um xamã antigo elaboradamente vestido, com uma máscara e asas fabricadas, levantando um carvão ardente de haxixe, ou botão prensado, aos lábios do antigo profeta Isaías. Curiosamente, o portador das tenazes é descrito como um "serafim", que se traduz como uma "serpente ardente", e tem sido associado ao "Nehushtan" que Moisés fez e o rei Ezequias mais tarde destruiu durante suas próprias reformas religiosas, porque os israelitas estavam queimando incenso para ele dentro do próprio templo.

Kaneh (cannabis) também pode ser encontrado no que é a mais bela peça de prosa em toda a Bíblia, o Cântico dos Cânticos de Salomão 4.14, onde cresce em um pomar de frutas exóticas, ervas e especiarias:

> Vem comigo do Líbano, minha noiva, vem comigo do Líbano.... Quanto mais agradável é o teu amor do que o vinho, e a fragrância do teu unguento do que qualquer especiaria!... A fragrância das tuas vestes é como a do Líbano.... Tuas plantas são um pomar de romãs com frutos escolhidos, com hena e nardo, nardo e açafrão, kaneh [cannabis] e canela, com todo tipo de árvore de incenso... (Cântico dos Cânticos 4:8-14).

Salomão tem sido frequentemente associado à magia, e isso é particularmente verdadeiro nas tradições mágicas europeias medievais, onde grimórios como Clavicula Salomonis (A Chave de Salomão, séculos XIV-XV) e o Clavicula Salomonis Regis do século XVII (A Chave Menor de Salomão), ambos representam um exemplo típico da magia renascentista. O mais interessante de tais manuscritos mágicos é o Sepher Raziel: Liber Salomonis do século XVI, que será discutido no capítulo 15.

No entanto, a reputação de Salomão para a magia remonta muito mais longe do que isso. O Testamento de Salomão, que se acredita datar de algum momento entre o primeiro e o terceiro século d.C., é um dos textos mágicos mais antigos relativos ao antigo rei judeu. Este texto é um catálogo pseudepigráfico de demônios convocados pelo rei Salomão, e como eles podem ser combatidos invocando anjos e outras técnicas mágicas. O Testamento de Salomão refere-se a uma história onde o rei-mago força um demônio a fiar cânhamo. "Então eu ordenei a ela que fiasse o cânhamo para as cordas usadas na construção da casa de Deus; e, consequentemente, quando eu a selei e amarrei, ela ficou tão dominada e reduzida a nada que ficou noite e dia fiando o cânhamo" (O Testamento de Salomão, 100-300 d.C.).

Referências à cannabis ingerida também têm sido sugeridas há muito tempo, como em um ensaio de 1903, "Indications of the Hachish-Vice in the Old Testament", o Dr. Creighton referiu-se a relatos nos livros de Daniel, Samuel e particularmente Ezequiel a este respeito. "'Filho do homem, come o que está diante de ti, come este rolo; então vai

e fala à casa de Israel.' Então abri a boca e ele me deu o rolo para comer.... Então eu o comi, e ele tinha um sabor tão doce quanto mel na minha boca.... Então o Espírito me levantou, e ouvi atrás de mim um som alto e estrondoso - Que a glória do Senhor seja louvada em sua morada! - o som das asas das criaturas vivas roçando umas nas outras e o som das rodas ao lado delas, um som alto e estrondoso. O Espírito então me levantou e me levou embora..." (Ezequiel 3:4-14).

Outros sugeriram que a importante figura bíblica e apócrifa Esdras consumiu um vinho infundido com cannabis. Esdras, também referido como Esdras, foi uma figura-chave da reforma monoteísta judaica depois que os persas os haviam devolvido à sua terra natal. Curiosamente, pelo menos dois pesquisadores, vivendo com mais de um século de diferença e de diferentes partes do mundo, concluíram que Esdras recebeu sua inspiração para este ato da mesma fonte de inspiração que seus senhores zoroastrianos... um vinho infundido com cannabis! Aqui está o próprio relato de Esdras. Esdras disse ao povo para não procurá-lo por quarenta dias, e ele partiu para o deserto, levando consigo cinco pessoas que deveriam atuar como seus escribas:

> No dia seguinte, eis que uma voz clamou para mim dizendo: Esdras, abre tua boca e bebe o que eu te dou para beber! Então abri minha boca, e eis que ele me alcançou uma taça cheia, que estava cheia como se fosse de água, mas a cor dela era como fogo. Eu a tomei e bebi: e quando a bebi, meu coração proferiu entendimento, e a sabedoria cresceu em meu peito, pois meu espírito foi fortalecido e minha memória; e minha boca foi aberta e não mais fechada: e eles se sentaram quarenta dias, e escreveram durante o dia, e à noite comiam pão. Quanto a mim, eu falava durante o dia, e não continha minha língua durante a noite. Em quarenta dias, eles escreveram duzentos e quatro livros (2 Esdras 14:38-44).

Como George W. Brown registrou há mais de um século:

> Uma voz lhe pediu para abrir a boca, ele - a voz, é claro - alcançou a Esdras uma taça cheia. Seria interessante saber de quem era a voz que possuía tais poderes não naturais; ainda assim, apreendemos que o leitor está muito mais ansioso para saber o conteúdo da taça... que possuía tal capacidade maravilhosa, provavelmente a mesma possuída pelo "fruto da árvore" que crescia "no meio do jardim", comer o qual abriu os olhos de nossos primeiros pais, e permitiu-lhes ver "como Deuses conhecendo o bem e o mal." Achamos que podemos fornecer esta informação desejada, para fazer isso somos obrigados a antecipar alguns fatos existentes entre os adoradores zoroastrianos...

> a apresentação formal do líquido extraído ao fogo sacrificial... o consumo de uma pequena porção dele por um dos ministros oficiantes, e a divisão do restante entre os adoradores...
>
> O que era o Haoma ou Homa, a produção da planta lunar, crescendo naquelas regiões da Ásia muito ao norte para o cultivo bem-sucedido da uva, e ainda produzindo tais propriedades intoxicantes? É conhecido nos livros médicos como Apocynum Cannabinum, e pertence à família do Cânhamo Indiano, Cannabis Indica sendo uma preparação oficial dele. Agora é conhecido na Índia como bhang, e é popularmente conhecido entre nós como haxixe, cujos efeitos estimulantes e intoxicantes são bem conhecidos pelos médicos (Brown, 1890).

documentos gnósticos cristãos sobreviventes. Durante os primeiros quatrocentos anos após o nascimento de Jesus, o termo "cristão" era usado para descrever uma ampla variedade de seitas e um grande volume de documentos diferentes. Através da aceitação de um dos ramos mais ascéticos do cristianismo pela classe dominante romana, o cristianismo eventualmente se tornou a religião oficial de seus antigos perseguidores. Em um esforço para unificar a fé em uma massa controlável, a recém-formada Igreja Católica Romana realizou vários concílios. Esses concílios proibiram não apenas os pagãos, mas também as diferentes seitas cristãs, e no século IV editaram uma riqueza de literatura cristã, reduzindo-a aos poucos documentos escassos que sobreviveram como o Novo Testamento moderno.

O termo Gnóstico, que significa "conhecimento", é um termo genérico que se refere a uma variedade de seitas cristãs primitivas que tinham crenças extremamente diferentes sobre Jesus e seus ensinamentos em comparação com aquelas que chegaram até nós através do cristianismo moderno e do Novo Testamento.

De seita para seita, havia alguma variação na crença gnóstica, embora existam algumas características comuns mais amplas. Alguns dos temas mais comuns no gnosticismo incluem a crença de que o "deus criador", Ialdabaoth, identificado com o deus dos judeus, Yahweh, é visto como uma entidade demoníaca responsável pelo aprisionamento da Luz na matéria, através da criação do mundo material. A teologia gnóstica diz respeito à redenção desta Luz de volta ao Reino original da Luz do qual primeiro emanou. Na visão gnóstica, o Rei, ou Reino da Luz, existia no lugar de onde o Universo criado começou, que eles localizavam em algum lugar além das sete esferas planetárias. Cada uma das esferas planetárias era considerada pelos gnósticos como a personificação de um dos sete arcontes malignos, criados por Ialdabaoth como ajudantes que o auxiliavam contribuindo com um selo que aprisionava ainda mais a luz na matéria. O resultado final desse aprisionamento foi o mundo criado; ou seja, a Terra e a humanidade. Através da Gnose, isto é, "conhecimento", a luz aprisionada no homem poderia ser redimida de volta ao Reino original da Luz de onde veio.

(Os sete arcontes planetários gnósticos parecem idênticos em muitos aspectos às sephiroth planetárias da Cabala judaica, e provavelmente esta tradição posterior se desenvolveu a partir de cultos gnósticos judaicos). Como registra uma oração gnóstica mandeia dessas crenças:

> Do lugar da luz eu parti, da habitação brilhante... Um Uthra [anjo] da casa da Vida me acompanhou. O Uthra... segurava um cajado de água viva em sua mão. O cajado que ele segurava em sua mão estava cheio de folhas de um tipo excelente. Ele me ofereceu de suas folhas, e orações e rituais brotaram completos delas. Novamente ele me ofereceu delas, e meu coração doente encontrou cura e minha alma alienada alívio. Uma terceira vez ele me ofereceu delas, e ele voltou para cima os olhos em minha cabeça para que eu contemplasse meu Pai e o conhecesse... Pedi-lhe caminhos suaves para ascender e contemplar o lugar da luz.[1]

Na tentativa de salvar seus manuscritos das chamas editoriais da Igreja Católica Romana, certos cristãos, agora considerados hereges gnósticos, esconderam cópias de seus pergaminhos em cavernas. Um desses antigos esconderijos foi redescoberto no Alto Egito em 1945, e a grande coleção de documentos cristãos primitivos foi denominada Biblioteca de Nag Hammadi, em referência à área egípcia onde foi encontrada. Antes dessa descoberta, o pouco que se sabia sobre os gnósticos vinha de alguns textos fragmentários que haviam chegado através dos séculos em mãos privadas, e das muitas polêmicas escritas contra eles pelos fundadores da Igreja Católica.

Não há razão para considerar esses antigos documentos gnósticos como retratos menos precisos da vida e dos ensinamentos de Jesus do que os relatos do Novo Testamento. Em certo sentido, a redescoberta da Biblioteca de Nag Hammadi marca a ressurreição de um Jesus mais histórico, um sábio rebelde extático que pregava a iluminação através de rituais envolvendo plantas mágicas, e que é mais análogo ao mago arquetípico do que ao asceta piedoso e salvador crucificado que chegou até nós através do Novo Testamento da Bíblia.

Também deve-se notar que os próprios gnósticos podem ter desempenhado algum papel no vazio de conhecimento da história sobre suas práticas. Os gnósticos eram conhecidos por mentir abertamente durante as primeiras perseguições romanas aos cristãos, muitas vezes negando sua fé e dizendo aos seus perseguidores exatamente o que eles queriam ouvir, e depois voltando aos negócios habituais depois que os romanos haviam partido. A prática da "reserva intelectual" (reservatio mentalis), significando a ocultação de sua fé dos perseguidores, era uma técnica bem conhecida dos gnósticos secretos, e como meio de sobrevivência, práticas semelhantes foram posteriormente usadas por alquimistas e ocultistas para ocultar suas próprias atividades dos olhos curiosos da Inquisição.

Em seu livro, Contra as Heresias (Adversus Haereses), fundamental na identificação e nas razões para a supressão das seitas gnósticas, o pai da Igreja primitiva e apologista Ireneu (130-200 d.C.), posteriormente nomeado santo católico, discutiu os textos gnósticos que se referiam ao rito da unção, e acusou os gnósticos de iniciar com "sacramentos secretos", afirmando que eles foram escritos de maneira arcaica "para confundir ainda mais aqueles que estão sendo iniciados". Os naasenos, em particular, referiam-se ao óleo da unção como um "crisma inefável", significando que era tão secreto que não deveria ser totalmente expresso em palavras. Isso deixa pouca dúvida sobre por que a unção caiu em desuso no catolicismo e foi substituída pelo batismo com água. A partir de informações obtidas tanto por seus críticos quanto pelos próprios textos gnósticos, podemos ver que o batismo com água versus o rito da unção foi um dos principais pontos de discórdia que dividiu o cristianismo primitivo no que viria a se tornar a Igreja Católica e as seitas gnósticas.

O "Evangelho Gnóstico de Filipe" faz referência direta a como o Óleo Sagrado "curou as feridas", e não surpreendentemente encontramos que a cannabis era usada em pomadas e unguentos para queimaduras e feridas durante toda a Idade Média. A resina de cannabis também era usada para outras aplicações tópicas, especialmente no alívio da dor de articulações desgastadas e aleijadas. Os "Atos de Tomé" afirmam especificamente: "Tu, Óleo Sagrado, dado a nós para santificação... tu és o endireitador dos membros tortos". Esta qualidade medicinal do óleo de cannabis poderia explicar a cura milagrosa de aleijados atribuída a Jesus e seus discípulos.

Um antigo texto cristão, "Os Atos de Pedro e dos Doze Apóstolos", que é mais antigo que o Novo Testamento finalizado, estimado como tendo sido registrado no segundo século d.C., mostra Jesus dando aos discípulos uma "caixa de unguento" e uma "bolsa cheia de remédios" com instruções para que eles fossem à cidade e curassem os doentes. Jesus explica que você deve curar "os corpos primeiro" antes de poder "curar o coração".

Além disso, sabemos com certeza que a cannabis era usada para fins medicinais na Terra Santa, a partir de registros arqueológicos. Como o arqueólogo Joel Zias e seus colegas explicaram sobre a descoberta de cannabis medicinal com os restos mumificados de uma jovem mulher que morreu nas dores do parto: "Presumimos que as cinzas encontradas na tumba eram cannabis, queimadas em um recipiente e administradas à jovem como um inalante para facilitar o processo de parto" (Zias, et al., 1993). Esta descoberta de cannabis em uma caverna judaica em Bet Shemesh foi posteriormente apoiada pela análise de vasos de vidro do local que também continham evidências de resíduos canabinoides (Zias, 1995).

No entanto, em relação a este estudo, são as referências que têm uso mágico de tais substâncias que são de maior interesse. Mesmo antes da composição final do Novo Testamento, afirmações estavam sendo feitas de que Jesus era um "Mago". "Nos

'Reconhecimentos Clementinos', a acusação é feita contra Jesus de que ele não realizou seus milagres como um profeta judeu, mas como um mago, um iniciado dos templos pagãos" (Doane 1882). "Uma tradição 'antiga' (mas sem nome) no Talmude Babilônico relata que... [Jesus] deveria ser apedrejado porque praticava magia e incitava [os judeus a adorar deuses estrangeiros] e [como falso profeta] desviou Israel" (Smith 1978). Da mesma forma, Celso explicou que Jesus, nascido de nascimento ilegítimo, depois de ter "sido criado na obscuridade... foi como trabalhador contratado para o Egito e lá adquiriu experiência de alguns poderes [mágicos]. Daí ele retornou proclamando-se um deus por causa desses poderes". Os "poderes" referidos por Celso são os "milagres" atribuídos a Jesus (em grego, a palavra significa tanto o poder em si quanto os milagres feitos por ele). Foi através da realização de tais milagres que Jesus começou a se estabelecer como o Messias prometido na mente do povo.

> Vocês (judeus) enviaram homens escolhidos para todas as partes do império como representantes oficiais (do Sumo Sacerdote e do Sinédrio), proclamando: "Uma heresia ímpia e libertina surgiu de um certo Jesus, um mago galileu. Nós o crucificamos, (mas) seus discípulos o roubaram à noite da tumba onde ele havia sido colocado (quando retirado da cruz), e eles enganam as pessoas, dizendo que ele ressuscitou dos mortos e ascendeu ao céu" (Justino Mártir [100-165 d.C.], Diálogo com Trifão).

Nos primeiros séculos d.C., grupos gnósticos cristãos como os arconticos, valentinianos e setianos rejeitaram o batismo com água como supérfluo, referindo-se a ele como um "batismo incompleto". No tratado gnóstico "Testemunho da Verdade, o Batismo com água é rejeitado com uma referência ao fato de que Jesus não batizou nenhum de seus discípulos" (Rudolph 1987). Por outro lado, ser "ungido com unções inefáveis", os chamados "selamentos" registrados em textos gnósticos, pode ser visto como um evento muito mais literal do que os muitos batismos metafóricos a que se referem. "Há água na água, há fogo no crisma" (Evangelho de Filipe). "A unção com óleo era a introdução do candidato na bem-aventurança imarcescível, tornando-se assim um Cristo" (Mead 1900).

As descrições gnósticas sobreviventes dos efeitos do rito da unção deixam muito claro que o óleo sagrado tinha intensas propriedades psicoativas que preparavam o receptor para a entrada na "bem-aventurança imarcescível".

De fato, no tratado gnóstico, o Evangelho de Filipe registra que: "A unção (crisma) é superior ao batismo. Pois da unção fomos chamados 'ungidos' (Cristãos), não por causa do batismo. E Cristo também foi (assim) nomeado por causa da unção, pois o Pai ungiu o filho, e o filho ungiu os apóstolos, e os apóstolos nos ungiram. Aquele (portanto) que foi ungido tem o Todo. Ele tem a ressurreição, a luz, a cruz, o Espírito Santo..." Os textos gnósticos afirmam ainda que se "alguém recebe esta unção... esta pessoa não é mais um

cristão, mas um Cristo" (Evangelho de Filipe). Como observou o respeitado especialista alemão em gnosticismo, Kurt Rudolph:

> A unção com óleo tem uma representação maior que o batismo na Gnose e... é até considerada mais significativa.... Conotações mágicas também desempenharam um papel importante: o óleo de unção expulsava demônios e dava proteção contra eles; correspondentemente, curava e dissipava a "doença" da alma e do corpo. Daí o exorcismo (expulsão) era realizado por meio da unção. Os antigos textos mágicos fornecem abundante evidência para esta aplicação do óleo. (Rudolph 1987).

A importância do unguento Sagrado entre os primeiros cristãos também é atestada no livro apócrifo, Os Atos de Tomé, que tem o rito da unção claramente eclipsando o significado e a importância do placebo do batismo com água. Isso, e os efeitos enteogênicos[2] dos unguentos derivados de uma certa "planta", é aptamente demonstrado nas orações e invocações que o livro apócrifo registrou como acompanhando o rito. "Óleo Sagrado, dado a nós para santificação, mistério oculto no qual a cruz nos foi mostrada, tu és o revelador das partes ocultas. Tu és o humilhador dos atos obstinados. Tu és aquele que mostra os tesouros escondidos. Tu és a planta da bondade. Que teu poder venha... por esta [unção]."

Curiosamente, os textos gnósticos dão indicações de que a cannabis, ou possivelmente alguma outra substância psicoativa, que também pode ter sido queimada como incenso, e usada por Jesus, junto com o óleo de unção enriquecido com cannabis e outros enteógenos, em cerimônias xamânicas complicadas. Resumindo uma tradução alemã do "Segundo Livro de Ieou [também conhecido como Jeu]", que se acredita ter sido originalmente escrito em papiro em algum momento entre o primeiro e o terceiro século d.C., o Professor G.R.S. Mead descreveu este tratado gnóstico que registrou a história de Jesus convidando seus doze discípulos homens junto com algumas discípulas mulheres, para se juntarem a ele para que ele possa revelar a eles o grande mistério do Tesouro da Luz. Isso envolvia um sistema complicado de senhas e iniciações, que prometia ao candidato bem-sucedido a obtenção das chaves da Gnose necessárias para passar pelas esferas planetárias com seus correspondentes signos zodiacais, bem como por seus vários guardiões, de volta ao reino da luz. Este tratado claramente retrata Cristo no papel do redentor cósmico. Para realizar isso, os candidatos têm que ser iniciados pelos três Batismos; O Batismo da Água, o Batismo do Fogo e o Batismo do Espírito Santo, "e depois disso o Mistério do Crisma Espiritual [ou seja, a unção]" (Mead 1900).

Em referência aos vários selos e seus símbolos mencionados em "Os Livros de Jeu", Erin Evans observa que, embora muito raro para esta era, "símbolos semelhantes com uso comparável abundam nos períodos medieval e renascentista... [embora] seja impossível determinar se uma tradição ou mentalidade contínua existiu entre esses

períodos" (Evan, 2015). Evans aponta para grimórios como O Picatrix e A Chave Menor de Salomão a este respeito, bem como as obras de magos como Dr. John Dee e Agrippa. Como veremos ao longo deste estudo, esses rituais gnósticos e suas ascensões através dos arcontes planetários têm muito em comum com a magia astral do período medieval e renascentista, e isso também inclui o uso de cannabis e outras substâncias psicoativas.

Jesus diz a seus seguidores que os mistérios-mestres do Tesouro da Luz são as Sete Vozes (talvez as senhas corretas para passar pelas esferas planetárias), o Grande Nome de todos os nomes (provavelmente o nome secreto do "deus oculto"), e o mistério das Cinco Árvores, que neste caso, pode significar ter conhecimento de certas plantas mágicas que foram usadas como catalisador xamânico na cerimônia. Estas mesmas cinco árvores foram mencionadas no que é possivelmente o texto cristão mais antigo existente, O Evangelho de Tomé: "...há cinco árvores para você no Paraíso.... Quem se familiarizar com elas não experimentará a morte." Na visão gnóstica, "não experimentar a morte" significava alcançar um certo estado de inteligência que permitiria à alma escapar do ciclo de reencarnação e retornar ao Reino da Luz.

> Todos esses mistérios Jesus promete dar a Seus discípulos, para que eles possam ser chamados "Filhos da Plenitude (Pleroma) aperfeiçoados em todos os mistérios". O Mestre então reúne Seus discípulos, homens e mulheres, ao seu redor com as palavras: "Venham todos vocês e recebam os três Batismos antes que eu lhes conte o mistério dos Governantes!"
>
> ...Eles o fazem, e o Mestre estabelece um lugar de oferenda... colocando uma jarra de vinho à direita e à esquerda, e espalha certas bagas e especiarias ao redor dos vasos; Ele então faz os discípulos se vestirem com túnicas de linho branco, coloca uma certa planta em suas bocas, e o número das Sete Vozes e também outra planta em suas mãos, e os organiza em ordem ao redor do sacrifício (Mead 1900).

rituais iniciatórios a partir da descrição das condenações do pai da igreja do segundo século, Ireneu, sobre as travessuras sexuais e com drogas do mestre gnóstico Marcos. Mesmo em sua forma depreciativa, o relato de Ireneu sobre o rito realizado por Marcos "oferece uma visão notável e muito singular da celebração gnóstica da Eucaristia", que eles acreditavam "efetuar uma realização da unidade original do Pleroma" (Rudolph 1987). O pai da igreja Ireneu estava enfurecido com Marcos, o mago, orando sobre uma taça de líquido púrpura misturado com vinho, uma mistura que ele afirmava ser o sangue da Graça. Como Ireneu escreveu sobre o uso desta preparação pelo gnóstico Marcos:

> Fingindo consagrar taças misturadas com vinho, e prolongando por grande extensão a palavra de invocação, ele consegue dar-lhes uma cor púrpura e

avermelhada, para que Charis, que é uma daquelas que são superiores a todas as coisas, seja pensada como derramando seu próprio sangue naquela taça por meio de sua invocação, e que assim aqueles que estão presentes sejam levados a se alegrar ao provar daquela taça, para que, ao fazê-lo, a Charis, que é apresentada por este mago, também flua para eles... Quando isso é feito, ele... pronuncia estas palavras: "Que aquela Charis que está diante de todas as coisas, e que transcende todo conhecimento e discurso, preencha teu homem interior, e multiplique em ti seu próprio conhecimento, semeando o grão de mostarda em ti como em solo bom..."

Parece bastante provável que este homem possua um demônio como seu espírito familiar, por meio do qual ele parece capaz de profetizar, e também permite que tantos quantos ele considera dignos de serem participantes de sua Charis também profetizem. Ele se dedica especialmente às mulheres, e àquelas que são bem-educadas, e elegantemente vestidas, e de grande riqueza, as quais ele frequentemente busca atrair para si, dirigindo-se a elas com palavras sedutoras como estas: "Estou ansioso para fazer-te participante de minha Charis, já que o Pai de todos contempla continuamente teu anjo diante de Sua face. Agora, o lugar de teu anjo está entre nós: convém-nos tornarmo-nos um. Recebe primeiro de mim e por mim [o dom da] Charis. Adorna-te como uma noiva que está esperando seu noivo, para que sejas o que eu sou, e eu o que tu és. Estabelece o germe da luz em tua câmara nupcial. Recebe de mim um esposo, e torna-te receptiva a ele, enquanto és recebida por ele. Eis que Charis desceu sobre ti; abre tua boca e profetiza."

Ao responder a mulher: "Nunca profetizei, nem sei como profetizar"; então, engajando-se, pela segunda vez, em certas invocações, de modo a espantar sua vítima iludida, ele diz a ela: "Abre tua boca, fala o que quer que te ocorra, e tu profetizarás." Ela então, vãmente inchada e exaltada por estas palavras, e grandemente excitada na alma pela expectativa de que é ela mesma quem vai profetizar, seu coração batendo violentamente [de emoção], atinge o tom necessário de audácia, e de forma ociosa e imprudente profere algum absurdo conforme lhe ocorre, tal como poderia ser esperado de alguém aquecido por um espírito vazio.... Doravante ela se considera uma profetisa, e expressa seus agradecimentos a Marcos por ter compartilhado com ela sua própria Charis. Ela então faz o esforço de recompensá-lo, não apenas pelo dom de suas posses (dessa forma ele acumulou uma fortuna muito grande), mas também cedendo a ele sua pessoa, desejando de todas as maneiras unir-se a ele, para que ela possa tornar-se completamente uma com ele...

Alguns de seus discípulos, também, entregando-se às mesmas práticas, enganaram muitas mulheres tolas, e as contaminaram. Eles proclamam-se

> como sendo "perfeitos", de modo que ninguém pode ser comparado a eles no que diz respeito à imensidão de seu conhecimento, nem mesmo se você mencionasse Paulo ou Pedro, ou qualquer outro dos apóstolos. Eles afirmam que eles mesmos sabem mais do que todos os outros, e que somente eles absorveram a grandeza do conhecimento daquele poder que é inefável. Eles também sustentam que atingiram uma altura acima de todo poder, e que, portanto, são livres em todos os aspectos para agir como desejam, não tendo ninguém a temer em nada. Pois eles afirmam que, por causa da "Redenção", aconteceu que eles não podem ser apreendidos, nem mesmo vistos pelo juiz.

Vale notar que o vinho infundido de Marcos é referido como o "sangue" de Charis, em relação à identificação similar do vinho como o "sangue de Cristo" na Eucaristia cristã. De acordo com Ireneu, o rito da Câmara Nupcial, conforme realizado por Marcos e seus seguidores, ocorria em um banquete, e o candidato era determinado por sorteio. O rito é obviamente reminiscente do Casamento Sagrado do Cântico dos Cânticos, e dos ritos de fertilidade dos cananeus, onde se acreditava que a união física dos participantes atuava como magia imitativa para a união de Deus e Deusa (Pope 1977; Bennett & McQueen, 2001). Quanto aos gnósticos, eles aparentemente relacionavam seu próprio rito sexual na cerimônia da Câmara Nupcial, e sua união de duas almas, como representando a conjunção celestial da entrada da centelha de luz ligada à terra de volta ao Um, ou Pleroma (Reino da Luz). Esta cerimônia gnóstica semelhante ao Tantra também é referida no tratado gnóstico "A Ode a Sofia", que descreve como "alimento imortal (ambrosia) os nutre" bem como a câmara ritual onde o rito era realizado. "Sua câmara é brilhante com luz e exala o odor de bálsamo e todas as especiarias, e emite um doce cheiro de mirra e folha indiana, e dentro estão murtas espalhadas no chão, e de todo tipo de flores odoríferas..."

Novamente, como no Tantrismo, onde vinho, cannabis e uma variedade de outros intoxicantes são usados, podemos ver a partir das referências ao vinho, alimento ambrosíaco e especialmente "Folha Indiana" (que parece uma provável referência à cannabis), que substâncias semelhantes, se não idênticas, eram usadas. A referência à "folha indiana" em um texto gnóstico abre a possibilidade de que as referências a "charis" nas menções a Marcos possam ter sido em referência a um nome indiano da resina de cannabis, "charas", dado a quem "ele considera digno de ser participante de sua Charis". Da mesma forma, com o uso intercambiável de "Chaff", que traz à mente a palha psicoativa ao redor das sementes de cannabis, se considerarmos a possibilidade de cannabis nesta referência, embora a visão mais geral seja que Charis indica a Deusa da graça. Como Tom Hatsis, que voltou aos textos gregos originais, explicou recentemente sobre esta situação, Marcos era "conhecedor da ars magica pharmaka, Marcos... formou sua própria igreja, um instituto com partes iguais de filosofia grega, enteogenismo pagão e magia sexual" (Hatsis, 2018):

> O principal rito de mistério de Marcos lembra algo semelhante à Câmara Nupcial [Gnóstica], ainda que apenas em sua santificação do coito e pharmaka. No entanto, em vez de paralelizar a união sexual de Sofia e Cristo (como no mistério da Câmara Nupcial), Marcos ensinava que "Charis" despertada enteogenicamente[1] estava presente tanto em mulheres quanto em homens com um trimma especial - um vinho "misturado". E aqui eu realmente quero dizer "enteogênico" propriamente dito. Isso não era um misteógeno. Pois Charis, a deusa da graça, derramaria seu sangue - sua essência - na Eucaristia, tornando-a acessível a qualquer um que participasse, um uso de pharmaka tão enteogênico quanto oráculos "inalando" Apolo ou bacantes "bebendo" Dionísio (Hatsis, 2018).

Através de tal uso de sexo ritual e drogas, na visão tântrica: "o mundo fenomenal é transcendido, as dualidades abolidas, o ego perdido, e os dois opostos polares se fundem em um estado de unidade íntima e bem-aventurada. É uma experiência da extinção da alma em Deus, e um prenúncio do divino" (Walker 1982). Textos como o "Kularnava Tantra" chegam a afirmar que a união sexual é o único meio pelo qual a união suprema pode ser plenamente realizada no plano material. "A experiência da luz absoluta... quando alcançada através da... união sexual... é a Luz Clara da Gnose e da consciência Nirvânica" (Eliade 1962).

Os primeiros cristãos gnósticos que realizavam esta cerimônia sexual não viam nada de herético em suas ações, mas consideravam o rito um ato religioso espiritualmente imbuído. Além disso, como indicado pelos documentos gnósticos sobreviventes, eles acreditavam que neste rito erótico continuavam uma tradição ensinada pelo próprio salvador e transmitida a eles através dos apóstolos. Além disso, parece que esses ritos sexuais gnósticos provavelmente influenciaram práticas posteriores na tradição alquímica, e certamente desempenharam um papel influente na Magia Sexual de ocultistas posteriores, particularmente Aleister Crowley e a Missa Gnóstica, e o papel eucarístico atribuído aos fluidos sexuais na magia sexual, que era uma característica comum dos antigos ritos sexuais gnósticos, que explorei em detalhes sórdidos em outro lugar, bem como o uso de drogas em conjunto com tais ritos (Bennett & McQueen, 2001). Séculos depois, acusações de ritos sexuais gnósticos seriam feitas tanto contra os Templários quanto contra as Bruxas.

> "Eu te darei as chaves do reino dos céus..."

As escrituras gnósticas indicam que não eram apenas alucinações visionárias poderosas e promessas de uma vida após a morte que eram buscadas nas iniciações realizadas por Jesus (e outros gnósticos posteriores), mas, de fato, uma profunda mudança psicológica no participante que lhes oferecia uma nova perspectiva sobre o mundo e seu papel nele. Isso era realizado através dos ensinamentos secretos conhecidos como "as chaves do

reino dos céus", que o Jesus do Novo Testamento deu secretamente a seus discípulos, e que são representados pelas iniciações e tratados gnósticos. Uma pessoa não estava verdadeiramente "salva" até que tivesse atingido um estado elevado de Gnose que sua prática e estudo ofereciam ao devoto dedicado. Como Jesus explica na Pistis Sophia: "Eu vos digo, mesmo que um homem justo não tenha cometido nenhum pecado, é impossível levá-lo ao Reino da Luz, porque o sinal do Reino dos Mistérios não está com ele."

Na visão gnóstica, tanto a salvação quanto a obtenção do "reino dos céus" no plano material eram realizadas por algumas seitas gnósticas através de reflexão auto-analítica e uma série de iniciações enteogênicas. Acreditava-se que esses rituais restauravam a alma à sua pureza original, como era antes de seu aprisionamento na matéria. Na crença gnóstica, as centelhas de luz que desciam do Reino da Luz eram continuamente revestidas de falhas e paixões adquiridas de cada uma das sete esferas planetárias à medida que desciam à terra, e eram esses atributos que impediam o iniciado de alcançar a iluminação. É a partir deste modelo que encontramos as origens dos "Sete Pecados Capitais" cristãos. "À medida que as almas descem, elas trazem consigo o torpor de Saturno, a ira de Marte, a concupiscência de Vênus, a ganância de Mercúrio, a luxúria pelo poder de Júpiter; coisas que causam uma confusão nas almas, de modo que elas não podem mais fazer uso de seu próprio poder e faculdades próprias" (Jonas 1958). Esta visão cosmológica mais tarde se tornaria uma parte fundamental da Magia Hermética Ocidental.

Como as sete camadas de roupas e joias que Ishtar removeu em sua antiga mitologia de descida e na qual a ascensão das esferas planetárias provavelmente se originou, as iniciações gnósticas forneciam os meios para despir essas sete camadas onerosas de faculdades mentais e atributos emocionais. Poimandres, escrevendo por volta de 150 d.C., nos dá alguma ideia do que esta iniciação de sete estágios esperava realizar, bem como uma explicação adicional da cosmologia gnóstica que exemplifica sua relação tanto com o Cabalismo judaico com suas sephiroth, quanto com o yoga indiano com seus chakras, bem como outros sistemas antigos semelhantes.

> À primeira zona ele dá a capacidade de crescer ou diminuir, à segunda (zona) suas maquinações malignas, uma astúcia (doravante) ineficaz, à terceira (zona) o engano da luxúria (doravante) ineficaz, à quarta (zona) o amor ganancioso ineficaz pelo poder, à quinta (zona) a audácia ímpia e a temeridade imprudente, à sexta (zona) esforços malignos ineficazes por riquezas, e à sétima (zona) a mentira à espreita... [E]ntão, despojado de todas as atividades da harmonia (das esferas), ele alcança a natureza da Ogdóada... (agora) com seu próprio poder, e com aqueles que estão lá, ele louva o Pai.... Então, em ordem, eles sobem ao Pai, transformam-se em poderes, e tendo se tornado poderes, eles (mesmos) vêm a estar em Deus (Poimandres, século II).

Um sistema quase idêntico pode ser encontrado nos ritos mitraicos que se originaram de influências zoroastrianas (e pelos quais os gnósticos foram obviamente tão fortemente influenciados), à medida que a alma ascendia através dessas "diferentes zonas, ela se livrava, como se fossem vestes, das paixões e faculdades que havia recebido em sua descida à terra, abandonava à Lua sua energia vital e nutritiva, a Mercúrio seus desejos, a Vênus seus apetites perversos, ao Sol suas capacidades intelectuais, a Marte seu amor pela guerra, a Júpiter seus sonhos ambiciosos, a Saturno suas inclinações. Estava nua, despojada de todo vício e toda sensibilidade, quando penetrava no oitavo céu..." (Cumont 1956).

Joseph Campbell comparou a ascensão mitraica de sete estágios à técnica indiana de Kundalini Yoga, onde o "objetivo era trazer a... força espiritual do yogi, de seu assento mais baixo na base da coluna vertebral, por um caminho interior até a coroa da cabeça, completando sete estágios, em cada um dos quais as limitações psicológicas dos planos inferiores de compromisso são superadas" (Campbell 1964).

Ao fornecer um programa formalizado para esta ascensão espiritual, o culto mitraico visava "provocar... uma transformação psicológica no candidato ao conhecimento, como resultado da qual sua mente deveria repousar na compreensão de que a dualidade é secundária" (Campbell 1964). Alain Danielou sentiu que as descrições encontradas em textos indianos "podem ser úteis para interpretar as várias referências feitas aos... ritos de iniciação mitraicos, bem como aqueles de... tradições posteriores, como os gnósticos..." (Danielou 1992).

Curiosamente, vários estudiosos modernos sugeriram que cannabis e outras plantas eram usadas nas iniciações mitraicas. Como observado, o Dr. David Hillman, que possui os graus combinados de Ph.D. em Clássicos e M.S. em Bacteriologia, escreveu extensivamente sobre o papel das drogas na Grécia e Roma Antigas. "Eu teria que dizer que sim, a cannabis era muito difundida no culto de Mitra" (Hillman, 2014). O Professor de Clássicos, Carl Ruck, explica: "O Mitraísmo era a forma do culto Haoma... [da] religião zoroastriana, conforme passou para a Europa... era uma das três grandes religiões do Império Romano, finalmente suplantada pelo cristianismo. Eles tinham uma sequência de sete iniciações, nas quais uma variedade de diferentes drogas sagradas teriam sido empregadas... eles se reuniam em um pequeno espaço confinado subterrâneo, e o espaço era sempre defumado. Assim, entrar no espaço sagrado teria dado uma sensação de santidade, e sem dúvida a cannabis era um dos ingredientes no incenso" (Ruck, 2014). Escrevendo no final do século XIX, George W. Brown sentiu que o culto mitraico continha elementos do culto Haoma, e que a cannabis era um ingrediente chave nessa preparação.

CAPÍTULO 3

Os Hashishin

> ...entre os Dervixes, a excitação mental e o germe entusiástico são atribuídos por eles inteiramente à inspiração divina, surgindo do Zikr, ou invocação da Divindade. Entre alguns deles, no entanto, meios materiais também são utilizados com o propósito de excitar, se não as faculdades mentais, pelo menos o cérebro, de modo a produzir vislumbres visionários do que é considerado por eles pelo menos um prenúncio da felicidade e do prazer futuros, naquela existência que, os mais sensatos, consideram ser inteiramente de caráter "espiritual".... A primeira intenção do Haxixe evidentemente não era como estimulante. Era destinado como um soporífero "espiritual", produzindo aquela quietude da alma tão cara aos orientais, e conhecida em todas as regiões sob influência árabe pelo nome de "Kaif"... Em Constantinopla é conhecido pelo nome de "esrar", palavra que significa um produto ou preparação secreta...
>
> — John Porter Brown, The Dervishes, or Oriental Spiritualism, (1868)

O encontro da Europa medieval com o mundo islâmico foi fundamental na introdução/reintrodução de coisas como Alquimia, Magia, Ciência e Medicina no Mundo Ocidental, que antes das cruzadas medievais, havia sofrido um período apropriadamente referido como a Idade das Trevas, entre os séculos IV e XII. Na Europa, sob a dominação católica, muito conhecimento foi perdido e reprimido. Além disso, o mundo islâmico foi o ponto de eixo para o retorno do conhecimento antigo sobre a cannabis para o Ocidente.

Alguns sugeriram que o haxixe e a cannabis eram virtualmente desconhecidos durante os primeiros séculos da história muçulmana, e não se tornaram populares até o século XII. No entanto, embora não fossem conhecidos pelas massas, há indicações claras de que algum uso místico da cannabis continuou na Pérsia através do período zoroastriano tardio e nos primeiros tempos islâmicos, embora envolto em segredo. Como outros observaram, "o uso das drogas intoxicantes já era conhecido nos tempos pré-muçulmanos sob Khusraw Parwez, [governou 590-623 d.C.]" (Houtsma, et al., 1936/1993). Khusraw Parwez foi um rei sassânida que governou de 590-628 d.C. "A tradição mazdeísta... o condena como um tirano injusto, responsável pelo declínio da religião e do império" (Yar-Shater, 1983). O botânico do século XIX William Dymock também se referiu à tradição persa sobre a introdução da cannabis durante o reinado do rei sassânida Khusraw, mas sustentava a visão de que o uso da cannabis na área era muito mais antigo: "De acordo com a tradição, o uso do cânhamo como intoxicante foi primeiramente dado a conhecer na Pérsia por Birarslan, um peregrino indiano, no

reinado de Khusru [sic] o Primeiro... mas... suas propriedades prejudiciais parecem ter sido conhecidas muito antes dessa data" (Dymock, 1893). Assim, mesmo no período final do império zoroastriano, parece provável que o uso antigo da cannabis tenha continuado, e que isso foi reconhecido por certas fontes islâmicas. "O cânhamo... como intoxicante... foi transmitido através dos persas aos árabes" (Sherratt, 1997). De fato, alguns dos textos zoroastrianos que discutimos por suas referências à cannabis sob os nomes bhanga e mang, sobrevivem em cópias que foram transcritas tão tarde quanto o século V d.C., o que nos aproxima do início do período islâmico. De fato, ao explorarmos as referências ao uso do haxixe entre os ismaelitas persas, temos uma clara sensação de que as tradições e crenças zoroastrianas sobre a cannabis viajaram com ela.

Independentemente de como chegou ao Islã, uma vez lá, alguns membros da sociedade a abraçaram enquanto outros a consideravam com desdém. A cannabis não é explicitamente proibida como o álcool no Alcorão, então a relação islâmica com a cannabis tem flutuado um pouco ao longo dos séculos, e através de diferentes regiões, às vezes aceita e celebrada, outras vezes proibida e punida. Os primeiros comentaristas islâmicos "nunca deixaram de observar o fato de que o haxixe não é mencionado no Alcorão ou nas antigas tradições proféticas, nem foram capazes de encontrar qualquer referência expressa a ele em nome das quatro escolas jurídicas" (Rosenthal, 1971). Como resultado dessa falta de clareza sobre a moralidade de seu uso, a cannabis tem sido cercada de controvérsia e, portanto, uma questão de debate na sociedade islâmica desde os primeiros tempos.

Apesar das duras tentativas de proibição, nos tempos medievais tardios, o uso do haxixe era surpreendentemente difundido. Em The Herb: Hashish versus Medieval Muslim Society, Franz Rosenthal cita o poeta sufi medieval Fuzuli (1483-1556) que observou que "o Haxixe pode reivindicar ser o amigo dos dervixes e estar disponível no canto de cada mesquita e entre todos os tipos de estudiosos" (Rosenthal, 1971). Em relação à atitude islâmica medieval em relação à cannabis, é importante notar, em relação a este estudo, que numerosos estudiosos sugeriram uma influência zoroastriana no desenvolvimento do Islã, e concebivelmente tal influência persa criou uma aceitação cultural predisposta do uso do cânhamo em círculos esotéricos islâmicos. Como Joseph Campbell explicou: "É óbvio que em cada sílaba o Islã é uma continuação da herança zoroastriana-judaico-cristã..." (Campbell, 1964). Esta influência é particularmente aparente em grupos islâmicos persas como os sufis, ismaelitas e assassinos, que foram todos largamente influenciados pela tradição zoroastriana, e seu uso do haxixe é claramente uma continuação da tradição persa mang/Haoma.

Os Assassinos, ou Hashishins (comedores de haxixe) como também são conhecidos, bem como sufis, dervixes e magos islâmicos, todos têm uma relação fascinante com o haxixe, e até mesmo o amado fundador e profeta da religião se tornou parte desse folclore. Muhammad era um comerciante desde jovem e trabalhava nas antigas rotas

comerciais entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Índico. Sem dúvida, como resultado disso, ele teria sofrido muita influência estrangeira e entrado em contato com as raras mercadorias comercializadas por outros viajantes, que podemos ter certeza incluíam produtos de cannabis, bem como os mitos de magia que cercavam seu consumo. A maior parte da influência da cannabis parece ter se originado na região persa, e curiosamente uma influência zoroastriana foi sugerida no relato da ascensão de Maomé aos céus, conforme descrito no Alcorão e discutido em detalhes na literatura Hadith. Vários pesquisadores sugeriram que este evento, bem como os detalhes nele contidos, foram emprestados da história persa de "Arda Wiraz Namag", e sua jornada induzida pela cannabis para o além-mundo (Gray, 1902; Jackson, 1928). Esta viagem astral à Ponte Cinvat mencionada no Arda Wiraz Namag foi particularmente comparada com a ponte sobre o Inferno, conforme mencionado na literatura Hadith.

Em 1905, pensando que de alguma forma isso desacreditava o Islã, o Rev. W. St. Clair Tisdall alegremente afirmou que o Arda Wiraz Namag foi a fonte da ascensão do Profeta aos céus e seu testemunho dos habitantes do Céu e do Inferno. E essa visão foi ecoada por outros pesquisadores: "Esta ascensão ao céu (ou Miraj em árabe) pode ser comparada ao relato no texto Pahlavi chamado Arta (ou Arda) Viraf escrito várias centenas de anos antes da era muçulmana" (Warraq, 1995). "[A] ascensão de Muhammad ao céu e a visita passageira ao inferno e ao paraíso podem ser encontradas em contos zoroastrianos datando de cerca de quatrocentos anos antes da época de Muhammad" (Masood, 2001).

![Um Arda Viraf intoxicado e inconsciente testemunhando cenas do Céu e do Inferno em um manuscrito gujarati de 1871 do Arda Viraf Nameh zoroastriano (Livro de Arda Viraf), que copiou ilustração de um manuscrito persa muito mais antigo, mas não nomeado. Arda Viraf bebe "três taças de ouro com vinho e cânhamo 'Vistaspic' (em outras palavras, extrato de cânhamo)... e então cai no sono... e durante este tempo sua alma visita o céu e o inferno" (Nyberg, 1938).]

No ensaio "Celestial Botany Entheogenic Traces in Islamic Mysticism", Frederick Dannaway também sugeriu que o voo xamânico de Muhammad era "reminiscente da ascensão de Arda Viraf, que toma um narcótico e faz um voo visionário através do céu e do inferno.... Isso... pode indicar que cultos regionais viam a revelação islâmica através de suas próprias tradições xamânicas ou que o Islã reteve as heranças rituais do mundo antigo. Essas tradições seriam envoltas nos mistérios da Gnose Xiita, alquimia e sufismo que se espalharam pela Europa" (Danaway, 2006).

Claramente, grupos islâmicos continuaram essa tradição, como o poeta Al-ls'irdi (1222-1258) observou sobre o haxixe: "É o segredo. Nele o espírito ascende aos pontos mais altos em uma ascensão celestial de compreensão desincorporada." Mais pontualmente, o haxixe foi supostamente usado para um propósito quase idêntico ao

atribuído aos psiconautas zoroastrianos entre os hereges islâmicos persas conhecidos como os Assassinos, um ramo dos ainda existentes Isma'ilis.

Entre os vários fragmentos de evidência que foram sugeridos para o próprio uso de cannabis por Maomé, provavelmente o mais interessante vem do The Dabeston-e Mozoheb (Escola de Religiões), que foi um exame e comparação de religiões e seitas do sul da Ásia de meados do século XVII. A obra é escrita em persa, e acredita-se que tenha sido escrita por volta de 1655 a.C. Foi sugerido que o autor era um sufi islâmico, e alternativamente um zoroastriano praticante. Assim, embora escrito no século XVII, algumas das tradições orais registradas podem concebivelmente ser de uma data muito anterior.

O Dabestan registra o seguinte relato fascinante da suposta introdução de Muhammad à cannabis, e a associação de seu uso com seu clã hereditário, os Hashim:

> Há uma classe entre os hindus que se autodenominam Musslman-Sofis [muçulmanos-sufis] e realmente concordam em vários princípios e opiniões com os sufis... eles relatam que um dia o Profeta estava dando um passeio de prazer sob a orientação de Jabril [O anjo muçulmano Gabriel] e chegou a um lugar onde um grande tumulto foi ouvido. Jabril disse "Este é o limiar do prazer; entre na casa." O Profeta consentiu em entrar e lá ele viu sentadas quarenta pessoas nuas como vieram de sua mãe e uma banda ocupada servindo; mas qualquer serviço que o Profeta lhes pediu... para fazer, eles não cumpriram, até o momento de moer bhang chegar. Quando eles o moeram, eles não tinham pano através do qual pudessem coar e purificá-lo; então o Profeta, tendo tirado seu turbante da mão, purificou através dele o suco de bhang, a cor [verde] do qual [o bhang] permaneceu no turbante; daí a vestimenta [heráldica] do Bini Hashem [subtribo de Muhammad] é verde. Quando o Profeta lhes prestou este serviço, eles ficaram contentes e disseram entre si: "Vamos dar a este mensageiro de Deus, que está sempre correndo para a porta dos ignorantes, um pouco do bhang, para que ele possa obter os segredos do poder Todo-Poderoso." Então eles deram os restos do suco ao Profeta. Quando ele o bebeu, ele se tornou possuidor dos segredos do Anjo do Destino, e o que quer que os homens ouvissem dele veio através dos meios desta dádiva (Dabestan, 1655 d.C.).

Edward G. Browne, escrevendo no século XIX, observou que em seu tempo um dos nomes secretos da cannabis era "'Mestre Seyyid'... de uma semelhança imaginada entre sua cor verde e os turbantes verdes usados por supostos descendentes do Profeta" (Browne, 1897); então esta era claramente uma tradição duradoura. Embora o Dabestan seja obviamente uma adição tardia à tradição muçulmana, relatos anteriores do uso de cannabis, como o dos Assassinos, Isma'ilis e grupos sufis, dão claras

indicações de que tais práticas eram conhecidas muito cedo no mundo islâmico e, como a pesquisa neste volume mostrou claramente, precederam o Islã por milênios. Além disso, essas seitas islâmicas "heréticas" consideravam-se parte de uma tradição autêntica, transmitida pelo Profeta através de seus descendentes e seus devotos mais próximos, da mesma forma que as seitas gnósticas heréticas se consideravam os "cristãos" autênticos através da associação com Maria e outras figuras apostólicas.

Considerando a história do Dabestan e a associação do bhang com a cor verde da subtribo de Muhammad, o Bini Hashem, é interessante notar que os Isma'ili que ingeriam haxixe acreditavam que sua própria sabedoria esotérica e alguns de seus líderes vinham da linhagem hereditária de Muhammad. Os Isma'ili são um ramo de uma das duas principais facções do Islã, os Xiitas, e a importância da descendência hereditária de Muhammad é fundamental no cisma entre este grupo e a outra facção principal, os Sunitas. É entre os ramos do grupo Xiita que se formou em torno deste Imam "herético" Isma'il, o fundador dos Isma'ili, que encontramos o uso místico do haxixe.

> Não pode haver dúvida de que o uso do cânhamo como intoxicante foi encorajado pelos Ismailianos no século VIII, pois seus efeitos tendiam a ajudar seus seguidores a realizar os princípios da seita:
>
> Bebemos a taça esmeralda, o mistério conhecemos, Quem sonharia que uma planta tão fraca pudesse mostrar um poder tão poderoso!!

Como os Isma'ili e seitas relacionadas foram acusados de beber vinho e consumir haxixe, e os Isma'ili inicialmente surgiram na Pérsia - o lar do zoroastrismo, ao lado do próprio voo xamânico de Muhammad semelhante ao zoroastriano, fica-se com a especulação razoável de que talvez o sétimo Imam oculto, Isma'il, tenha tomado para si a tarefa de provar do vinho misturado com mang (cannabis) que havia sido o prêmio do sacerdócio e da realeza zoroastriana naquela área por mais de um milênio. Tal situação explicaria o uso do haxixe em cerimônias de iniciação pelo ramo dos Isma'ili que ficou conhecido como os Assassinos, e também certas seitas sufis que se sabia terem sido influenciadas por eles. Uma amostragem "fora de turno" de tal sacramento sagrado também poderia ser uma razão para a controvérsia em torno da persona de Isma'il, pois como vimos do período zoroastriano, o uso da cannabis era restrito a uma elite seleta e ao rei.

Embora visto como particularmente herético, no mundo islâmico medieval, a "combinação de vinho e haxixe era bastante frequentemente tentada...":

> Um estudioso respeitável não encontrou nada de errado em usar tanto vinho quanto haxixe na mesma ocasião. A combinação foi elogiada por engendrar ao mesmo tempo "a preguiça do haxixe e a energia do vinho". Da mesma forma,

> Ibrahim al-Mi'mar (m. 749/1348), chamado nesta conexão de "mestre do ofício"... poderia se perguntar sobre os efeitos extraordinários do vinho mais haxixe:
>
> Ele misturou haxixe com vinho
>
> Quando ele estava sóbrio (novamente), ele me respondeu dizendo; Seja gentil com seu irmão quando ele mistura.
>
> No entanto, a combinação era considerada como particularmente pecaminosa... (Rosenthal, 1971).

A "morte" referida aqui era a morte temporária do eu, ou ego, um estado de realização buscado pelos místicos. Como observado no Capítulo 1, o uso pré-islâmico de vinhos misturados com cannabis na Pérsia está bem estabelecido. A obra do século XIX, The History of Ancient and Modern Wines do Dr. Alexander Henderson, indica que tais combinações continuaram no mundo islâmico por alguns séculos. O médico judeu bizantino do século XI, Simeon Sethus, escreveu "a folha seca, quando bebida, como refeição, ou melhor [como farinha seca para uma bebida] produz uma embriaguez hospitaleira e falta de sensação pelo comedor. Pois é esmagada ou amassada entre os árabes para o vinho, e inebria." Séculos depois, tanto autores islâmicos quanto europeus registraram essa combinação ainda em uso: "Os judeus e armênios preparam vinho de propósito para os maometanos, adicionando cal, cânhamo e outros ingredientes, para aumentar sua pungência e força; pois o vinho que mais rapidamente intoxica é considerado o melhor, e os tipos leves e delicados não são estimados entre eles" (Henderson, 1824).

Embora o uso de cannabis tenha sido controverso no mundo islâmico, o uso de haxixe por grupos sufis e dervixes foi bem documentado. Como observou o estudioso do século XIX, John Porter Brown, em The Dervishes, or Oriental Spiritualism:

> Há uma preparação feita na Arábia e na Turquia, chamada Hashish, que é usada por muitos dervixes, e outros, para o propósito de produzir prazer mental. É o produto de uma planta chamada Esrar, ou Cannabis Indica, e é preparada de várias maneiras, seja para fumar, ou para comer em forma de pasta. Seu efeito varia muito, de acordo com a força e quantidade usada. Seu uso é estritamente proibido pelo Alcorão, e é apenas praticado por pessoas de caráter inferior, ou por aqueles que, sob o pretexto de uma vida religiosa, violam as ordens do Profeta, e, de fato, todos os princípios de sua religião. Seu efeito é puramente físico, e, como o ópio, cria um estado de torpor, no qual o mente está perfeitamente consciente do que está ocorrendo. Também produz uma aparente incapacidade de mover-se, ou mesmo de falar. Às vezes, seus efeitos são bastante agradáveis, e o usuário é afetado por sensações de voo pelos ares,

> ou de prazer mental e corporal. Seu uso frequente é destrutivo para a saúde, e mesmo para a mente, e muitos perdem suas faculdades mentais por sua indulgência excessiva (Brown, 1868).

lago na região de Sind (oeste da Índia) sobre o qual uma planta dadhi lançava sua sombra e derramava suas folhas no lago. Eles beberam da água do lago e ficaram intoxicados. Quando voltaram a Bagdá, iniciaram a tendência de usar dadhi na fabricação de vinho.

A planta intoxicante com suas folhas é indubitavelmente qinnab Hindi... maconha, uma variedade de cânhamo (cannabis sativa) também chamada hashisha.... A planta fêmea se parece com lúpulo, cresce cones semelhantes, mas suas folhas superiores e cones contêm a glândula que produz a potente substância THC, além dos agentes de preservação e amanteigamento. Foi esta substância que lhe deu o nome sharab al-fusaq... bebida de canalhas, e que... "Umar bin al-Khattab chamou de khamr al-Sind... vinho intoxicante da Índia que apenas infiéis bebem. Al-Maqrizi diz que hashisha foi primeiramente conhecida na Índia, mas depois se espalhou para Bilad al-Shahr no Iêmen, onde era amplamente cultivada. De lá se espalhou para o Iraque e a Pérsia.

Agora, esta substância explica os efeitos mais sérios do vinho dadhi descritos pelos médicos. Ibn al-Baytar diz que o bebedor sente calor, experimenta bochechas coradas e se sente estupefato na manhã seguinte. Além disso, citando al-Kindi, ele diz que a bebida causa tontura, delírio e dor intestinal aguda e intensa.... Além disso, Ibn Sina adverte contra o excesso, que pode ser fatal (Nasrallah, 2007).

No entanto, a questão está longe de ser resolvida, e outras substâncias psicoativas podem explicar o misterioso dadhi. Outra possibilidade para o dadhi foi sugerida como absinto, que pode produzir tujona quando preparado com álcool, um químico que vai para os mesmos receptores no cérebro que a cannabis. Ibn al Baytar diz que era conhecido como misk al-jinn, almíscar de demônios. "Os efeitos mentais devastadores do vinho dadhi, como delírio, alucinações... podem ser atribuídos aos compostos químicos presentes no absinto, tujona..." (Nasrallah, 2007). Sementes de meimendro também eram usadas em vinhos, e é importante lembrar que alguns autores muçulmanos medievais usavam o termo binj, que frequentemente era usado para cannabis, como um nome para meimendro, e isso explica os efeitos mortais descritos para a cannabis em alguns relatos desse período.

Os Consumidores de Haxixe

Os "Assassinos" Nizari representam mais um cisma em uma cadeia de seitas islâmicas que surgiram de cultos pré-existentes, enquanto ainda conseguiam manter certos princípios e crenças islâmicas e até mesmo pré-islâmicas. Os Assassinos Nizari

apareceram pela primeira vez no final do século XI como uma ramificação dos Isma'ili, uma divisão que foi novamente o resultado de uma disputa hereditária sobre a reivindicação do título de Imam, com esta seita se formando em torno do herdeiro designado do século XI, Nizar. Eles se chamavam "Nizaris" ou "Fida'i", significando os "fiéis". Mas, para outros muçulmanos, eles eram conhecidos como "hashishiyyum", um termo depreciativo que significa "consumidor de haxixe", que linguisticamente se desenvolveu para "Assassino" à medida que as lendas do culto se espalharam para a Europa. "...historiadores muçulmanos, principalmente do século XIII,... usam o termo hashishiyya em referência aos Nizaris da Síria (al-Sham); enquanto os Nizaris da Pérsia são chamados de hashishis em alguns textos Zaydi do Cáspio" (Daftary, 1992). "Não pode haver dúvida de que o uso do cânhamo como intoxicante foi encorajado pelos Ismailianos no século VIII, pois seus efeitos tendiam a ajudar seus seguidores a realizar os princípios da seita" (Dymock, 1893).

Alguns pesquisadores, como James Wasserman, em The Templars and the Assassins, argumentam que o nome Hashishin e a associação com o haxixe, só vieram sobre os Fida'i, através das acusações de seus detratores que tinham profundas preocupações sobre as atividades secretas do grupo e "não há evidência histórica de que qualquer fidai tenha recebido qualquer droga ou intoxicante" (Wasserman, 2001).

> O sigilo Nizari levou a acusações generalizadas contra eles que se elevaram a qualquer nível de imaginação que o acusador pudesse invocar. Como lendas urbanas modernas de cultos satânicos e bicho-papão extremista antigovernamental, os Assassinos se tornaram a incorporação sombria do lado sombrio do Islã. Eles foram acusados de consumir drogas e orgias sexuais licenciosas. Poderes ilimitados de controle mental foram atribuídos aos líderes Assassinos, cujos discípulos semelhantes a zumbis eram considerados muito estúpidos, muito lavados cerebralmente ou muito drogados para resistir ao poder manipulador e carismático dos líderes da seita. Dizia-se que os líderes Nizari não seguiam nenhuma lei além da sua própria e estavam dispostos a recorrer a qualquer morte, incluindo bruxaria, para enganar seu rebanho. O establishment sunita os acusou de conspirar para minar a lei islâmica e renovar a antiga fé pagã da Pérsia - as doutrinas dualistas de Zoroastro... (Wasserman, 2001).

No entanto, como veremos, há uma infinidade de evidências históricas indicando o uso de cannabis pelos Hashishin. As referências de Omar Khayyam indicam que seu amigo próximo de infância, Hassan I. Sabbah, o primeiro "Velho da Montanha", teria se familiarizado com o haxixe apenas por proximidade. Outros elementos da cosmologia zoroastriana inerentes às crenças dos Hashishin indicam que o uso místico do haxixe veio através de fontes zoroastrianas persas, que tinham uma história de uso místico de vinhos infundidos com cannabis, e eram os portadores dessa tradição anterior.

A origem do termo "Hashishin" tem sido objeto de muito debate. "A etimologia da palavra 'Assassino' é dita como vinda de Hashishin, ou seja, consumidor de haxixe. Foi transmitida através da língua românica pelos Cruzados que no século XII, temerosos desta seita, associaram seus ousados assassinatos com o poder da droga" (Palgi, 1975). Embora algumas autoridades vejam uma origem para o nome através de "Hashish", uma palavra árabe que se pensava significar "grama" ou "erva", outros afirmam que o nome "Hashashin" é derivado do persa "hassasin", que contém conotações de "curandeiro" ou "vendedor de ervas". Ainda outros veem as origens do nome vindo através de "seguidores de Hassan" em referência a uma figura proeminente no culto, Hassan I. Sabbah, que era conhecido de várias formas como o "Velho da Montanha", "Sheik de Alamut" e "Guardião do Haxixe". Além disso, como estamos lidando com um culto hereditário, também se poderia especular que uma conexão etimológica poderia ser encontrada no nome da tribo de Muhammad, "Hashim".

> [O] apelido, e com ele, o uso estendido da droga, parece ter surgido durante o final do século XI, e ambos podem ter sido promovidos pelo uso real ou alegado de cannabis por sectários que estavam engajados em espalhar uma vasta rede de influência aberta e secreta sobre o mundo muçulmano... (Rosenthal, 1971).

Joseph Freiherr von Hammer-Purgstall sugeriu que a cannabis era um componente-chave do conhecimento secreto dos Ismailis, e a princípio foi cuidadosamente ocultada de estranhos, e só mais tarde se tornou conhecida para a cultura islâmica mais ampla em seu clássico The History of the Assassins: Derived from Oriental Sources,

> Na época do poder Ismailítico, essas preparações intoxicantes ainda não eram conhecidas nos países muçulmanos. Foi apenas em um período posterior que o conhecimento foi trazido das regiões orientais, provavelmente até mesmo da Índia para as províncias persas. De lá, foi comunicado aos muçulmanos da Mesopotâmia, Ásia Menor, Síria e Egito. Sem dúvida, os Ismailitas, cujas doutrinas tinham vários pontos de semelhança com as dos indianos, haviam adquirido esse conhecimento mais cedo, e o preservaram como um segredo precioso, e como uma das principais fontes de seu poder. Esta conjectura é apoiada pelo fato de que um dos mais célebres escritores árabes atribui a introdução entre os egípcios de um eletuário preparado a partir de cânhamo a um ismailita persa (von Hammer-Purgstall, 1835).

Von Hammer-Purgstall também deu uma explicação eloquente das conexões etimológicas entre Assassino e Haxixe, e respondeu aos desafios levantados por aqueles que contestavam as raízes linguísticas comuns dos termos.

> ...Não tenho dúvida alguma de que a denominação [Hashishin] foi dada aos Ismailitas, por causa de seu uso de um líquido ou preparação intoxicante, ainda

> conhecido no oriente pelo nome de Haxixe. Folhas de cânhamo e algumas outras partes do mesmo vegetal formam a base desta preparação; que é empregada de diferentes maneiras, seja em líquido, ou na forma de pastilhas, misturadas com substâncias sacarinas; ou mesmo fumigação.... Aqueles que se entregam a este costume são, até hoje, chamados de Hashishin... (von Hammer-Purgstall, 1835).

Os Hashishin claramente se consideravam os guardiões do conhecimento e tradição sagrados, e isso é evidente em alguns dos outros nomes pelos quais a seita foi conhecida, como "Batiniyya", significando os "esotéricos" e, de seus detratores, "Malahida", "os hereges". Geralmente baseados em fortalezas montanhosas, como a famosa Alamut, entre os séculos XI e XIII, os Hashishin se espalharam da Pérsia para a Síria, Ásia central e Índia, usando o assassinato como apenas um de vários métodos para alcançar seus objetivos.

O primeiro relato europeu dos Assassinos veio do cronista e abade beneditino, Arnold de Lübeck, registrado por volta de 1209.

> Naqueles dias, Conrado, Rei de Jerusalém, foi morto pela traição, dizem, do rei da Inglaterra e de alguns Templários. De qualquer forma, o príncipe da montanha, que é chamado de Velho Homem por causa de sua supremacia, enviou por um preço dois de seus seguidores, que o mataram. Agora contarei coisas sobre este ancião que parecem ridículas, mas que me são atestadas pela evidência de testemunhas confiáveis. Este Velho Homem, por sua feitiçaria, confundiu tanto os homens de seu país, que eles não adoram nem acreditam em nenhum Deus além dele mesmo. Da mesma forma, ele os atrai de maneira estranha com tais esperanças e com promessas de tais prazeres com gozo eterno que eles preferem morrer a viver. Muitos deles, mesmo quando em pé em uma parede alta, saltarão ao seu aceno ou comando e, estilhaçando seus crânios, morrerão uma morte miserável. Quando, portanto, algum deles escolheu morrer desta maneira, assassinando com astúcia e depois morrendo tão abençoadamente em vingança por ele, ele mesmo lhes entrega facas que são, por assim dizer, consagradas a este assunto, e então os intoxica com tal poção que eles são mergulhados em êxtase e esquecimento, exibe-lhes por sua magia certos sonhos fantásticos, cheios de prazer e delícias, ou melhor, de enganos, e promete-lhes posse eterna dessas coisas como recompensa por tais atos. Ele enviou dois desta seita para matar o marquês, subornados, dizem, por aqueles que conspiraram em sua morte. Ele morreu e eles morreram, mas não sei se foram ou não deificados (Arnold de Lübeck Chronica Slavorum 4.16)[1]

Antes da queda dos Assassinos, veio o lendário e sensacionalizado relato do século XIII sobre eles por Marco Polo. Ele registrou que os noviços sendo iniciados na seita teriam

sido enganados através do uso de haxixe e um jardim escondido dentro do castelo no topo da montanha dos Assassinos em Alamut, levando-os a acreditar que haviam recebido um prenúncio do Paraíso da Vida Após a Morte descrito no Alcorão:

> O Velho Homem era chamado em sua língua de ALOADIN. Ele havia feito com que um certo vale entre duas montanhas fosse cercado, e o transformou em um jardim, o maior e mais belo que já se viu, cheio de todas as variedades de frutas. Nele foram erguidos pavilhões e palácios, os mais elegantes que se pode imaginar, todos cobertos de dourados e pinturas requintadas. E havia também riachos, fluindo livremente com vinho e leite e mel e água; e números de damas e das mais belas donzelas do mundo, que podiam tocar todos os tipos de instrumentos, e cantavam muito docemente, e dançavam de uma maneira que era encantadora de se ver. Pois o Velho Homem desejava fazer seu povo acreditar que este era realmente o Paraíso. Então ele o havia modelado após a descrição que Maomé deu de seu Paraíso, a saber, que deveria ser um belo jardim correndo com condutos de vinho e leite e mel e água, e cheio de adoráveis mulheres para o deleite de todos os seus habitantes.
>
> E certamente os sarracenos daquelas partes acreditavam que era o Paraíso!
>
> Agora, nenhum homem tinha permissão para entrar no Jardim, exceto aqueles a quem ele pretendia que fossem seus ASHISHIN [Assassino, uma corrupção de Hashishin]. Havia uma Fortaleza na entrada do Jardim, forte o suficiente para resistir a todo o mundo, e não havia outro caminho para entrar. Ele mantinha em sua Corte um número de jovens do país, de 12 a 20 anos de idade, como aqueles que tinham gosto pelo serviço militar, e a estes ele costumava contar histórias sobre o Paraíso, assim como Maomé costumava fazer, e eles acreditavam nele assim como os sarracenos acreditam em Maomé. Então ele os introduziria em seu jardim, alguns quatro, ou seis, ou dez de cada vez, tendo primeiro feito com que bebessem uma certa poção que os lançava em um sono profundo, e então fazendo com que fossem levantados e carregados para dentro. Então, quando acordavam, encontravam-se no Jardim.
>
> Quando, portanto, acordavam e se encontravam em um lugar tão encantador, consideravam que era realmente o Paraíso. E as damas e donzelas brincavam com eles a contento de seus corações, de modo que tinham o que os jovens desejariam; e por sua própria vontade nunca teriam deixado o lugar.
>
> Agora, este Príncipe a quem chamamos de Velho mantinha sua Corte em grande e nobre estilo, e fazia com que aquelas pessoas simples das colinas ao seu redor acreditassem firmemente que ele era um grande Profeta. E quando ele queria que um de seus Ashishin fosse enviado em alguma missão, ele faria com que a

> poção da qual falei fosse dada a um dos jovens no jardim, e então o fazia ser carregado para seu Palácio. Então, quando o jovem acordava, ele se encontrava no Castelo, e não mais naquele Paraíso; com o que ele não ficava muito satisfeito. Ele era então conduzido à presença do Velho Homem, e se curvava diante dele com grande veneração, acreditando estar na presença de um verdadeiro Profeta. O Príncipe então perguntava de onde ele vinha, e ele responderia que vinha do Paraíso! e que era exatamente como Maomé o havia descrito na Lei. Isso, é claro, dava aos outros que estavam por perto, e que não haviam sido admitidos, o maior desejo de entrar lá.
>
> Então, quando o Velho Homem queria que algum Príncipe fosse morto, ele diria a tal jovem: "Vai e mata Fulano; e quando voltares, meus Anjos te levarão ao Paraíso. E se morreres, mesmo assim enviarei meus Anjos para te levar de volta ao Paraíso." Assim ele os fazia acreditar; e assim não havia ordem sua que eles não enfrentassem qualquer perigo para executar, pelo grande desejo que tinham de voltar para aquele Paraíso dele. E desta maneira o Velho conseguia que seu povo assassinasse qualquer um que ele desejasse se livrar. Assim, também, o grande pavor que ele inspirava a todos os Príncipes, os fazia se tornarem seus tributários para que ele pudesse permanecer em paz e amizade com eles (Marco Polo, 1300)[2]

Outra referência potencial pode ser encontrada em O Decamerão (1353), o clássico licencioso de Giovanni Boccaccio, que "se refere em um ponto ao 'Velho da Montanha', e a alguma poção misteriosa, mas Boccaccio nunca identifica a droga pelo nome: 'ele procurou um pó de virtude maravilhosa que ele havia conseguido nas partes do Levante de um grande príncipe que afirmava ser aquele que costumava ser usado pelo 'Velho da Montanha' quando ele desejava enviar alguém dormindo para o paraíso" (Abel, 1980).

Nem os relatos de Lübeck, Polo ou Boccaccio se referem ao haxixe diretamente. No entanto, como mostramos, há ampla evidência de que a cannabis era conhecida na região persa, e embora essas primeiras descrições europeias apenas mencionem uma "poção", o uso ou abuso de cannabis está espalhado por grande parte da Ásia e África. Na época do poder Ismaili, essas preparações intoxicantes ainda não eram conhecidas nos países muçulmanos. Foi apenas em um período posterior que o conhecimento foi trazido das regiões orientais, provavelmente até mesmo da Índia para as províncias persas. De lá, foi comunicado aos muçulmanos da Mesopotâmia, Ásia Menor, Síria e Egito. Sem dúvida, os Ismailitas, cujas doutrinas tinham vários pontos de semelhança com as dos indianos, haviam adquirido esse conhecimento mais cedo, e o preservaram como um segredo precioso, e como uma das principais fontes de seu poder.

mais leve sopro de vento. Mas passando por uma certa planta coberta de folhagem, observei que, naquele ar, ela se movia suavemente de um lado para outro com um

movimento leve e suave, como um homem atordoado pelo vapor do vinho. Comecei a colher as folhas desta planta e a comê-las, e elas produziram em mim a alegria que vocês testemunham. Venham comigo, então, para que eu possa ensiná-los a conhecê-la."

Então nós o seguimos para o campo, e ele nos mostrou aquela planta. Nós lhe dissemos, ao vê-la, que é a planta que chamam de Cânhamo. Por suas ordens, pegamos as folhas desta planta e as comemos, e uma vez de volta ao convento, experimentamos em nós mesmos a mesma disposição alegre e jovial que ele havia achado impossível esconder de nós. Quando o Sheik nos encontrou naquele estado, ele nos encarregou de manter em segredo a descoberta que acabávamos de fazer das virtudes da planta e nos fez jurar nunca revelá-la a homens comuns e nunca escondê-la de homens Religiosos.

"Deus todo-poderoso", ele nos disse, "concedeu a vocês, como um favor especial, uma consciência das virtudes desta folha, para que seu uso dela dissipe as preocupações que obscurecem suas almas e liberte seus espíritos de tudo o que possa atrapalhá-los. Guardem cuidadosamente, então, o depósito que ele confiou a vocês, e sejam fiéis em esconder o precioso segredo que ele lhes confiou."

O Sheik Haidar assim nos fez conhecer este segredo durante sua vida, e me ordenou a semear a planta ao redor de seu túmulo após sua morte, então eu a cultivei no convento. O Sheik viveu por mais dez anos após este evento; durante todo o tempo em que permaneci a seu serviço, não se passou um dia em que ele não usasse esta folha, e ele nos recomendou comer pouca comida e tomar a Erva em vez disso. O Sheik Haidar morreu no convento na montanha no ano 618 [1221 d.C.]. Eles erigiram sobre seu túmulo uma grande capela, e os habitantes de Khorasan, cheios de veneração por sua memória, vieram lá em peregrinação, trazendo muitos presentes para cumprir seus votos e desenvolvendo um grande respeito por seus discípulos. Antes de sua morte, ele havia recomendado a seus companheiros que contassem seu segredo às pessoas mais distintas da província, e instruindo-as sobre as virtudes da planta, eles adotaram seu uso. Assim, o haxixe se espalhou rapidamente em Khorasan e nos vários departamentos da província de Fars, mas eles não sabiam nada sobre seu uso no Iraque até o ano 628 [1231 d.C.], no reinado do Califa Mustansir. Naquela época, dois Príncipes, cujos estados estavam entre os países marítimos situados na costa persa, o Soberano de Ormuz e o Príncipe de Bahrain, tendo vindo ao Iraque, homens de seu séquito trouxeram consigo algum haxixe e ensinaram os iraquianos a comê-lo. A droga se espalhou no Iraque, e o povo da Síria, Egito e as terras de Rum, tendo ouvido falar dela, adotaram seu uso.

Em relação à discussão sobre vinhos infundidos com haxixe, vale a pena notar que foi relatado: "Uma tintura de folhas de cânhamo em vinho ou álcool parece ter sido a fórmula favorita na qual o Sheikh Haidar se entregava" (Dymock, 1885). "Haidar, como os sacerdotes hindus 2.000 anos antes dele, recomendou que seus seguidores

ocultassem do povo as propriedades divinas desta preciosa erva. Mas tais segredos não podem ser mantidos por séculos, e após sua morte seus discípulos exaltaram as maravilhosas qualidades da planta 'mágica': 'Abandone o vinho, tome a taça de Haidar, esta taça que tem a fragrância de âmbar e brilha como uma esmeralda verde'" (Nahas, 1982).

Como Ahmet Karamustafa observa em seu excelente God's Unruly Friends: Dervish Groups in the Islamic Later Middle Period, 1200-1550, grupos sufis que se formaram em torno dos ensinamentos de Shayk Qalandar e Shayk Haydar foram criticados por suas influências persas pré-islâmicas tradicionais. Em 761/1359-60, um decreto foi emitido que "proibia os Qalandars de se barbear e se vestir à maneira dos iranianos e magos.... Nas esferas culturais síria e egípcia, a Qalandariyah parece ter continuado durante os séculos sétimo-oitavo/décimo terceiro-décimo quarto principalmente como um grupo iraniano... também a Haydariyah... eram vistos como fenômenos estrangeiros, predominantemente iranianos" (Karamustafa, 2006).

Outro estudioso persa do século XIX, Edward G. Browne, observou em A Chapter from the History of Cannabis Indica, que o uso de preparações de cânhamo na área se estendia desde os tempos zoroastrianos até o século XIX, onde seu uso ainda estava profundamente envolto nas crenças místicas ismailianas sobre a planta:

> ...Cannabis Indica... parece ter sido conhecida na Pérsia em tempos muito antigos, como afirmam os estudiosos das antigas escrituras zoroastrianas, há alusão a ela no Avesta.... Nos dias atuais, é amplamente usada aqui... como inspiradora das mais selvagens especulações panteístas, das fantasias metafísicas mais desordenadas e das visões e êxtases mais incríveis. É conhecida geralmente como haxixe - uma palavra árabe que significa grama cortada ou ervas secas - ou por seu nome persa, bang. Além destes, há preparações especiais conhecidas por nomes especiais, como chars, barsh [relacionado a barsom?] e hub-i-nishat, ou "pílulas de deleite", das quais as preparações, a primeira é fumada, as duas últimas comidas.... Atualmente, como sou informado por um de meus amigos persas, o método mais na moda entre os dervixes de Teerã é empregar o bug-i-wahadat, ou "trombeta da unidade". Um pequeno pedaço de papel ou papelão é enrolado na forma de um funil, do qual a extremidade menor do funil é colocada na boca. Um pedaço de chars, colocado na ponta acesa de um cigarro, é então mantido sob a extremidade maior do funil, e a fumaça do cânhamo em combustão é então inalada. Os efeitos da droga são produzidos muito mais rapidamente quando é fumada do que quando é comida. Subjetivamente, produz uma extraordinária deslocação das ideias de tempo, espaço e personalidade... parece que todos os presentes na assembleia são, na realidade, animados por um espírito e que as barricadas da personalidade e individualidade são, de alguma forma

> inexplicável, derrubadas. É esta sensação ou ilusão que é especialmente desejada pelos dervixes, que encontram nela um prenúncio do Nirvana, ou Absorção no Espírito Universal, que é o objetivo de seu misticismo panteísta alcançar; e esta é a "unidade" aludida no nome do bug-i-wahadat do qual falei (Browne, 1897).

O sentido de obliteração do ego, ou o que um poeta medieval usuário de haxixe viu como a "remoção da existência na existência", possível com preparações de cannabis, como no caso do bug-i-wahadat na descrição acima, foi comparado a uma morte mortal na literatura medieval. Isso também era verdade para o uso do próprio haxixe, que tinha que ser sacrificado, ou seja, comido, para ter efeito; "trocadilhos com o termo 'matar' [foram] usados em conexão com a preparação e uso do haxixe.... [Um] jogo sobre o 'matar' do haxixe... é aparentemente o caso em um verso afirmando que 'o verde' é 'uma hashishah que faz de todo homem um hashishi (assassino) sem que ele mesmo saiba'" (Rosenthal, 1971).

Tais associações com o mundo futuro e "panteístas" com a cannabis entre os Hashishin e Sufis persas, como as citadas acima, têm paralelos claros na religião zoroastriana precedente. Esta conexão também parece a fonte provável, considerando o uso xamânico similar da cannabis e a evidência de que o consumo de Haoma ou vinho misturado com mang (cânhamo) provavelmente foi continuado pelo sacerdócio e realeza sassânida até a queda de seu Império para o Islã. Foi sugerido que a introdução do haxixe no Islã pode ter vindo através de zoroastrianos se escondendo secretamente como sufis durante períodos em que a conversão ao Islã foi tornada obrigatória com pena de morte para aqueles que se recusassem. Uma influência zoroastriana sobre os Assassinos foi observada desde cedo pelo autor islâmico al-Busti (1029 d.C.), que traçou as crenças ismailianas até "origens dualistas iranianas e zoroastrianas" (Daftary, 2004).

Haoma e os Hashishins?

Raízes zoroastrianas para o uso islâmico da cannabis e seus produtos resinosos parecem a fonte mais provável da tradição. Como o Dr. Mike Aldrich comentou em relação à descoberta de evidências de cannabis por Sarianidi no templo Soma em BMAC, e os posteriores Hashishin, "isso pode ter sido o que os assassinos estavam usando.... É uma progressão muito interessante então através do Oriente Médio, do Soma originalmente, para possivelmente a lenda dos Assassinos e a ideia de usar poções que eram feitas de cannabis para induzir estados transcendentais, estados mais elevados de consciência" (Aldrich, 2012). Em relação a isso, é interessante apontar que há muito tempo se sugere que os "hinos de Zoroastro... particularmente o Haoma Yasht... poderiam fornecer uma fonte... do haxixe... dos Assassinos..." (Bramhall, 1918).

Referindo-se às conexões sincréticas dos Ismaili entre o Islã e o Zoroastrismo, Claude Reignier Conder comentou que até seu tempo "Os... Ism'ailiyeh preservam os graus de iniciação, interpretação alegórica do Alcorão, crenças na transmigração e uma libação sagrada (o Haoma). As ordens inferiores acreditam na adoração do sol, lua e estrelas, e celebram (diz-se) orgias anuais de caráter fálico" (Conder, 1886). Como a edição de 1883 de The Living Age de Lyttle registrou similarmente sobre a seita:

> A seita Ismalleh... são um remanescente medieval dos assassinos medievais ou "fumadores de cânhamo" (Hashishisn).... O antigo ritual Haoma ainda sobrevive entre esses hereges, junto com uma veneração do sol, lua e planetas, e estrelas, que é muito provavelmente de derivação persa (Lyttle, 1883).

Outro fator interessante sobre o uso islâmico do haxixe e a tradição Haoma, é que pelo menos até o final do século XIX, há um relato de uma bebida de cannabis sob o nome de "Homa" que estava sendo tomada na Síria pelos membros da tribo Nosairiyeh, um grupo frequentemente confundido com os Isma'ilis por historiadores devido a algumas semelhanças nas crenças (embora as duas seitas tenham se desentendido por centenas de anos). De fato, as referências acima do século XIX de Lyttle e Conder podem ser evidências dessa confusão entre as duas seitas relacionadas, que podem ter sido conectadas séculos atrás, já que "...a erudição moderna... passou a ver os Nusa'iri... como ramificações do... Isma'ilismo do século XII..." (Deveney, 1997).

Um relato do ritual Homa alimentado por cannabis dos Nosairyeh foi registrado por um autor anônimo em uma edição de 15 de março de 1895 do New York Herald, sob o título sensacional "The Orgies of the Hemp Eaters" (As Orgias dos Comedores de Cânhamo). Peter Lamborn Wilson (também conhecido como Hakim Bey), que usa o mesmo título para seu próprio tomo celebrando a cannabis no Oriente, inicialmente pensou que o autor poderia ter sido o adepto do haxixe do século XIX, Dr. Paschal Beverly Randolph. Randolph havia sido iniciado pela seita, mas como ele estava morto há anos quando "The Orgies of the Hemp Eaters" foi impresso, isso era improvável. Wilson favoreceu Albert Rawson, um companheiro de viagem inicial de Helena Blavatsky, que era outro "hashisheen de Nova York, ocultista, maçom de 33 graus, um dos fundadores da Ordem Mística do Santuário (os "Shriners"), e reivindicador de iniciações do Oriente Médio. (Tanto Rawson quanto Helena se gabavam de conexões drusos). Rawson provavelmente conheceu Randolph, ele viajou pelo Oriente na década de 1860... ele é um candidato muito mais provável para o autor... do que Randolph, já que ele ainda estava vivo quando o artigo apareceu" (Bey, 2004).

As Orgias dos Comedores de Cânhamo (excertos)

> O festival ou reunião dos comedores de cânhamo é celebrado mensalmente, na época da lua cheia, sendo a lua então supostamente exercendo uma influência específica sobre os seres humanos. Os sectários se encontram sob um carvalho sagrado crescendo em uma colina...
>
> Agora os Nosarriyeh se sentam em círculo sobre a terra, o Sheik no centro, com um atendente de cada lado, um segurando uma grande tigela de barro contendo um líquido, o outro um feixe de caules aos quais as folhas estão presas - as folhas da planta sagrada de cânhamo. O chefe pega os caules em sua mão esquerda e a tigela em sua mão direita e lentamente caminha ao redor do círculo, parando na frente de cada homem presente, que pega dele, primeiro a vegetação, na qual ele cheira suavemente, depois a tigela, cujo conteúdo ele sorve. O recipiente contém uma infusão adoçada de cânhamo, forte e sutil em sua ação.
>
> COMO É A DECOCÇÃO
>
> O sabor da decocção é doce, nauseantemente doce... e seus primeiros efeitos são tudo menos agradáveis, pois produz uma tendência distinta a vomitar.... Assim que todos tenham sucessivamente participado da bebida, que é chamada de "homa", grandes chifres são produzidos contendo bebidas alcoólicas, pois os Nosarriyeh são grandes bebedores de destilados. Os chifres de licor são passados e em poucos momentos os efeitos são aparentes, seguindo-se ao cânhamo. Os olhos brilham, o pulso acelera, o sangue parece pulsar mais ativamente nas veias, e uma inquietação toma conta de todo o corpo (1895).

Muçulmanos ortodoxos dos séculos XI e XII viam o nome Nosairiyeh como derivado de "Nasarini", significando "pequenos cristãos" e os consideravam um remanescente das seitas gnósticas cristãs antigas heréticas. Os Nosairiyeh, ou Ansayree (menos a elisão de "N") ainda podem ser encontrados em áreas montanhosas isoladas da Síria, bem como em áreas da Palestina, Curdistão, Egito e Irã. "O que principalmente distinguiu os Nusa'iris e os tornou objeto de perseguição e massacre por muçulmanos mais ortodoxos... e cruzados é a crença de que eles praticavam os ritos sexuais pagãos e gnósticos da antiguidade" (Deveney, 1997). Escrevendo em meados do século XIX, Habeeb Risk Allah Effendi comentou:

> Por alguns... os Nosairiyeh são considerados uma tribo aborígine, que sobreviveu às muitas mudanças que varreram o país, e preservou traços peculiares que os distinguem de todos os outros habitantes.... Estou inclinado a acreditar que este é o caso; e também estou disposto a considerá-los como

> provavelmente uma seita de cristãos heréticos, que tendo originalmente se retirado para as montanhas para garantir o livre exercício de suas opiniões, assim se tornaram isolados... (Effendi, 1854).

Referindo-se aos "The Nusiereh", Lyttle observou que alguns "os identificaram com os gnósticos maniqueístas, mas os pontos de semelhança são mais provavelmente devidos às origens persas de muitos dos princípios de Manes... [E]les mesmos conectam sua Eucaristia mística com o rito cristão, bem como com o 'véu do Senhor na luz que está no olho do Sol'" (Lyttle, 1887). Conder também comentou sobre a mistura das tradições zoroastriana e cristã pelos Nosairiyeh, observando que a seita ainda preserva "este curioso sistema sincrético com uma ceia eucarística e uma cerimônia de 'consagração da Erva Fragrante, provavelmente originária da adoração Haoma dos persas'" (Conder, 1886). Da tradição cristã influenciada pelo zoroastrismo, os Nosairiyeh preservaram a pompa e a glória dos tempos antigos, junto com o significado de seu passado esquecido e origens.

Hakim Bey observa que o aspecto mais fascinante das Orgias dos Comedores de Cânhamo é o uso da palavra "Homa", observando a possibilidade de uma "influência zoroastriana - ou ainda mais intrigante, a possível sobrevivência de uma antiga palavra indo-europeia em seu significado original... na Índia, a Cannabis se tornou, em certo sentido, uma espécie de Soma, preparada por saddhus e nagas modernos de acordo com um método já antigo na época do Rig Veda" (Bey, et al., 2004).

E no Veda, os sucos espremidos da planta Soma são às vezes descritos como de tom esverdeado. "Orgias dos Comedores de Cânhamo", portanto, pode oferecer alguma evidência para a existência contínua de um culto Cannabis/Haoma desde os tempos zoroastrianos até o século XIX.

CAPÍTULO 4

O Graal Verde e o Elixir da Imortalidade

particularmente interessante. "Em uma obra publicada em 1939, o estudioso Parsi Sir Jahangir C. Coyajee... observou... as semelhanças entre as lendas de Arthur e as do fabuloso Rei Kay Khosraw" (Eliade, 1989). Em Guardians of the Grail, Mark Amaru Pinkham, igualmente notou as conexões com o herói zoroastriano, "Rei Kai Khosrow, um governante cuja corte de cavaleiros devotados é reconhecida como uma contraparte persa anterior, e possivelmente inspiração para o Rei Arthur e seus Cavaleiros da Távola Redonda. Diz-se que o Rei Khorsow, que possuía uma taça mágica semelhante ao Cálice do Santo Graal da lenda, também pode ter fornecido o modelo para o personagem

Percival, o principal protagonista dos Mistérios europeus do Santo Graal" (Pinkham, 2004). Kay Khusraw "é frequentemente visto como um precursor do Rei Arthur, especialmente porque ele possuía a taça ou graal da vida" (Gardiner, 2008).

Kay Khusraw, como Jamshid, é uma figura da mitologia persa, e ambos possuíam a Taça da adivinhação que se dizia ter sido possuída por outros governantes da antiga Pérsia. Em relação a isso, vale a pena notar que o vinho infundido com cannabis, usado pelos psiconautas zoroastrianos, também manteve o nome de um rei persa, pois era referido como mang-i Vistaspan, "mang" sendo uma referência Pahlavi à cannabis, e Vistaspan, o nome do antigo Rei persa Vistaspa, que se converteu à nova religião do profeta Zoroastro, após participar da mistura. O uso desta substância também foi associado a taças sagradas. Arda Viraf bebe "três taças de ouro com vinho e cânhamo 'Vistaspic' (em outras palavras, extrato de cânhamo)... tem algum tempo para agradecer à consciência, e então adormece sobre o manto. Ele dorme por sete dias e sete noites, e durante este tempo sua alma visita o céu e o inferno" (Nyberg, 1938).

A liturgia Nusayri descreve:

> Contempla esta taça que circulou pelo templo dos não-árabes, por todos os sete períodos do mundo. Todos eles são nossos irmãos na fé e na Gnose; através da bebida você provou o conhecimento do Malakut [mundo angélico], o conhecimento daquilo que estava no primeiro dos séculos e está por todas as eras e ciclos do mundo.... Tendo provado desta bebida, você conhece a linguagem dos pássaros... (Corbin, 1998).

O rito Nusayri se refere à "linguagem dos pássaros" e este é um termo que, como observado, foi usado tanto por sufis posteriores quanto por alquimistas, para se referir a um estilo de linguagem direcionado a velar significados ocultos com simbolismo descritivo, por exemplo, o poeta Attar usou o papagaio como símbolo para o haxixe, provavelmente por causa do dom das palavras, ou inspiração poética, associado ao seu uso. No Alcorão, a compreensão da linguagem dos pássaros foi dada a Salomão. Em referência ao "conhecimento do Malakut", Henry Corbin observa que este "é o dom místico dado ao participante neste ritual da taça. Suas virtudes são comparáveis às do Graal de Jamshid e de Kay Khusraw.... Pode-se comparar isso com as bênçãos concedidas pelo Santo Graal, como fonte de imortalidade..." (Corbin, 1998).

Embora não ocorram referências explícitas à cannabis nesses relatos mais atuais do "ritual da taça" dos Nusayri, com base no que sabemos sobre o passado da seita, seu conhecido uso de cannabis em rituais até o final do século XIX como "homa", bem como com a conhecida influência zoroastriana e o conhecido uso de vinhos infundidos com cannabis em taças rituais, a conexão parece clara nas origens do rito, no mínimo.

Claramente, em relação à própria relação do Islã com a cannabis, tanto pelo uso quanto pela mitologia em torno do Haxixe, podemos ter certeza de que o uso espiritual do cânhamo foi algo que o mundo muçulmano herdou dos zoroastrianos persas e seu uso tradicional do Bhang-Haoma. Além disso, essa troca ocorreu nos estágios mais iniciais da religião islâmica e deixou uma impressão duradoura, que ainda sobrevive até os dias atuais. Como veremos, elementos da história e do mito em torno da planta se infiltraram na Europa, via ocultismo, como com livros como O Picatrix, as obras alquímicas de Avicena, Geber e outras figuras afiliadas aos sufis e ismailianos, e através da bem conhecida influência islâmica sobre os maçons, rosacrucianos e outras sociedades secretas... e, mais interessantemente, nos mitos e origens do Santo Graal.

O Graal da lenda arturiana passou a representar muitas coisas: um cálice dourado usado para coletar o sangue de Cristo crucificado, um cálice mágico que satisfaz todos os desejos, a linhagem de Jesus que pode identificar seus descendentes, a restauração dos ritos eróticos da religião antiga, simbolizando a unidade das crenças cristãs e pagãs, através das influências celtas da taça de Bran e muitas outras interpretações. Aqui nos concentraremos nas origens do mito, na imagem primordial ou remanescente arcaico, do qual o símbolo surgiu pela primeira vez, antes do desenvolvimento das interpretações posteriores que vieram a ser associadas à identidade do Graal. Além disso, também estaremos olhando não tanto para a taça, mas para o que ela continha, e de fato descobriremos que taças sagradas têm uma longa história com substâncias magicamente intoxicantes. Através disso, descobrimos que pode muito bem haver uma conexão com os mitos anteriores de Soma e Haoma, como pesquisadores anteriores também mostraram.

Na época das origens das lendas arturianas do Graal, a Europa estava apenas emergindo de um período amplamente conhecido como a Idade das Trevas, e sob estrito domínio católico. Com a perda das rotas comerciais por várias razões, o mundo ocidental havia perdido o contato e a influência de grande parte do Oriente Médio, Índia e Ásia, e isso incluía a perda de muito do conhecimento coletado do mundo antigo. Somando-se a isso, qualquer coisa que entrasse em conflito com as sagradas escrituras e a visão da Igreja sobre a Bíblia, caía nas mãos dos censores. No entanto, mil anos sem a vinda do salvador prometido levaram a dúvidas na Igreja entre a população. Em 1.000 d.C., essa situação atingiu um crescendo, quando o messias prometido e a Era Dourada da revelação nunca ocorreram. Devido à referência do Apocalipse ao aprisionamento de mil anos do Dragão e por causa da interpretação do Apóstolo Pedro de que um dia é como mil anos para o Senhor, um fervor de pânico surgiu à medida que o calendário se aproximava de 1.000 d.C., e grande parte da Europa ficou obcecada com uma mania apocalíptica.

> Uma estranha ideia havia tomado posse da mente popular no final do décimo e início do décimo primeiro século. Acreditava-se universalmente que o fim do

> mundo estava próximo; que os mil anos do Apocalipse estavam próximos da conclusão, e que Jesus Cristo desceria sobre Jerusalém para julgar a humanidade. Toda a cristandade estava em comoção. Um terror de pânico tomou conta dos fracos, dos crédulos, dos culpados, que naqueles dias formavam mais de dezenove vigésimos da população. Abandonando seus lares, parentes e ocupações, eles se aglomeraram em Jerusalém para aguardar a vinda do Senhor, aliviados, como imaginavam, de uma carga de pecado por sua cansativa peregrinação. Para aumentar o pânico, observou-se que as estrelas caíam do céu, terremotos sacudiam a terra e furacões violentos derrubavam as florestas. Todos esses, e mais especialmente os fenômenos meteóricos, eram vistos como precursores dos julgamentos que se aproximavam. Não havia um meteoro que cortasse o horizonte que não enchesse um distrito de alarme e enviasse a Jerusalém uma vintena de peregrinos, com cajado na mão e alforje nas costas, orando enquanto caminhavam pela remissão de seus pecados. Homens, mulheres e até crianças, caminhavam em bandos para a cidade santa, na expectativa do dia em que os céus se abririam, e o filho de Deus desceria em sua glória" (Mackay, 1841).

Cristãos medievais enlouquecidos abandonaram casas, fazendas e cidades, pisoteando o campo soprando a trombeta dos Últimos Dias. Embora em algumas áreas tanto o comércio quanto a agricultura tenham chegado a uma completa paralisação, não muito mais aconteceu em escala apocalíptica. Mas a própria sociedade humana sofreu devido à fome e outros problemas decorrentes da anarquia temporária e do caos causados pela crença no fim do mundo, e da falta de rotações adequadas de culturas que resultaram disso. Essa falta de cumprimento da profecia levou a uma busca por revigoramento espiritual. O interesse pela Terra Santa, de onde a Bíblia se originou, começou a fermentar. Isso eventualmente resultou no período conhecido como as Cruzadas, quando as nações europeias decidiram que era hora de se reconectar com a Terra Santa descrita na Bíblia. Através dessa campanha militar religiosa, a Europa foi reintroduzida à ciência e ao conhecimento do Mundo Antigo. A Terra Santa, que estava principalmente sob domínio islâmico, não havia sido vítima da proibição de fogo e enxofre sobre o conhecimento imposta pela Igreja Católica, assim muitos dos antigos textos de ciência e filosofia sobreviveram em bibliotecas islâmicas.

Um dos grandes mitos do período das Cruzadas é a história do Graal. E acreditava-se amplamente que este mítico cálice dourado era a melhor chance da Europa para redenção e revigoramento espiritual. Na mitologia do Graal, através de uma simbiose mágica, para o bem ou para o mal, a saúde do rei estava em conjunção com a saúde do reino. As lendas mais famosas do Graal contam a história do doente e desesperado Rei Pescador, que só pode ser curado por uma taça milagrosa, que restaurará a saúde do monarca, bem como a fertilidade à terra devastada sobre a qual ele governava. Acredita-

se que todo o motivo da terra devastada tenha origens árabes, e os primeiros cruzados o trouxeram de volta para a Europa acreditando que, se o Graal não fosse recuperado, a terra devastada que acometeu o deserto saudita-árabe acometeria sua terra mais fértil.

Soma, Haoma e o Graal

Claramente, o Graal assumiu muitas formas, mas como símbolo teve que começar em algum lugar, e é ao olhar para as origens deste mito que podemos ver algumas conexões interessantes com a história perdida tanto da cannabis quanto dos mitos de Soma e Haoma. No bem pesquisado estudo junguiano The Grail Legend, de Emma Jung e Marie-Louise von Franz, as autoras ofereceram uma visão geral das diferentes teorias sobre as origens da lenda do Graal. "Que a Lenda se origina, pelo menos em parte, no Oriente é indiscutível e pode ser discernido a partir dos próprios textos..." (Jung & von Franz, 1960/1970).

> I.J. Ringbom em Graltempel und Paradises [(1951)]... tenta estabelecer o núcleo da lenda como proveniente de uma tradição persa... Ringbom... tentou... mostrar que a ideia do Castelo do Graal... veio para a Europa da Pérsia e que este castelo ou templo - uma estrutura em forma de mandala - representa o Paraíso, ou o Além espiritual, cujo protótipo ele vê no santuário Parsee [Zoroastriano] do fogo sagrado em Siz... Ringbom também compara sua estrutura com o santuário montanhoso da seita muçulmana dos Assassinos, uma irmandade secreta sob a autoridade de um "Velho da Montanha", com a qual os Templários cultivaram relações particularmente próximas.
>
> ...F. Von Suhtshek [(1926; 1930; 1931; 1936)]... também tenta traçar o Parzival de Wolfram de volta a uma epopeia nacional iraniana, Barzu-Name, e equipara Monsalvatsch, por exemplo, com sal-wadsche, um famoso lugar sagrado Parsee (Jung & von Franz, 1960/1970).

Que possa haver alguma conexão entre as tradições persas associadas ao Haoma e a mitologia do Graal, há muito tempo tem sido objeto de especulação. Referências notáveis a isso podem ser encontradas em Iranian & Indian Analogues of the Legend of the Holy Grail, (1939) de Sir Jehangir Coyajee, bem como em "Sir Gawain and the Green Knight: Indra and Namuci," (1944) de Ananda K. Coomaraswamy. Como o ocultista e maçom René Guénon (1886-1951) escreveu em relação à identidade perdida do Graal original:

> ...o que foi perdido é representado não apenas pela taça sagrada, isto é, pelo Graal ou vários de seus equivalentes, mas também pelo que ela contém. Isso é facilmente compreensível, pois o conteúdo, como quer que seja designado, é na verdade nada mais do que o "gole da imortalidade", cuja posse essencialmente

> constitui um dos privilégios do estado primordial. Assim, diz-se que depois que o Soma védico se tornou desconhecido em uma certa época, foi necessário substituí-lo por outro gole que apenas o representava; e embora não esteja positivamente indicado em nenhum lugar, parece até que esse substituto foi perdido por sua vez....
>
> E enquanto neste assunto, vale lembrar que em outras tradições o vinho também substitui o 'gole da imortalidade', além disso, é por isso que geralmente é tomado como um símbolo da doutrina oculta ou guardada, a saber, conhecimento esotérico e iniciático... (Guénon, 1964/2004).

Em outro lugar, em referência à Busca do Graal, Guénon, com S.D. Fohr, comentou corretamente que:

> Todas as tradições aludem a algo que a partir de um certo momento se torna perdido ou escondido, como o Soma dos hindus e o Haoma persa ou "gole da imortalidade", estes últimos tendo uma conexão muito direta com o Graal, que se dizia ser o cálice sagrado que continha o sangue de Cristo - outro "gole da imortalidade".
>
> ....Voltando ao próprio Graal, podemos facilmente ver que seu significado primário é basicamente o mesmo que o do vaso sagrado, onde quer que seja encontrado, e que notavelmente no Oriente, é o do vaso sacrificial que originalmente continha o Soma védico ou o Haoma mazdeísta, o "gole da imortalidade" que concede ou restaura àqueles que o tomam com a disposição necessária, o "sentido da eternidade" (Guénon & Fohr, 1927).

Leopold von Schroeder (1851-1920), o indologista alemão conhecido por seus estudos científicos de mito e lendas, prestou atenção especial às conexões do Soma védico e seu equivalente, o Haoma avéstico, com o Santo Graal, observando uma variedade de cruzamentos entre as mitologias arturianas e védicas a esse respeito. "L. von Schroeder, Die Wurzeln des Sage vom heilgen Craal, [(1910)]... localiza o primeiro lar do graal na Índia e cita paralelos e exemplos dos Vedas onde o sol e a lua são mencionados como vasos milagrosos nas montanhas inacessíveis do Céu. Lá eles podem ser abordados apenas por deuses, semideuses e os abençoados mortos, e von Schroeder compara o Graal a esses vasos maravilhosos" (Jung & von Franz, 1960/1970).

> Um ponto de concordância muito importante, que ilumina uma característica da poesia do graal que permaneceu bastante obscura até agora, foi a aquisição do Soma celestial por Indra, que significa ao mesmo tempo a produção de chuva, libertação dos cursos de água para a terra e o mundo humano, que o sacrifício de Soma, portanto, representa uma magia da chuva e que o Soma-Lua é um dispensador de chuva - e que essas sagas do Graal concordam com isso de

> maneira notável, que descrevem a terra ao redor do castelo do Graal como ressequida, deserta e infértil, até a descoberta do castelo do Graal pelo herói do Graal, ou a pergunta mágica através da qual ele se torna senhor do Graal (von Schroeder, 1910).

CAPÍTULO 5

Os Cavaleiros Templários e o Graal

comentários para a contracapa do livro quando foi publicado pouco antes de sua morte. "Li vários livros do Sr. Bennett sobre este assunto [história da cannabis] e estou em geral de acordo com o que ele afirma, especialmente sobre a extensão em que o alucinógeno védico Soma provavelmente era feito de cannabis. De fato, sua pesquisa mudou meu próprio pensamento sobre este antigo enigma (até agora, a maioria dos estudiosos sugeriu que o Soma era preparado a partir de cogumelos psicotrópicos)" (Littleton, 2010). Também discutimos sua teoria sobre as taças sagradas dos citas e o Graal, e minha visão de que tudo isso era tanto sobre o que essas taças continham, quanto sobre as próprias taças.

Littleton e Malcor sentiram que a mitologia cita veio a ser conectada com a mitologia do Graal, e particularmente as histórias de Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda, através de um ramo das tribos citas conhecidas como sármatas. Eles observaram que um comandante sármata com o nome latinizado de "Arthur", "Artorius", estava realmente estacionado na Inglaterra, junto com outras conexões na mitologia e história. Littleton também escreveu extensivamente sobre esta conexão em um artigo co-autorado com Ann C. Thomas, "The Sarmatian Connection: New Light on the Origin of the Arthurian and Holy Grail Legends" (1978). Outros pesquisadores também notaram esta conexão, como os autores de The New Arthurian Encyclopedia, que observaram que:

> Os guerreiros sármatas eram cavalaria fortemente armada. Eles lutavam sob estandartes de dragão como suas insígnias de batalha, adoravam como seu deus tribal de guerra uma espada nua fincada no chão ou em uma plataforma, tinham xamãs como seus líderes espirituais tribais e usavam caldeirões sagrados para queimar folhas de cânhamo para induzir visões religiosas inalando os vapores. Seus príncipes eram enterrados nas margens dos rios; a próxima inundação apagaria todos os vestígios dos túmulos como precaução contra o roubo de sepulturas. Os paralelos com os "cavaleiros" de Arthur, o estandarte Pendragon, a Espada na Pedra, o mago Merlin, o vaso do Graal e o

> túmulo desconhecido de Arthur são óbvios, embora, é claro, o caldeirão de haxixe sármata seria apenas uma das várias fontes para o Graal (Lacy, et. al. 2013).

Os autores de The New Arthurian Encyclopedia fazem uma conexão com os braseiros dos citas, parecendo desconhecer que existem evidências arqueológicas do uso de cannabis pelos citas em bebidas infundidas, e que eles também utilizavam taças em forma de braseiros, indicando uma conexão entre os dois, e esta conexão provavelmente se devia ao conteúdo usado em ambos. O uso de bebidas infundidas com cannabis pelos citas pode oferecer uma explicação para a inclusão de taças rituais e vasos em forma de braseiros em túmulos citas, como descrito por V.A. Kisel em "Herodotus's Scythian Logos and Ritual Vessels of the Early Nomads", e esta pesquisa também corrobora ainda mais as conexões com as lendas arturianas do Santo Graal.

> Alguns incensários são pequenos. Portanto, em vez de serem receptáculos para pedras aquecidas, eles serviam a um propósito diferente. Possivelmente, eram usados para queimar plantas secas trituradas ou para bebidas rituais. Isso é bastante provável, já que a função dos vasos mudava com o tempo ou espécimes semelhantes podem ter sido funcionalmente diferentes (Kisel, 2007).

Kisel aponta para uma lenda cita registrada por Heródoto de uma taça dourada ardente que caiu do céu e que entraria em chamas quando abordada, a menos que o destinatário fosse o futuro rei, que no mito é o progenitor da cultura cita e o ancestral direto da realeza cita. Tudo isso é muito reminiscente da Lenda do Graal, e o seguinte mito cita, registrado por Heródoto, é muito comparável ao mito arturiano da "espada na pedra". A lenda conta que um filho de Zeus, um certo Targaitaus, casou-se com uma filha do rio Borsythenes. Este casamento produziu três filhos, o mais jovem dos quais era Colaxias. A mitologia descreve como durante seu reinado caíram do céu um arado dourado, um machado de batalha dourado e, mais importante na visão de Kisel, uma taça dourada. Os dois irmãos mais velhos tentaram pegar esses dons milagrosos, mas quando cada um deles tentou, o ouro irrompeu em chamas. Mas quando o irmão mais novo tentou pegar os prêmios, o fogo se apagou e ele foi capaz de carregar os implementos dourados para casa vitorioso. Os irmãos mais velhos reconheceram isso como um sinal do céu e entregaram todo o reino a Colaxais. Mitologicamente, isso identificou as origens do sistema de castas cita; Colaxais era o ancestral dos "Citas Reais", um irmão o antepassado dos "Citas Guerreiros" e o outro os "Citas Agricultores".

Em um mito relacionado, Hércules, após perder seus cavalos, está viajando a pé, durante essas viagens ele é seduzido por uma mulher-serpente, com quem ele concorda em dormir em troca de seus cavalos roubados. Depois de devolver os cavalos, a mulher-serpente agradeceu a Hércules pelos três filhos que seu encontro havia produzido e perguntou ao antigo herói como ela deveria decidir qual das crianças deveria ser

permitido viver na terra natal de sua mãe. Hércules disse-lhe que ela saberia aquele que deveria permanecer por sua capacidade de puxar o arco de Hércules e colocar seu cinto, que tinha um cálice dourado anexado. O filho mais novo, Cita, realizou isso, e foi este Cita, filho de Hércules, que se tornou pai da linhagem dos reis citas. Tendo relatado a lenda, Heródoto acrescenta: "E da circunstância do cálice que pendia do cinto, os citas até hoje usam cálices em seus cintos." Um guerreiro tinha que matar alguns inimigos e mostrar heroísmo pessoal para ser premiado com tal taça, e apenas os homens mais respeitados tinham permissão para usar uma com aplique de ouro. Esses cálices eram em alguns períodos também feitos de um crânio humano recuperado do corpo de um inimigo morto, reminiscente das taças de crânio, o "kapala", usado por Shiva e seus devotos Saddhus para beber bhang.

Curiosamente, os citas que se estabeleceram no norte da Índia (300 a.C.-300 d.C.) adotaram a adoração de Shiva.

Kisel afirma que ao "procurar análogos à taça lendária, deve-se prestar especial atenção aos vasos com alças em forma de segmento. Esses vasos levantam muitas questões que ainda não foram resolvidas" (Kisel, 2007). Kisel sentiu que as alças segmentadas e as formas desses vasos foram inspiradas pelos braseiros usados para queimar cannabis, e que sua forma imitativa indicava uma bebida ardente que estava relacionada ao que estava sendo queimado nos braseiros. "Esses vasos de prata dourada decorados com representações em relevo ocupavam um lugar central nos conjuntos funerários citas" (Kisel, 2007).

> Todos esses fatos sugerem que vasos com alças em forma de segmento eram o elemento-chave do culto cita e eram usados nos ritos mais sagrados que eram tabu para os profanos. Ao contrário dos incensários, eles podem ter sido apenas simbolicamente relacionados ao fogo e eram usados como receptáculos para líquidos "ardentes" sacrais, como aqueles usados em muitas tradições. Parece possível que os citas realmente associassem tais vasos com a taça lendária que havia caído do céu.
>
> ...Em uma publicação separada, tentei demonstrar que a bebida "ardente" era de fato bebida pelos citas (Kisel, 2002). Além disso, alças quebradas em vasos de argila feitos no estilo animal cita e encontrados em Ziviyeh, Irã, indicam que tais taças já eram usadas nos estágios iniciais da história cita. A semelhança entre incensários, caldeirões, conchas e tigelas com alças em forma de segmento não se restringe à sua forma globular. Eles eram evidentemente unidos pela mesma ideia: conexão com o fogo. Seu "protótipo divino" comum - a tigela celestial - foi dotado de uma capacidade mágica de pegar fogo, e a mesma capacidade foi provavelmente atribuída a todos esses vasos.... A imagem de uma taça ardente estava aparentemente relacionada à mitologia indiana e ao zoroastrismo; textos

> zoroastrianos mencionam vasos rituais com fogo queimando dentro deles (Kisel, 2007).

Em relação a isso, o falecido arqueólogo Andrew Sherratt sugeriu "Os produtos vegetais rituais tradicionalmente consumidos nas estepes em braseiros [cerca de 3.500 a.C., ou antes] agora teriam sido preparados como uma bebida euforizante ou inebriante - incluindo a substância posteriormente conhecida como Haoma" (Sherratt, 1995). E assim, outro fator na concepção das "taças ardentes" citas pode ter envolvido a mitologia de Haoma/Soma. Como o Soma Celestial, era produzido pelo Sol, encenado por Agni na tradição védica e pela Deusa Tabiti na cita, e derramado na tigela Celestial, a lua. Como tal, o Soma terrestre representava o fogo doador de vida do sol em forma líquida.

Kisel concluiu que, apesar de terem uma herança mitológica comum, a vida ritual dos citas europeus e asiáticos tinha algumas diferenças, notadamente envolvendo seus ritos de purificação e objetos de adoração. "Os citas europeus não praticavam o banho de vapor descrito no logos cita, e seu principal vaso sacral era uma tigela redonda ou uma concha, que frequentemente tinha alças em forma de segmento. Os nômades asiáticos comumente praticavam a purificação com vapor de cânhamo, e seus vasos mais sacrais eram um caldeirão, uma concha e um incensário, a maioria dos quais são vasos usados por grandes grupos de pessoas, possivelmente membros do clã..." (Kisel, 2007). Tornando suas conexões ainda mais claras, Kisel também observou que era provável "que pires, como a maioria dos altares de pedra nômades, servissem como pedras de prensa para expressar Soma-Haoma, porque neste caso, também, tanto plantas quanto fogo poderiam ter sido usados" (Kisel, 2007).

Mais recentemente, o assunto das taças de ouro citas e bebidas de cannabis ressurgiu novamente após uma descoberta arqueológica emocionante e a análise de resíduos antigos. Uma coleção de taças e tigelas de ouro encontradas em um local de sepultamento cita no sul da Rússia foi testada para os resíduos que haviam solidificado nelas, e revelou que elas haviam sido usadas para beber uma preparação de cannabis e ópio (Curry, 2015). Esses conteúdos se encaixam com as descobertas de resíduos de cannabis e ópio de Sarianidi em BMAC, embora não esteja claro se eles testaram outras plantas, como a efedra que foi encontrada em BMAC, em relação às taças de ouro. Esta descoberta foi amplamente relatada como a descoberta de "bongs dourados" usados para "fumar" cannabis na imprensa mainstream, sendo um bong um dispositivo para fumar cannabis, que não foi inventado até séculos, se não milênios, após o tempo dos citas. Mas como o arqueólogo Professor Anton Gass, que esteve envolvido com a análise das taças e tigelas de ouro, observou "a dificuldade foi devido à tradução. Não é um bong, mas vasos rituais para Haoma." (Gass, 2015).

Em relação a isso, vale a pena notar que este cenário não nega completamente uma conexão celta com a mitologia do Graal, já que laços culturais e trocas entre os citas e celtas há muito são notados. Além disso, como referido anteriormente, a cannabis foi encontrada em vários locais celtas, e há evidências arqueológicas de que na Europa antiga - a planta era usada como incenso ritual e provavelmente como bebida. Em relação a este estudo, é interessante notar que em Ploughing the Clouds, Peter Lamborn Wilson/Bey sugeriu um Soma celta, mas neste caso ele foi influenciado pelo trabalho de R. Gordon Wasson, e tenta identificar de forma não convincente o uso da Amanita Muscaria na Europa Ocidental. Além disso, há as sugestões do respeitado falecido arqueólogo Andrew Sherratt de que a "cultura da cerâmica cordada" (2900 a.C.-2350 a.C.) que estava amplamente difundida por toda a Europa, consumia bebidas de cannabis nos recipientes de cerâmica pelos quais são nomeados (Sherratt, 1995).

Outras possíveis vias de uma origem da cannabis no mito do Graal também podem ser encontradas. Deve-se notar também que o mito do Graal tem sido entrelaçado com a história dos Cavaleiros Templários, um grupo de Cavaleiros da era das Cruzadas, que vários pesquisadores viram como um condutor para a penetração do uso oculto do haxixe na Europa. "A extensão em que as conexões históricas com os Templários, com a Pérsia, com o Islã e com o paganismo celta-germânico e a antiguidade pagã desempenham um papel já foi notada por muitos" (Jung e von Franz, 1960: 1970).

Os Templários têm sido associados à mitologia do Graal desde seus estágios iniciais, "o romance francês do século XIII Perlesvaus, pode ter sido realmente escrito por um Templário, como sua atenção aos detalhes em relação a assuntos militares e o fato de que apresenta cavaleiros que usavam o manto Templário da cruz vermelha sobre o fundo branco" (Martin, 2011). E esta suposta conexão levou a especulações sensacionais.

> Os Templários aparecem em The Perlesvaus não apenas como homens militares, mas também como altos iniciados místicos. Isso é indicativo, pois os Templários estavam apenas muito ansiosos para reforçar a imagem popular de si mesmos como magos, como feiticeiros ou bruxos, como necromantes, como alquimistas, como sábios privados de elevados segredos arcanos. E, de fato, foi precisamente esta imagem que ricocheteou sobre eles e forneceu a seus inimigos os meios de sua destruição (Baigent & Leigh, 1989).

Além disso, em Parzival, de Wolfram von Eschenbach (c. 1160/80-c. 1220), um cavaleiro e poeta alemão, o herói do conto, Parsival, é identificado como membro de um grupo considerado os Templários, os "Templeisen". Diz-se também que Von Eschenbach fez uma visita especial a Outremer, um posto avançado Templário, para que pudesse testemunhar a Ordem em ação. Diz-se que Wolfram ouviu pela primeira vez o conto de uma fonte em Toledo do século XIII, durante o reinado de Afonso X, também conhecido

como Afonso, o Sábio. Afonso, ele próprio um poeta, era "um grande patrono dos Trovadores, e ele próprio pertencia a essa fraternidade cantora" (Evans, 1889). Os Trovadores foram instrumentais na difusão da mitologia do Graal.

Afonso também tinha um profundo interesse em assuntos ocultos, e um de seus livros de poesia detalhava os benefícios de encontrar a Pedra Filosofal[1], um símbolo alquímico que é frequentemente associado ao Graal. Ele se dedicou à química e à astrologia, e teve muitas obras importantes traduzidas durante seu reinado, como as primeiras traduções do livro árabe de magia cheio de drogas, O Picatrix e outros textos ocultos. Durante este período, o haxixe "era... abertamente consumido no sul da Espanha até a reconquista daquele país por Isabella [(1451-1504)] a Católica e o restabelecimento do firme controle da Igreja Católica Romana" (Nahas, 1985). Também existem alegações um tanto controversas de evidências de cannabis fumada da Espanha do século X ao XIII[2].

> Enquanto os historiadores agora reconhecem Toledo medieval como um centro extraordinariamente iluminado de erudição multicultural, por séculos depois ela teve uma reputação desagradável não apenas através da condenação clerical, mas também através da popularidade da literatura de romance francesa e alemã na qual Toledo e seus magos eram representados como uma fonte potente de poder sobrenatural em contos de aventura cavalheiresca (Davies, 2010).

A Espanha, na época, estava repleta de influências islâmicas. No relato de Esenbach, Parzival encontra pela primeira vez o objeto de sua busca através de uma Rainha vestida com as "caras sedas da Arábia" que "carregava o orgulho do Paraíso, Raiz e ramo, além de todo preço. Aquilo era uma coisa que os homens chamam de Graal." Isso também foi traduzido como "raiz e flor do jardim do Paraíso, aquilo que os homens chamam de O Graal". Essas descrições claramente sugerem uma fonte vegetativa e uma influência árabe nas origens do Graal. Elas também trazem à mente versos islâmicos de haxixe deste mesmo período. "É algo pertencente a prados cuja verdura se assemelha aos jardins (do Paraíso)" (Al-ls Irdi, século XIII).

Os Cavaleiros Templários e o Graal (continuação)

praticar rituais lá. Além disso, também houve alegações mais críveis de alianças temporárias entre os Templários e Assassinos, contra inimigos comuns no Oriente Médio.

Jules Michelet observou, com menos alarde, na História da França, que os Templários "estavam notoriamente em comunicação com os Assassinos da Síria; e as semelhanças de suas vestimentas com as do Velho da Montanha foram notadas com temor. Eles haviam recebido o Soldão [Sultão] em suas casas, permitido aos maometanos o

exercício de seu culto e avisado os infiéis da chegada de Frederico II" (Michelet, 1845). Os Templários realmente abriram novos caminhos na diplomacia, e o "primeiro tratado feito entre os cristãos e os muçulmanos foi com o líder dos Assassinos" (Hodge, 2013). "Os Templários... conseguiram estabelecer uma ascendência sobre os castelos dos Assassinos e coletaram tributos deles" (Lewis, 1967/2003). Lewis também observa vários contatos europeus cordiais medievais com os Assassinos, e até mesmo uma embaixada de líderes muçulmanos "principalmente do Velho da Montanha" na Europa do século XIII, buscando alianças com os franceses e britânicos. "[A]lgum intercâmbio de natureza social havia inquestionavelmente ocorrido entre os Templários e Assassinos nos vinte e cinco anos de relações mais ou menos pacíficas, enquanto um grupo oferecia, e o outro recebia, o tributo anual de sangue ou tributo de duas mil peças de ouro (Legman, 1966).

Infelizmente, é difícil separar fato de ficção em relação à influência desse contato, e muito foi feito disso. Embora pareça haver um consenso histórico de que algum contato realmente ocorreu, ele claramente alternava entre hostil e tolerável. Além disso, os Templários estavam na Terra Santa por tanto tempo que alguns cavaleiros chegaram a nascer lá[1], e estes provavelmente estavam bem versados nas crenças locais, tanto religiosas quanto mágicas, que estavam em prática em seu local de nascimento e o único lar que conheciam.

Como Jung e von Franz observaram em The Grail Legend: "Apesar de todas as controvérsias associadas ao assunto, a possibilidade de que os Templários tenham sido espiritualmente influenciados por certos movimentos do Islã, especialmente os gnósticos esotéricos, não pode ser descartada" (Jung & von Franz, 1960/1970). Esta tem sido uma visão amplamente mantida por séculos. "Há boas razões para acreditar que os Cavaleiros Templários tomaram emprestado muito da constituição de sua ordem desta terrível seita" (Hodgson, 1881). "[A] questão dos Assassinos não é fácil de descartar, já que relações muito intensas entre os Templários e a seita guerrilheira persa dos 'Assads' ou comedores de haxixe existiram em uma data durante as Cruzadas muito próxima à da adoção pelos Templários da cruz vermelha e da forma final de sua hierarquia organizacional" (Legman, 1966). Como Gershon Legman também observou em The Guilt of the Templars: "De acordo com Victor-Emile Michelet... em Le Secret de la Chevalerie (1930), os Cavaleiros, Escudeiros e Servos da ordem Templária correspondiam exatamente aos Refik, Fedavi e Lassik dos Assassinos, os priores do Templo aos Dailskebirs e Dais; e o Grão-Mestre do Templo ao Sheik-al-Djebal dos Assassinos, ninguém menos que Hassan ibn-as-Sabbah, o temível 'Velho da Montanha'" (Legman, 1966).

Em seu clássico The History of the Assassins: Derived from Oriental Sources (1835)[2], Joseph Freiherr von Hammer-Purgstall traçou as Sociedades Secretas de seu próprio tempo, e sua intenção e estrutura, como os Maçons, de volta aos Templários e sua

associação com os Assassinos, afirmando que foi "provavelmente através do meio das Cruzadas, passou... o espírito do oriente para o do Ocidente":

> ...Os Assassinos, graças aos céus, têm sido até agora sem paralelo. Os Templários, incontestavelmente, estão no próximo nível a eles; suas máximas secretas, particularmente no que diz respeito à renúncia às religiões positivas, e às extensões de seu poder pela aquisição de castelos e lugares fortes, parecem ter sido as mesmas que as da ordem dos Assassinos. A concordância, igualmente, das vestes brancas e fitas vermelhas dos Assassinos, com o manto branco e cruz vermelha dos Templários, é certamente notavelmente impressionante.
>
> ...Os Assassinos eram, eles mesmos... um ramo dos Ismaelitas, os próprios Iluminados do oriente. A instituição de sua loja no Cairo; os vários graus de iniciação; a denominação de mestre; companheiros e noviços; a doutrina pública e a secreta; o juramento de obediência incondicional a superiores desconhecidos, para servir aos fins da ordem; tudo concorda completamente com o que vimos e lemos em nossos próprios dias, a respeito de sociedades revolucionárias secretas; e eles coincidem não menos na forma de sua constituição, do que no objetivo comum de declarar todos os reis e sacerdotes supérfluos....
>
> [O]s Templários... além do grão-mestre e grandes priores, e núncios religiosos, também tinham alguma semelhança com os Assassinos em seu espírito de interferência política e doutrina secreta... os Templários também tinham doutrinas secretas, que negavam e abjuravam a santidade da cruz, assim como os outros faziam com os mandamentos do Islamismo... (von Hammer Purgstall, 1813/1835).

Em seu Mysterium Baphometis revelatum, von Hammer-Purgstall também afirmou: "não resta dúvida de que a mais célebre taça da Idade Média, sob o nome do Santo Graal, não significa nada além de um símbolo da comunidade Templária e da sabedoria Gnóstica" (von Hammer-Purgstall, 1818). Uma sabedoria Gnóstica que ele afirma ter vindo através do contato com os Hashishin.

Os autores do controverso The Holy Blood and the Holy Grail também comentaram sobre a ligação entre os Templários e o ramo Isma'ili, os Hashishins: "Conexões secretas também foram mantidas com os Hashishim ou Assassinos, a famosa seita de adeptos militantes e frequentemente fanáticos que eram o equivalente islâmico dos Templários" (Baigent, et. al. 1982). Eles observam que "a necessidade dos Templários de tratar feridas e doenças os tornou adeptos no uso de drogas" e "avançados para seu tempo, consideravam a epilepsia não como possessão demoníaca, mas como uma

doença controlável" (Baigent, et. al. 1982). Curiosamente, a cannabis não é apenas um medicamento de campo de batalha eficaz para cataplasmas e como um anestésico leve, mas também é o medicamento natural ou sintético mais seguro comprovadamente bem-sucedido no tratamento de algumas formas de epilepsia. Certamente, referências a medicamentos de cannabis começaram a aparecer na Europa por volta desta mesma época, e estas provavelmente seguiram através das obras de Avicena (980-1037 d.C.) e outros médicos islâmicos que os prescreviam, sendo traduzidas para o latim e chegando à Europa através dos Cruzados que retornavam, como os Templários. Foi até sugerido que a droga era usada como uma forma médica de medicação para TEPT, "Sua introdução na Europa se deveu aos Cruzados, que precisavam da letargia sonhadora que a droga produz inicialmente para acalmá-los e fazê-los esquecer o tumulto em que encontravam seus lares" (Craig, 1918).

Entre as várias alegações feitas sobre as conexões entre os Templários e Assassinos, há muito se sugere que durante sua estadia na Terra Santa controlada pelo Islã, os Cavaleiros Templários europeus se associaram ao uso de haxixe através de um intercâmbio de bens e conhecimentos com os já mencionados Assassinos, e que os Templários trouxeram de volta o uso oculto da droga para a Europa.

Como a Igreja Reformada dos Estados Unidos escreveu sobre esses Cruzados em um tratado do século XIX: "diz-se que eles rapidamente adquiriram a língua, a literatura e até mesmo os vícios do Oriente. Eles haviam procurado o infiel, e o infiel os converteu.' Descansando no banho, eles ouviam as histórias das Mil e Uma Noites; ou, talvez, sob a influência do ópio ou haxixe, contemplavam por si mesmos as maravilhas de Jinistan" (Reformed Church of the United States, 1884). Konrad Bercovici, relatando a Loucura da Maconha de seu tempo, explicou em The Crusades (1929), que:

> Ao retornarem às suas terras natais, esses cavaleiros continuaram suas devassidões. Suas orgias e festas eram de uma natureza tão repugnante que mesmo os franceses daqueles dias nunca tinham ouvido falar e não podiam tolerar. Sadismo, masoquismo, ritos vodu, homossexualidade e todo tipo de perversão que os homens eram capazes de descobrir em suas imaginações doentias, eram praticados por esses cavaleiros da cruz que retornavam. Esses cavaleiros haviam trazido para casa as ervas narcóticas mais mortais, o haxixe, Cannabis Indica, cujo uso transforma homens em feras ferozes. Sob sua influência, os indivíduos mais gentis se tornam monstros e assassinos (Bercovici, 1929).

Um caminho semelhante, sem os tons ominosos, também foi sugerido por Robert Anton Wilson, em seu clássico Sex and Drugs:

> Após o contato com os Assassinos... os Cavaleiros Templários desenvolveram algumas doutrinas muito peculiares. Em 1307, o grão-mestre da ordem e 122 membros foram queimados na fogueira por heresia, blasfêmia, sodomia e várias outras acusações que parecem ter sido adicionadas apenas para desgraçá-los completamente. Os Templários haviam tentado introduzir sexo no sacramento cristão e referências ambíguas a uma planta ou erva sagrada aparecem em seus manuscritos sobreviventes (Wilson, 1973).

Infelizmente, Wilson não deu indicações sobre a quais referências ele estava se referindo e não citou fontes. Além disso, em meados dos anos 90, em Green Gold the Tree of Life: Marijuana in Magic and Religion (1995), meus então co-autores e eu tentamos defender essa conexão e, no auge do sensacionalismo ansioso, e em certo sentido, sem saber, lançando as bases para este trabalho posterior, escrevemos:

> A informação alquímica sobre o uso da cannabis foi reintroduzida na Europa após a Idade das Trevas, quando os Cavaleiros Templários, fundados por Hugh de Payns ("dos Pagãos") por volta do início do século XII, se envolveram em um comércio de bens e conhecimentos com os Isma'ilis [Assassinos] que ingeriam haxixe. Este conhecimento foi transmitido por adeptos orientais e transmitido esotericamente através dos alquimistas medievais, rosacrucianos e, mais tarde, para os ocultistas mais influentes do final do século XIX e início do século XX (Bennett, et. al., 1995).

Umberto Eco incorporou esse tema em sua clássica obra de ficção ocultista, O Pêndulo de Foucault: "Dos Assassinos, os Templários aprenderam ritos ocultos. Foi covardia e ignorância que impediram os inquisidores do Rei Filipe de ver que cuspir na cruz, o beijo no ânus, o gato preto e a adoração de Baphomet eram simplesmente uma repetição de outras cerimônias realizadas sob a influência do primeiro segredo que os Templários aprenderam no Oriente: O uso do haxixe" (Eco, 1988). O site francês Templiers.org, que é dedicado à história dos Templários e oferece um enorme banco de dados de informações históricas sobre a ordem, sugere que o haxixe desempenhou um papel no julgamento dos Templários:

> Haxixe: o uso do haxixe era generalizado no Irã (e países vizinhos), mais particularmente relacionado à espiritualidade, como ainda é na maioria das sociedades que fazem uso tradicional dele. Nosso conceito ocidental de "droga" não existia na época e não é adaptado para apreender o uso feito pelos Ismaelitas (nem o conceito de álcool nos países muçulmanos que o proíbem é adaptado à nossa cultura e ao nosso uso do vinho).
>
> Os Templários introduziram o haxixe e a cultura na Europa no retorno das Cruzadas, e a origem de sua criminalização em nosso país é o julgamento dos

> Templários pela Inquisição, que comparou seu consumo a um "crime de bruxaria". Um século depois, essas acusações foram usadas contra Joana d'Arc pela mesma inquisição, para justificar a existência das vozes que ela ouvia.[3]

Muito se tem falado tanto dos Templários quanto de sua associação com os Assassinos, em obras modernas que tratam de assuntos como o Graal e Sociedades secretas. Como vimos anteriormente, acredita-se que os Hashishins tenham usado uma mistura de haxixe, e possivelmente ópio, em cerimônias de iniciação, que provavelmente foram herdadas das tradições anteriores do Avesta e do Zoroastrismo. Mais recentemente, Mark Amaru Pinkham sugeriu de forma vaga e dramática sobre o uso de cannabis pelos Templários em Guardians of the Holy Grail: "Os Assassinos... identificaram o Santo Graal não com uma taça ou objeto sagrado, mas com o poder transformador gerado externamente em seus laboratórios alquímicos e através da ingestão de ervas especiais..." (Pinkham, 2004).

> [O]s Cavaleiros Templários fumavam ou consumiam haxixe, uma resina de cannabis comprimida que era referida no Oriente Médio como a "Carne de Khadir" [Khidr]. Através do consumo sacramental da própria carne de Khadir, eles foram capazes de expandir adequadamente sua consciência para a presença do Homem Verde. Sua experiência de Khadir... um sentimento tangível de uma consciência onipresente ou uma Testemunha eterna que perpetuamente observa toda a existência tridimensional (Pinkham, 2004).

O Professor Georg Luck da Universidade Johns Hopkins levou essa associação um passo adiante, sugerindo que as lendas do Graal podem ter se originado através desse mesmo intercâmbio cultural, e que as origens do mito também estavam ligadas ao haxixe:

> A fórmula de Alamut (na falta de um nome melhor) era uma lendária bebida contendo haxixe. Era preparada em [a fortaleza do topo da montanha] Alamut... estabelecida no século XI por Hassan Ibn Sabbah, o líder dos Assassinos, uma seita fanática que havia declarado guerra aos Cruzados e outros muçulmanos. "Assassino" originalmente significava "consumidor de haxixe"... membros da seita bebiam ou fumavam haxixe para se tornarem imortais... a fortaleza foi saqueada em 1256. Diz-se que continha uma grande biblioteca, um laboratório alquímico e uma coleção de instrumentos astronômicos. Em outras palavras: esta era uma instalação de pesquisa no antigo estilo greco-egípcio que de alguma forma sobreviveu, em um local isolado, até a Idade Média.
>
> A ideia por trás da teriaca (baseada em ópio) e da fórmula de Alamut (baseada em haxixe) pode nos dar uma pista para o conceito do Santo Graal, que surgiu durante uma era de transição entre a antiguidade e a idade média. Supunha-se que fosse uma substância, ou um objeto, às vezes associado ao corpo e sangue

> de Cristo, que garante felicidade na terra e bem-aventurança no céu para alguns escolhidos. Se você considerar a conexão linguística entre "santo" e "inteiro" e "cura", você pode entender o Santo Graal tanto como um remédio místico (ou mágico) quanto como um sacramento (Luck, 1985; 2006).

Em um relato da história do Graal, quando Lancelot e outro Cavaleiro que busca o Graal entram no castelo onde ele está guardado, reminiscente dos iniciados Assassinos que supostamente eram drogados até a inconsciência, os heróis "saciaram sua sede com vinho, que os venceu imediatamente, como se fosse nepentes concebido expressamente para esse propósito: e eles caíram em um sono profundo" (Waite, 1933). Tem sido amplamente sugerido por numerosas fontes por séculos, que o Nepentes, famosamente usado como antídoto para o Luto na Odisseia de Homero, era um vinho infundido com cannabis (Bennett, 2010). E como Marco Polo escreveu "depois de beber... vinho intoxicante de cálices cintilantes, ele afundou em um sono profundo" (Polo, 1300/1926).

Jamashid é uma figura mítica muito antiga e remonta a algumas das mais antigas mitologias indo-europeias. "Jamshid é um famoso herói da tradição zoroastriana. Ele é o Yima do Zendavesta e o Yama da mitologia védica" (Cowell, 1874). Na tradição persa, o pai de Yima foi o primeiro a prensar o Haoma, e tomou dele para concebê-lo. O próprio Yima é creditado por espalhar o uso cultual do Haoma. Nos relatos indianos, um hino fúnebre do Atharva Veda registra que "Para Yama o suco de Soma flui claro, a Yama a oblação é paga" (A.V.18.2) e o Rig Veda ordena "A Yama derrame o Soma" (R.V. 10.14.13). "Todo estudioso competente reconhece uma estreita afinidade entre o Yima iraniano e o Yama hindu, entre o culto do Soma e o culto do Haoma..." (Hopkins, 2007). "Com o tempo, o herói avéstico Yima Xsaeta tornou-se o Shah Jamshid, governante do mundo, da lenda e mitologia persa" (Eastburn, 2011).

Outros também sugeriram a possibilidade de que "a história da taça de Jamshid seja a base para o Santo Graal" (Gowen, 1924). "[D]os protótipos desta classe, o mais impressionante em sua relação com o Santo Graal é encontrado no conhecimento lendário do lar primitivo da raça ariana. Há muito tempo, o Santo Graal era a Taça Dourada de Jamshid, rei dos Gênios na Pérsia" (Krehbiel, 1891). Como Sir Richard Burton também observou, "...o Jami-i-Jamshid, que pode ser traduzido como graal (taça) ou espelho: mostrava o mundo inteiro dentro de sua borda; e por isso era chamado Jam-i-Jeha-numa (universo exposto)" (Burton, 1880). Este é um comentário particularmente interessante em relação ao papel da cannabis em conjunto com espelhos mágicos, que será discutido no Capítulo 15 e do qual o próprio Burton era usuário. Por causa de tais associações, algumas traduções modernas de obras referindo-se à "Taça de Jamshid" a identificam com uma "bola de cristal" ou um "globo de cristal", e o termo "Jaam-e jam" passou a ser usado como gíria para "televisão". A indicação aqui é que alguém olharia fixamente para a taça depois de beber dela, e veria imagens no reflexo, como se faria com um espelho mágico.

> Jamshid - frequentemente chamado jam - é o maior herói da mitologia persa.... A taça de Jam... é o recipiente dentro do qual os segredos dos poderes Terrenos estão ocultos. Naturalmente, todos nós estamos procurando por ela.
>
> Da mesma forma, a busca pelo Santo Graal permeia a mitologia ocidental. Poderes misteriosos são atribuídos ao Graal, frequentemente descrito como a taça dourada da qual Jesus bebeu vinho na Última Ceia e que também foi usada para coletar gotas de seu sangue ao pé da cruz. O Graal é o símbolo da prosperidade, o segredo da saúde e da riqueza. Parsival buscou sua realidade elusiva para salvar o reino do Rei Arthur. Os Cavaleiros Templários foram rumores de tê-lo encontrado durante as Cruzadas na Terra Santa. Assim como com a Taça de Jam, os mistérios da existência e poder do Santo Graal perduram (Pourafzal & Montgomery, 2004).

O poeta persa Hafiz (1326-1390), que fez várias referências esotéricas ao uso sufi do haxixe, escreveu como seu "coração buscou por muitos anos o cálice do Rei Jam".[1] Curiosamente, "Cálice de jam" é um "termo coloquial para maconha" (Nordegren, 2002). Acredita-se que isso seja "da tradução direta do árabe m'juni akbar (uma confecção à base de haxixe)" (Dalzell & Victor, 2014); no entanto, fica-se imaginando se há uma conexão ainda mais profunda com o termo, à luz das informações que temos discutido.

As referências de Hafiz à Taça de Jamishid parecem também ter uma profunda semelhança com a mitologia do graal, com alguns tradutores de seus poemas até usando o termo Graal. Shahriari Shahriari (1999) nos dá a seguinte interpretação:

> Por anos meu coração estava em busca do Graal O que estava dentro de mim, ele procurava, na trilha
>
> Aquela pérola que transcende tempo e lugar Buscada por mergulhadores que os oceanos navegam Minha busca aos Magos meu caminho traça Um olhar resolveu os enigmas que eu Braille
>
> Encontrei-o com vinho na mão e rosto feliz No espelho de sua taça observaria cem detalhes
>
> Perguntei, "quando Deus te deu este Santo Graal?" Disse, "no dia em que Ele martelou o primeiro prego do mundo!"
>
> Mesmo o descrente tinha o apoio de Deus Embora não pudesse ver, o nome de Deus sempre saudaria.
>
> Todos os truques da mente fariam Deus parecer uma fraude No entanto, o Bezerro de Ouro ao lado da vara de Moisés apenas empalideceria.

> E aquele colocado na cruz por sua raça Seu crime, segredos de Deus revelaria
>
> Qualquer um que é tocado pela graça de Deus Pode fazer o que Cristo fez, sem falhar.[2]

Outras traduções, como a versão de Wilberforce Clarke de 1891, começam com a "Busca pela taça de Jamshid" em vez de "Graal", e uma tradução mais recente nos dá esta versão da primeira estrofe do poema, "Por anos, meu coração questionador ficava me perguntando; onde na terra o antigo graal de Jamshed poderia estar" (Foreman, 2015). Nestes versos reveladores de Hafiz, vemos referências aos magos zoroastrianos, bem como ao conteúdo profético da taça, e seu uso como um espelho mágico. Além disso, há elementos cristãos sugerindo que também contém o poder curativo de Cristo. Todos elementos inerentes à mitologia do Graal.

Como uma relação entre espelhos mágicos e cannabis veio a ser claramente uma parte da magia posterior (Capítulo 15), vale a pena notar que a Taça de Jamshid era olhada fixamente para ver visões. Isso é interessante em relação à planta misteriosa e aditivo de vinho dadhi que foi discutido no Capítulo 3. Como Nawal Nasrallah observa, a partir de descrições preparadas da "descrição física da bebida, sabemos que é clara, tão clara, de fato, que quando você olha para ela, ela reflete sua imagem como um espelho. Tem um tom avermelhado como se fogo ou meteoro estivesse queimando nela. A própria palavra dadhi está associada à luz." (Nasrallah, 2007). Esta descrição também lembra a da taça de fogo de Esdras, bem como os vinhos infundidos com cannabis dos primeiros zoroastrianos, que foram discutidos anteriormente nos Capítulos 1 e 2.

Em relação aos citas e à hipótese de que as lendas europeias do Graal possam ter sido derivadas através deles, bem como elementos pré-Cruzada da mitologia do Graal já na Europa, é importante notar que as rotas comerciais citas se estendiam profundamente na Pérsia, e alguns ramos dos citas falavam dialetos persas. Além disso, como observado, evidências arqueológicas indicam que os citas não apenas queimavam cannabis, mas bebiam preparações de cannabis e ópio como o Haoma em taças rituais. Referindo-se a um conflito percebido com histórias persas da Taça de Jamshid, e sua teoria de uma origem cita da mitologia do Graal, Littleton e Malcor reconhecem que as "conexões... podem refletir outro desenvolvimento independente de uma tradição iraniana comum sobre a busca pelo sagrado que pode ter chegado à Europa no início da Idade Média. Isso não afetaria a sugestão de que o núcleo da tradição chegou um milênio antes e reflete uma proveniência do nordeste iraniano em vez de 'persa'" (Littleton & Malcor, 1994/2000). A dupla de escritores também fornece uma excelente visão geral das influências persas/iranianas no mito do Graal, e os vários escritores que exploraram essas conexões.

Assim, as ideias de uma origem cita da mitologia do Graal versus a adaptação posterior de uma mitologia persa adquirida no Oriente Médio durante as Cruzadas, não precisam ser vistas como teorias concorrentes, mas sim complementares, com o mito cita já na Europa, sendo uma base para o posterior abraço das histórias persas difundidas através de influências islâmicas no início do Oriente Médio medieval. Littleton e Malcor, que notaram os elementos pré-existentes da mitologia do Graal na Europa antes das cruzadas, afirmam que essas comunalidades com a história persa e a Taça de Jamshid existem "por causa da herança indo-europeia comum da Irlanda e da Índia.... uma herança 'ariana' comum" (Littleton & Malcor, 1994/2000). A este respeito, também é importante lembrar que a cannabis foi localizada em sítios celtas, e que o uso ritual da cannabis estava presente na Europa pré-histórica, juntamente com a sugestão do falecido arqueólogo Andrew Sherrat de que a evidência generalizada de cerâmica cordada identificava o uso generalizado de uma bebida de cannabis.

Assim como nas histórias do Graal, também parece haver algum simbolismo judaico e cristão pretendido com a Taça de Jamshid. Vimos acima no poema de Hafiz que através dela alguém "Pode fazer o que Cristo fez, sem falhar". Além disso, "O rei Jamshed frequentemente foi combinado com o rei Sulayman. Como o trono de Salomão, o de Jamshed também é carregado pelo vento, e ele também se orgulha de um anel que o torna o mestre dos djinns e demônios" (Schimmel, 2014). "Provavelmente a lenda persa-árabe da taça de Jamshyd, na qual os mistérios do mundo podiam ser percebidos, e as histórias da taça milagrosa de Salomão podem ser rastreadas até... fontes gnósticas" (Jung & von Franz, 1960/1970).

O Elixir de Jerusalém

Para retornar aos Templários, e sua associação com a mitologia do Graal e os Assassinos, a questão permanece, que evidência temos do próprio uso real de cannabis pelos Templários. Dr. Camillo Di Cicco, um dermatologista de Roma, Itália, em seu artigo "Heresia e Ciência na Idade Média", refere-se a uma preparação de vinho infundido com cannabis usada pelos Templários sob o nome de "Elixir de Jerusalém":

> Os Templários criaram uma mistura com polpa de Aloe, polpa de Cânhamo e vinho de palma, chamada Elixir de Jerusalém, com propriedade terapêutica e nutritiva, eles usavam o Aloe Arborescens por sua ação antisséptica, bactericida e fungicida e por sua capacidade de penetração nas camadas mais profundas da pele....
>
> ...Curiosamente, a cannabis é o medicamento natural ou sintético mais seguro comprovadamente bem-sucedido no tratamento da maioria das formas de epilepsia.

> A herança esotérica e os conhecimentos alquímico-espagíricos foram transmitidos dos Templários aos Crucíferos. Dessas Ordens, aquela de São Giacomo ou Jacobita administrou muitos Hospitais durante o século XV. Aos monges Jacobitas, na qualidade de especialistas na cura das doenças da pele, foi confiada a tarefa de curar os soldados feridos durante as Cruzadas, nos Hospitais de Malta e Chipre. A eles, de fato, foi atribuída a capacidade de criar unguentos milagrosos.
>
> Em tal contexto histórico, deve-se estimar o trabalho dos Templários, concluindo com o reconhecimento de que eles, antecipando os tempos, tinham uma visão moderna da Medicina e, embora fossem considerados hereges e consignados ao fogo (Di Cicco, 2012).[3]

Em relação a este "Elixir de Jerusalém", uma conexão pode ser notada no fato de que "A Santa Jerusalém" era um dos nomes usados para o Haxixe por grupos sufis em tempos medievais (Rosenthal, 1971). Claramente, preparações como esta estavam em uso por certos místicos muçulmanos neste período, e a ideia de que os Templários estavam consumindo vinho infundido com cannabis como um elixir sagrado é muito intrigante. Além disso, esta afirmação apareceu em vários outros livros, geralmente aqueles relacionados ao uso de aloe vera. "[O]s Cavaleiros Templários teriam desenvolvido uma bebida ou concoção de vinho de palma, polpa de aloe vera e cânhamo - um elixir que eles chamavam de 'elixir de Jerusalém' e ao qual atribuíam sua saúde, força e longevidade" (Barcroft & Myskja, 2003). Afirmações semelhantes foram feitas em outros lugares.[4] No entanto, nenhum lista qualquer tipo de documento fonte para esta afirmação, e o mais longe que consegui rastreá-la é até o livro de Marc Schweizer de 1994, Aloe the Health and Healing Plant:

> A iniciação nas virtudes medicinais e poderes do aloe e do cânhamo fazia parte dos ensinamentos da seita Ismaelita, um de cujos representantes mais ilustres foi o médico e filósofo Avicena. Segundo a lenda, Hasan ibn al-Sabbah, o velho da montanha e chefe da irmandade dos "assassinos", foi inspirado por Avicena. Sua doutrina incluía o aprendizado por graus dos segredos dos "sete sebayahs" ou "conhecimento do caminho certo" pelo qual os Ismaelitas conferiam poderes mágicos aos seus adeptos. A planta de aloe e o cânhamo cultivados ao redor da fortaleza de Alamut (norte da Pérsia) eram considerados pelos Ismaelitas como um vech renal, um antídoto e um elixir de vida longa. Diz-se que um dos segredos da longevidade dos Cavaleiros Templários foi encontrado no famoso elixir de Jerusalém composto de haxixe, polpa de aloe e vinho de palma (Schweizer, 1994).

Andreas Schweizer refere-se a Avicena, o famoso "Pai da Medicina" árabe. Vários Templários eram bem versados em árabe, e foi sugerido que devido ao seu interesse em

medicina, eles obviamente teriam interesse no Cânone de Medicina de Avicena, que foi uma importante fonte de influência na medicina europeia até o século 17, depois de ser traduzido para o latim e lançado por toda a Europa. Umberto Eco trabalhou esta conexão em seu clássico conto ocultista O Pêndulo de Foucault:

> Eles [os Templários] tinham lido Avicena, e não eram ignorantes, como os europeus. Como você poderia viver ao lado de uma cultura tolerante, mística e libertina por dois séculos sem sucumbir ao seu fascínio, particularmente quando você a comparava com a cultura ocidental, que era crua, vulgar, bárbara e germânica? (Eco, 1988).

Supostamente, o pai de Avicena havia sido iniciado na seita islâmica dos Ismailis, que, como observado, há muito tempo estão associados ao uso esotérico do haxixe, sendo os Hashishin um ramo do grupo. O "pai [de Avicena] era... um intelectual que pertencia a um culto de haxixe" (Simmons, 2002). Provavelmente por causa dessa conexão, e elementos da doutrina Ismaili presentes nos próprios escritos de Avicena, muitos sugeriram que "O grande médico ibn-Sina (Avicena)... era um Isma'ili" (Hitti, 1968).

Avicena é uma figura notável na história da medicina, e preparações de cannabis eram claramente uma parte dessa tradição. "Cannabis (haxixe) foi introduzida na medicina por médicos árabes e era conhecida por Avicena no século X" (Jones, 1983). "Muitos médicos árabes bem conhecidos descreveram usos medicinais da cannabis, especialmente Avicena" (Russo, 2013). Um texto médico latino do século 17 refere-se a "Cannabis ex Avicenna", ou seja, "Cannabis de Avicena", indicando a forte associação que ele tinha com a erva. Avicena baseou sua notável obra, o Cânone da Medicina, em material muito mais antigo, como Galeno e Dioscórides, e também estudou o papel das ervas na China, Índia, Pérsia e Arábia. Seções inteiras do Cânone de Avicena tratam da cannabis.[5]

A colocação da cannabis por Avicena no Livro IV de seu Cânone, junto com Hyoscyamus niger e Datura fatuosa, deixa claro que ele estava bem ciente não apenas de suas propriedades médicas, mas também psicoativas. Kaplan observou que, em relação a outros meios de comunhão para exploração mística, que "algumas práticas incluem o uso de 'ervas', que possivelmente eram drogas psicodélicas" (Kaplan, 1982). A receita exata do "vinho forte de Avicena" permanece desconhecida, no entanto, mas como as obras de Avicena referem-se a substâncias como cannabis, ópio e datura, alguma especulação a este respeito é justificada, especialmente considerando o que sabemos sobre a conexão de Avicena com os Ismailis, e a associação um tanto herética desse culto com haxixe e vinho. Deve-se notar que o ópio também era misturado com vinho, e houve alegações de que Avicena era "viciado" na droga, e até mesmo que "o próprio Avicena pode realmente ter morrido de uma overdose de ópio" (Duarte, 2005). Tais preparações, como veremos mais tarde, aparecem na alquimia europeia. No entanto, a

possibilidade de que possa haver uma conexão com as alegações do vinho dos Templários nisso, permanece apenas uma possibilidade.

A este respeito, a referência de Schweizer ao "famoso elixir de Jerusalém" é mais do que um exagero, já que tão pouco se encontra em referência a esta concoção, e aqueles que escreveram sobre ela não citaram nenhuma fonte histórica.

Von Hammer-Purgstall não foi o primeiro a sugerir uma conexão dos Templários com os ritos dos antigos gnósticos. Em Versuch uber die Beschuldigungen welche dem Tempelherrenorden gemacht worden, und uber dessen Ceheimnifi (Tentativas sobre as acusações feitas à ordem dos Templários e sobre seus segredos, bem como algumas observações sobre o surgimento da Maçonaria), escrito em 1782, Christoph Friedrich Nicolai sugeriu que os Templários haviam sido influenciados pelos gnósticos maniqueístas, e que haviam adotado graus de iniciações baseados nisso a partir dos sarracenos. Além disso, von Hammer-Purgstall refere-se às obras de Karl Gottlieb Anton, autor de Versuch Einer Ceschichte Des Tempelherrnordens (Uma História Tentativa dos Templários do Norte, 1771), que sugeriu uma etimologia relacionada ao gnosticismo para o nome da divindade que os Templários foram acusados de adorar, Baphomet.

Na visão de Anton, "mete" retirado do nome Baphometis referia-se à Gnosis (conhecimento), enquanto von Hammer-Purgstall via este termo como derivado de um epíteto da Deusa Gnóstica da Sabedoria, Sophia: "Mete não é outra senão a Sophia... que é conhecida de outra forma como Acamoth..." (von Hammer-Purgstall, 1818). A primeira parte do nome Baphomet, no entanto, de acordo com a interpretação de von Hammer-Purgstall do trabalho de Anton, relaciona-se a "Batismo" ou "Tintura". "O verdadeiro sentido desta expressão grega, Baphe meteos... é Tintura de Mete; ou 'Batismo de Mete'" (von Hammer-Purgstall, 1818).[1]

> [A palavra]... Baphen, ou Bapheion aqui não significa nada além da tintura mística, ou o batismo gnóstico, a teoria apresentada abaixo com provas dos escritos dos Padres da Igreja e das taças místicas das quais três são preservadas no tesouro de Caesareo-Regius, que foram usadas para este batismo Ofita (von Hammer-Purgstall, 1818).

Von Hammer-Purgstall acreditava que imagens de taças, tigelas, algumas com almofarizes, bem como imagens delas na iconografia, não apenas identificavam a continuação dos ritos gnósticos, mas também representavam o Santo Graal. "Deve-se entender que, sob a custódia do St. Graal, aqueles irmãos da milícia [os Templários], como guardiões do cálice gnóstico, foram iniciados no mistério gnóstico da iniquidade" (von Hammer-Purgstall, 1818).

A adoção pelos Cavaleiros Templários dessas práticas, segundo von Hammer-Purgstall, ocorreu quando os "cavaleiros se confederaram com os Assassinos e... [foram] imbuídos com sua doutrina nefasta..." (von Hammer-Purgstall, 1818).

Aqui estão várias imagens que von Hammer-Purgstall associou ao Graal e atribuiu à iconografia Templária. À direita, em associação com uma das misteriosas "cabeças de Baphomet" que os Templários foram acusados de adorar, está o olho desencarnado, reminiscente do "olho da alma", referido nos textos zoroastrianos, referências ao vinho infundido com cannabis, bem como simbolismo de Haoma e Soma.

[Imagem]

Este relevo, encontrado em um antigo cofre que foi localizado por Twyman com outras relíquias que apareceram no livro de von Hammer-Purgstall, em armazenamento no Museu Britânico, onde ela os fotografou. Esta coleção aparentemente pertencia ao Duque de Blacas, que era conhecido por ter laços estreitos com o maçom renegado Joseph de Maistre. Alguns sugeriram que foram forjados a seu pedido. Note a escrita árabe no estandarte. Menciono-o pelo almofariz sendo usado no cálice (superior esquerdo), e tigelas maiores de moagem, ou tigelas de mistura (perto do centro). Bem como "o que parece um vaso alquímico pelo pescoço, segurando-o sobre as chamas de um braseiro" [direita] (Rivera & Twyman, 2015). A moagem de cannabis com almofariz e pilão, tanto pequenos quanto grandes, para uso de cannabis em bebidas, é uma técnica que continuou desde os tempos antigos. Representações do Senhor Shiva moendo cannabis para a bebida bhang desta maneira podem ser encontradas em pinturas indianas, e os Nihangs Sikhs ainda preparam cannabis como sua bebida sacramental sukidan com grandes almofarizes e pilões como o representado no centro da pintura. O aquecimento da cannabis converte o THC em THC-A psicoativo, e isso pode ser o que é indicado pela imagem à extrema direita. Seria esta mais uma evidência para o "elixir de Jerusalém"?

[Imagem]

Aqui vemos um balde de ervas em associação com alguma figura serpentina, dita por von Hammer-Purgstall para representar o demiurgo gnóstico Ialdabaoth, que mantinha a humanidade presa no plano terrestre através de um ciclo de renascimento. Von Hammer-Purgstall descreve "As figuras em pé junto ao trono indicam povos trazendo como presente a um Templário ou Gnóstico (ou, se quiser, à Ordem do Templo ou à Gnose sentada no trono) frutos e animais da terra (grãos e ovos)" (von Hammer-Purgstall, 1818). No entanto, estou inclinado a especular sobre outra matéria vegetal, como um arbusto de pontas floridas de cannabis, pois seria uma representação estranha de grãos colhidos e ovos. Note a imagem de serpente semelhante na

representação do Jardim do Éden de von Hammer-Purgstall, e a morte, com a tradicional ferramenta de colheita de cannabis, a Foice.

Von Hammer-Purgstall afirmou que os Templários tinham um rito conhecido como o "Batismo de Fogo", e era sua visão que isso estava relacionado a um rito gnóstico indicado pelo mesmo nome, que incluía fumigação com incenso e os Grais Templários também eram usados para este mesmo propósito. "Em apoio [às traduções do nome Baphomet] como 'batismo espiritual' e 'tintura de fogo', há as tigelas esculpidas aos pés de nossos ídolos, cheias de fogo para demonstrar como esse rito místico deve ser administrado" (von Hammer-Purgstall, 1818).[2]

Von Hammer-Purgstall afirmou que vasos como o que queima aos pés deste suposto monumento Templário, como os cálices, deveriam ser identificados com o Graal e usados para queimar "incenso". As teorias de von Hammer-Purgstall foram amplamente aceitas e discutidas por décadas, como registrou a Encyclopedia Americana:

> Baphomet significa Βαφη Μητεος, batismo de Metis, batismo de fogo, ou o batismo gnóstico, uma iluminação da mente.... Este batismo era realizado por taças e cálices.... Diz-se que estes vasos eram fixados aos pés de certas imagens, e eram cheios de fogo, pelo qual a iniciação em seus mistérios vergonhosos era completada nos segredos dos Templários (Encyclopaedia Americana, 1829).

Von Hammer-Purgstall afirmou que vasos como o que queima aos pés deste suposto monumento Templário, como os cálices, deveriam ser identificados com o Graal e usados para queimar "incenso". As teorias de von Hammer-Purgstall foram amplamente aceitas e discutidas por décadas, como registrou a Encyclopedia Americana:

> Embora o uso para o qual foram empregados não esteja claro a partir dos escritos, a partir da aparência dos monumentos onde estas tigelas são vistas flamejantes... e... deve-se afirmar que incenso era usado dentro dos braseiros, a fim de nutrir o fogo com materiais em combustão. Assim, os Neófitos em pé nesta tigela, com o incenso exalando um cheiro, estavam sendo espiritualmente preparados para aquele casamento que entre os gnósticos ofitas tomou o lugar do batismo, da Eucaristia e de todos os sacramentos. A presença de fogo, que vemos em toda parte brilhando dessas tigelas colocadas aos pés dos ídolos..., prova esta hipótese.... [Vemos] um Neófito com a aparência de uma criança colocada por um pai em tal tigela, cercada por uma nuvem turbilhonante de fumaça do incenso.... Esta representação, uma vez que é moldada na tigela... demonstra claramente seu uso (von Hammer-Purgstall, 1818).[3]

As imagens referidas por von Hammer-Purgstall indicam claramente a inalação de fumos e rituais de sufumigação de tigelas rituais: von Hammer-Purgstall disse que estas

imagens representavam particularmente um ritual de iniciação baseado no gnosticismo, o Batismo de Fogo. Isso é em uma era em que se acredita que o fumo de cachimbo era desconhecido no "velho mundo", então técnicas semelhantes às dos citas eram usadas para inalar fumos de cannabis. Isso lembra o incenso que continha uma "maravilha" referido no Livro de Ieou, um texto popular entre os ofitas, que foi discutido no Capítulo 2. Além disso, o grimório mágico árabe do século XI, O Ghayat AlHakim, foi posteriormente modificado e traduzido para o latim como O Picatrix no século XIII na Espanha, que tem referências à fumigação com haxixe, e foi sugerido que os Templários podem ter estado familiarizados com este grimório, através de acusações sobre manter uma cabeça humana como um oráculo, já que "a acusação... lembra os textos mágicos do período. Em particular, O Picatrix dá instruções sobre como usar uma cabeça decepada para fins mágicos. Novamente, há uma implicação de que os Templários eram magos" (Nicholson, 2010). De acordo com Legman, pelo menos uma cabeça real foi encontrada e confiscada nas batidas simultâneas aos Templários, no Templo de Paris. "Era um grande busto feminino dourado em prata, que continha - era oco - um crânio envolto em mortalha de linho vermelho e com uma etiqueta marcada 'Caput LXVIII m' (Cabeça nº 58)" (Legman, 1966). Alguns sugeriram que este era um número de inventário indicando outras cabeças, o que se encaixaria com os supostos artefatos de von Hammer-Purgstall.

[Imagem: Ilustração de uma edição medieval copiada à mão do Picatrix.]

Referindo-se ao "Kasei Dervischan, isto é, a 'taça dos Dervixes'" em relação ao "cálice... um símbolo dos Templários", von Hammer-Purgstall conclui com base em suas evidências que "Depois dessas coisas, não resta dúvida de que a taça mais célebre da Idade Média, sob o nome do Santo Graal, não significa nada além de um símbolo da comunidade Templária e da sabedoria Gnóstica.... Se você procurar descobrir o lugar onde o Santíssimo Graal pode ser encontrado, sempre se retorna ao Oriente..." (von Hammer-Purgstall, 1818).[4]

Curiosamente, como a visão de von Hammer-Purgstall é que os Templários se infectaram com as heresias gnósticas através de seu contato e associação com os Hashishin, e ele escreveu um livro A História dos Assassinos (1813), que detalhou seu uso de haxixe, ele nunca implicou diretamente os Templários com o uso de cannabis ou drogas em qualquer forma, em nenhum dos livros. Seria de pensar que se sua intenção fosse puramente demonizar os Templários, e com a evidência de ritos de fumigação, isso teria sido uma coisa óbvia para chamar a atenção.

As imagens de Baphomet de von Hammer-Purgstall certamente atuaram como o protótipo para a imagem do "deus dos Templários" popularizada pelo mago francês Eliphas Levi, que ainda é popularmente usada neste contexto até hoje, e Levi

reconheceu essa influência. Isso, por sua vez, veio a ser associado ao Diabo tanto no Satanismo quanto na Bruxaria em nosso próprio tempo.

Eliphas Levi (1810-1875) com suas influentes obras Magia Transcendental (1854) e A História da Magia (1860):

> Aproximamo-nos do domínio da magia negra. Vamos atacar, mesmo em seu santuário, a sombria divindade do Sabbath, o formidável bode de Mendes, o fantasma cheio de horrores, o dragão de toda teogonia antiga, o Ahriman dos persas, o Tifão dos egípcios, o Píton dos gregos, a antiga serpente dos judeus, o ídolo barbado dos alquimistas medievais, o Baphomet dos Templários. Declaremos, para a edificação dos não iniciados, para a satisfação do Sr. Conde de Mirville, para a justificação de Bodin, o demonologista, e para a maior glória da Igreja, que perseguiu os Templários, queimou os magos e excomungou os Maçons, digamos ousada e claramente, que todos os iniciados das ciências ocultas - falo dos iniciados inferiores e dos traidores do Grande Arcano - adoraram, adoram e sempre adorarão o que é significado pela assustadora figura do bode sabático.
>
> Sim, em nossa profunda convicção, os grandes mestres da ordem dos Templários adoravam Baphomet, e o faziam adorar por seus iniciados; sim, existiram, e ainda podem existir, assembleias presididas por esta figura, sentada em um trono e com uma tocha flamejante entre seus chifres; só que os adoradores deste sinal não pensam que seja a representação do diabo como nós, mas sim a do deus Pan, o deus de nossas modernas escolas filosóficas, o deus dos teurgistas alexandrinos e de nossos atuais místicos neoplatônicos, o deus de Lamartine e Cousin, de Spinoza, Platão e dos primeiros gnósticos...
>
> Um cofre esculpido, desenterrado nas ruínas de uma antiga comandaria dos Templários, foi observado por antiquários como sendo uma figura baphomética, conforme em seus atributos ao nosso bode de Mendes e ao andrógino de Khunrath. É barbado, mas com o corpo inteiro de uma mulher; em uma mão segura o sol, na outra a lua, unidos a ele por correntes. Esta cabeça viril é uma bela alegoria que atribui apenas ao pensamento a primeira e criativa causa. A cabeça aqui representa a mente, e o corpo feminino a matéria. As estrelas, ligadas à forma humana e dirigidas por essa natureza da qual a inteligência é a cabeça, também têm um significado sublime. O terrível Baphomet é, de fato, como todos os enigmas monstruosos da ciência antiga, nada mais do que um hieróglifo inocente e até mesmo piedoso (Levi/Waite, 1886).[5]

[Imagem: Baphomet de Eliphas Levi, "O Bode Sabático de Mendes"]

Curiosamente, o mesmo capítulo que Levi abre com as referências acima a Baphomet e aos Templários também contém uma receita para um vinho infundido com cannabis e ópio, como uma das "'Condições de Sucesso nas Evocações Infernais'... a cada cinco dias, após o pôr do sol, deve-se embriagar-se com vinho no qual cinco cabeças de papoulas negras e cinco onças de cânhamo machucado foram mergulhadas, tudo contido em um pano tecido por uma prostituta, ou, estritamente, o primeiro pano à mão pode ser usado, se tecido por uma mulher" (Levi/Waite, 1886).

A Regra Secreta e O Batismo de Fogo

Confirmações das alegações no Mysterium Baphometis etc., foram, por um curto período pelo menos, consideradas encontradas na forma de documentos supostamente compostos pelos próprios Templários. Em 1877, um Dr. Mertzdorff, um maçom alemão, apresentou o que ele alegava serem cópias de documentos templários reais de 1240 d.C. que estavam sendo mantidos nos arquivos do Vaticano, e que haviam sido transcritos por Frederick Munter, um cientista dinamarquês, próximo ao final do século XVIII. Em A Culpa dos Templários, Legman refere-se ao testemunho judicial de que um Grão-mestre havia ordenado o confisco da "regra" e outros documentos Templários, e muitas cópias foram destruídas. Há também a visão há muito mantida de que o Chanceler francês, Guillaume de Nogaret, "destruiu tudo o que pôde encontrar dos Templários na época do julgamento" (Legman, 1966). Em relação às questões no julgamento dos Templários sobre documentos secretos que podem ter registrado referências aos tipos de rituais dos quais os Templários foram acusados, Legman observa que "também é possível que esforços estivessem sendo feitos para suprimir 'as adições más e perversas...' (como observado em... [uma] deposição), ou seja, a 'Regra Secreta' ou algumas adições gnósticas ou heréticas à Regra original de São Bernardo [o fundador original dos Templários], talvez realmente comprometidas por escrito... mas agora totalmente perdidas" (Legman, 1966). Não há referências contemporâneas a uma cópia da "Regra Secreta" sendo encontrada na época do julgamento, no entanto, é provável que, se tal regra existisse, ela teria sido transmitida oralmente, se tivesse dito os tipos de coisas alegadas.

A Regra Secreta e O Batismo de Fogo de Mertzdorff seguiram os mesmos temas rituais gnósticos sugeridos no Mysterium Baphometis Revelatum de Von Hammer-Purgstall, tão de perto, que geralmente foram considerados falsificações. Embora von Hammer-Purgstall mencione Munter, então o Batismo de Fogo pelo menos, parece ter precedido seu próprio trabalho.

Mark Amaru Pinkham, que parece acreditar na autenticidade dos documentos, escreve: "A permissão para se entregar a todo tipo de heresia Templária pode ser encontrada neste documento, incluindo profanação da Cruz, negação de Cristo como Salvador,

ligação sexual e a adoração da cabeça idólica conhecida como Baphomet" (Pinkham, 2006). Além disso, o documento afirma sobre a religião católica: "A Igreja é a Sinagoga do Anticristo." Referências na "Regra Secreta" àqueles que vieram de "Além-mar alimentados com maná e visões divinas. Eles são santos. Deus está com eles, e têm o Tesouro da Sabedoria Celestial" deixa-nos a questionar se isso poderia ser uma referência velada ao potencial uso de haxixe pelos Templários que temos explorado.

Gershon Legman, que era cético quanto à sua autenticidade, observa que os documentos também registraram que os Templários "'aceitam fraternalmente' tais hereges como os Albigenses [Cátaros] e Búlgaros [de onde obtemos o termo 'sodomia'], bem como Sarracenos, Drusos e 'aqueles que habitam o Líbano', ou seja, os Assassinos, ou Comedores de Haxixe. Tudo o que falta, é claro, é afirmar que os Cavaleiros Templários eram obrigados a tomar haxixe... também" (Legman, 1966). Na visão de Legman, "Infelizmente... esta 'Regra Secreta' é flagrantemente uma falsificação maçônica do início do século XIX. Seu autor claramente pegou a referência ao 'Batismo de Fogo' gnóstico do lampejo de insight de von Hammer-Purgstall quanto à relação dos Templários com o Gnosticismo, em seu Mysterium Baphometis Revelatum em 1818..." (Legman, 1966).

> É óbvio que o falsificador anônimo deste documento improvável, [está] em algum lugar entre sua data pretendida de descoberta, "por volta de 1780", supostamente pelo Bispo Munter da Dinamarca nos arquivos do Vaticano (!) e sua publicação por Mertzdorff em 1877... [Mertzdorff] não pode ser assumido como tendo inventado tudo isso. Particularmente em suas alusões aos Assassinos e Drusos... parece certo que ele se baseou em qualquer documento que pudesse encontrar para dar verossimilhança ao seu trabalho, seja no registro original do julgamento dos arquivos franceses... ou em obras posteriores conhecidas pelos Maçons, para o benefício de cujos supostos descendentes dos Templários a falsificação foi quase certamente executada... [A] data real da falsa "Regra Secreta" é, portanto, com toda probabilidade, posterior à do Mysterium Baphometis Revelatum de von Hammer-Purgstall de 1818, de cuja fonte a aproximação com os Gnósticos foi muito provavelmente extraída, assim como aquela com os 'Assads' ou Comedores de Haxixe da História dos Assassinos de Hammer (Legman, 1966).

Embora A Regra Secreta e O Batismo de Fogo sejam geralmente considerados falsificações, destinadas a demonizar os Maçons através de sua suposta associação com os Cavaleiros Templários, e assim os "direitos diabólicos" dos quais foram acusados, ao longo das linhas de que Os Protocolos de Sião foi uma falsificação destinada a demonizar os judeus, há aqueles que ainda sustentam sua autenticidade. Como com o Mysterium Baphometis Revelatum de von Hammer-Purgstall, há um interesse renovado

nesses documentos, e alguns, ao que parece, como Pinkham, não estão muito prontos para descartá-los como falsificações à luz de informações históricas mais atuais.

Sejam ícones e documentos templários reais ou não, as alegações de von Hammer-Purgstall e posteriormente Mertzdorff, sobre conexões Templárias com os Gnósticos, certamente aumentaram o sabor da Maçonaria posterior e do mundo Oculto em geral.

Influenciado por tais alegações, o escritor sensacionalista anti-maçônico e teórico da conspiração John Daniel, autor do pesado tomo, A Escarlate e a Besta: Uma História da Guerra Entre a Maçonaria Inglesa e Francesa, afirma que dos Hashishin "os Templários adquiriram o conhecimento de fabricar haxixe e usá-lo para seus feridos em batalha - eventualmente incorporando seu uso em seus rituais pagãos" (Daniel, 1994/2007). Daniel também afirma que "O uso de drogas pelos... Templários foi levado para as lojas degeneradas de ambas as Maçonarias [Francesa e Inglesa]" (Daniel, 1994/2007).

> À medida que os Templários mergulhavam mais profundamente em drogas e bruxaria, eles viam Jesus Cristo como seu inimigo e começaram a odiar a Igreja Católica. Gradualmente, abandonaram o Catolicismo, tornando-se adoradores do Baphomet, um símbolo pagão de Satanás retratado como uma cabeça de bode dentro de uma estrela de cabeça para baixo.... Os Templários também adotaram o símbolo satânico da caveira e ossos cruzados, cujo símbolo de morte os seguiria ao longo de suas migrações.... O uso da caveira e ossos cruzados persistiu na Maçonaria, onde se tornou o símbolo do Mestre Maçom até depois da Segunda Guerra Mundial (Daniel, 1994/2007).

Este tema de rituais satânicos templários e maçônicos alimentados por haxixe, como veremos no Capítulo 21, atingiu seu auge com as alegações da exposição de uma espécie de ramo da Maçonaria adorador do diabo e infundido com drogas, conhecido como Paladianismo, mas agora é lembrado como sendo fabricado como parte da elaborada "Farsa de Taxil".

Gnósticos Medievais?

Os gnósticos sempre foram conhecidos por seu sigilo, mesmo durante os primeiros séculos d.C. Em relação aos Gnósticos, provavelmente não existentes no século XI, sabemos de outras situações onde seitas gnósticas sobreviveram.

Seitas gnósticas como os Sabeus e Mandeus sobreviveram no mundo árabe medieval e até mesmo nos tempos modernos. Sabe-se que os gnósticos maniqueístas sobreviveram até o início do período medieval na China. Além disso, o uso maniqueísta da cannabis parece ter sido uma questão para os chineses tradicionais indígenas, através de suas "Casas de Incenso", pelas quais a seita foi eventualmente banida na China, e levada à

clandestinidade mais uma vez. Na China medieval, a "opinião geral sobre sua religião era que envolvia êxtase induzido por drogas, pois seus líderes tinham títulos como 'rei-espírito' e 'pai-espírito' e 'mãe-espírito', mas o povo comum deliberadamente pronunciava mal a palavra para 'espírito' (mo) como 'ma', significando 'cannabis sativa' (como se 'Pater' fosse mudado foneticamente para 'pothead')" (Ruck et al. 2001).

> Seu líder é chamado de Rei Demônio (mo-wang) e seus assistentes são chamados de Pais Demônios (mo-weng) e Mães Demônias (mo-mu). Todos eles se envolvem em atrair pessoas [para se juntar à seita]. No primeiro e décimo quinto dia de cada mês, cada seguidor paga quarenta e nove peças de dinheiro como dinheiro de incenso no lugar do Pai Demônio. A Mãe Demônia então recolhe todas as cordas de dinheiro e as entrega ao Rei Demônio de tempos em tempos. A quantidade de dinheiro coletada a cada ano desta forma não é inconsiderável...
>
> A palavra mo (demônio) é mal pronunciada pelo povo comum como ma ['cânhamo'] e, portanto, seus chefes são chamados de ma-huang (cânhamo amarelo) ou algum outro termo com o qual substituem a denominação de mo-wang (Rei Demônio). Os seguidores são obrigados a fazer juramentos solenes na iniciação (Lieu, 1985).[1]

Também houve afirmações críveis de que um renascimento gnóstico estava por trás das heresias cátaras que prosperaram no sul da França entre os séculos XII-XIV. "Autores católicos medievais frequentemente declaravam que os Cátaros eram descendentes diretos dos Maniqueístas..." (Wickersham, 2012). No entanto, nenhuma evidência histórica substancial foi encontrada para documentar isso como uma certeza, e ainda é uma questão de debate. Infelizmente, junto com o massacre dos Cátaros, houve a queima de seus documentos e provavelmente a destruição de sua iconografia religiosa. No entanto, é claro que eles mantinham crenças dualistas surpreendentemente semelhantes sobre a natureza do céu e do mundo material, àquelas do gnosticismo anterior. Numerosos autores sugeriram que os Cátaros haviam se infiltrado nos Templários nos estágios mais iniciais da ordem, e livros inteiros foram escritos associando as heresias cátaras com a mitologia do Graal.

Preocupações com gnósticos secretos na Europa medieval começam a aparecer surpreendentemente cedo. Na primeira metade do século XI, o monge e historiador francês Ademar de Chabannes (989-1034) estava escrevendo sobre hereges "maniqueístas" que tinham uma "bebida especial ingerida pelos sectários". Ademar, que não é lembrado como uma fonte confiável para a história, e até mesmo foi considerado um falsificador, alegou que a heresia foi introduzida na França por "um camponês que afirmava que poderia dar-lhes grande força e que carregava consigo poeira de crianças

mortas que rapidamente tornava qualquer um que entrasse em contato com ela um Maniqueísta."

> Eles adoravam o diabo que aparecia para eles em uma ocasião na forma de um etíope e em outra como um anjo de luz, e trazia dinheiro para eles todos os dias. Em obediência a ele, eles secretamente rejeitavam Cristo, e em privado cometiam pecados e crimes que seria pecaminoso até mesmo mencionar, enquanto em público fingiam ser verdadeiros cristãos.[2]

Acusações de comer bebês remontam a gritos feitos pela Roma pagã contra os cristãos, e depois os cristãos contra os gnósticos, mais tarde bruxas e templários, então devem ser tomadas com um grão de sal. Outras referências referem-se a um "alimento celestial" ingerido pelos Cátaros, e estas, juntamente com a referência de Ademar a um "pó" mágico, dão fortes indicações de um enteógeno de algum tipo sendo referido, embora nestes casos, vistos através dos óculos preconceituosos de um detrator que busca demonizar aqueles que usavam tais substâncias.

Dizia-se que o catarismo havia sido transmitido por um grupo de "tecelões", e isso em uma área conhecida por sua produção de cânhamo. O catarismo até foi chamado de "heresia dos tecelões". Os nomes "Tecelões e Cátaros eram às vezes sinônimos" (Targuebayre, 1993). A religião cresceu em popularidade até o século XIV, quando foi virtualmente exterminada no sul da França em um massacre de cerca de um milhão de pessoas pela Igreja Católica. Dando-nos a famosa frase do abade cisterciense Arnaud Amalric do século XII-XIII, que respondeu quando perguntado por um Cruzado como distinguir os Cátaros dos Católicos durante um massacre: Caedite eos. Novit enim Dominus qui sunt eius - "Mate-os todos. Pois o Senhor conhece os que são Seus." Suas preocupações eram intensas, já que a Igreja Católica aparentemente estava perdendo seu domínio sobre a população local em massa. Como São Bernardo de Claraval lamentou: "As mulheres estão deixando seus maridos, os homens estão deixando de lado suas esposas, e todos eles correm para esses hereges! Clérigos e sacerdotes, os jovens e os adultos entre eles, estão deixando suas congregações e igrejas e são frequentemente encontrados na companhia de tecelões de ambos os sexos."

Assim, a ideia de que certas seitas gnósticas usuárias de cannabis e/ou outros enteógenos possam ter sobrevivido até o período medieval, não pode ser estritamente descartada. Além disso, poderia ser bem argumentado, e tem sido, que coisas como Alquimia, Cabala, Magia, são apenas extensões de técnicas e filosofias gnósticas, e grande parte da tradição oculta em si é influenciada pelo gnosticismo.

O Herbarum Initiatus

Em relação a Ademar de Chabannes, e nossa discussão sobre o Graal, tinturas e elixires mágicos etc., vale a pena notar seu relato de 1030 d.C. de uma batalha entre dois cavaleiros que teria ocorrido alguns anos antes, e a interessante referência a uma poção consumida por um dos contendores. Em correspondência pessoal com Tom Hatsis, ele me direcionou para o relato de Ademar de um duelo entre defensor maleficae Willelmus, "William, o cavaleiro que defendeu a bruxa" e um oponente chamado Stephanus. No relato, Willelemus é contratado para defender a honra de uma mulher, que havia sido acusada de usar magia para causar a doença de um nobre. Incapaz de obter uma confissão no tribunal, o cavaleiro foi contratado como um "freelancer" para defender sua inocência, o que era uma forma não incomum de resolver tais disputas na época.

Como Hatsis traduziu e comentou as passagens pertinentes sobre a poção em questão, "...No mesmo dia em que o homem [William] defendeu a bruxa [maleficia muliers, "uma mulher habilidosa em magia"], ele já havia sido encantado anteriormente [ou enfeitiçado - a palavra é 'incantatoribus'] bebendo uma poção de ervas [herbarum initiatus] que o iniciou [nas artes mágicas dela]. Após a luta, William, derrotado, vomitou a poção. ... as bruxas, que haviam estado cantando à distância [ou seja, seguras da luta], fugiram."[3] Stephanus venceu a luta sem ferimentos. É notável que o próprio elixir na história receba pouca atenção, e neste ponto parece não ser de muita preocupação. Além disso, não é a própria magia que estava em disputa legal, mas o uso dela para causar doença, já que esta história ocorre em um momento anterior ao desenvolvimento do estereótipo de bruxa pela igreja, e à mania de bruxas que cresceu a partir disso. No entanto, as semelhanças com as poções e ritos iniciatórios que foram associados à mitologia do graal tornam esta história muito intrigante, e indicam que alguns elementos dessa imagética arquetípica podem ter sido uma realidade na Europa antes da estadia dos Templários na Terra Santa.

Esta imagética medieval semelhante ao Graal em associação com "bruxas" e o herbarum initiatus, também lembra as histórias da irmã do Rei Arthur, Morgan le Fay. Variações da última parte de seu nome foram associadas a "fada" e "poderes mágicos". Em uma nota de rodapé para Yvain ou le Chevalier au Lion de Chrétien de Troyes, o tradutor Phillipe Walter observa que: "...na Vita Merlini (Vida de Merlin), atribuída a Geoffroi de Monmouth (escrita por volta de 1150): 'Seu nome é Morgan e ela ensina quais são os usos de 'todas' as Plantas para Curar o corpo dos doentes' (versos 920-921)" (Walter, 2000).

> Nesta Obra, Morgane cura seu Irmão Arthur que permaneceu com ela em Avalon após ter sido fatalmente ferido. Morgane conhece a Virtude das Plantas e Ervas Medicinais; Ela as ensina de bom grado aos Médicos e Curandeiros; Isso explica,

> sem dúvida, o adjetivo "sábia" ("savant"/"cientista-erudita") que é aplicado a ela por Chrétien de Troyes (verso 2955) (Walter, 2000).

[Imagem: Morgan le Fay fazendo...]

É feito de sonhos; ainda assim, ao sustentá-lo,
Trinta gordos pássaros cozinhando em um espeto
Não encheriam teu ventre tão sutilmente.
É esta baga que os Sufis comem
Quando desejam cair em êxtase,
E contar suas preciosas mentiras para você e para mim,
Um pouco de haxixe é toda a grande trapaça.
Trinta pássaros, eu disse? Sim! Em um pequeno grão
Cem vezes esse número cozinha para ti;
Come tu - não te fará mal - e tuas serão
Houris[1] inumeráveis antes que acordes novamente.

— Hafiz[2]
Tradução de (Smith, 2003), (Bicknell, 1875) e (Shahriari, 1999)

Di Cicco também fez esta afirmação em um artigo de 2008, "Medicine of the Templars"[3].

Veja também (Breverton, 2013); (Lawless & Allan, 2014)

Infelizmente, a maior parte do Cânone de Medicina de Avicena[4] não foi traduzida para o inglês, e apenas partes dele para o latim. Além disso, a maior parte do Cânone de Avicena foi composta em árabe clássico antigo, e poucos são capazes de ler ou entender isso nos tempos modernos.

De uma citação em (Legman, 1966).

Controverso, já que ambas essas datas precedem a exploração do Novo Mundo pela Espanha e a suposta primeira data de introdução (cerca de 400 BP) do tabaco, cachimbos e o ato de fumar do Novo Mundo para a Europa" (Clarke & Fleming, 1998).

Como Philip de Milly (1171-1180), também conhecido como Philip de Nablus, um barão de Jerusalém e o sétimo Grão-Mestre dos Cavaleiros Templários.

Publicado pela primeira vez em francês em 1813.

Conforme traduzido em (Twyman, 2017).

http://www.templiers.org/assassins.php, 2016.

Conforme citado em (von Hammer-Purgstall, 1835).

McCarthy, 1889.

Tradução de (Gulchin, 1817)

Tradução em (Pourafzal & Montgomery, 2004)

Seyyid[5], um termo honorífico usado para designar os descendentes de Maomé. Como discutido no Capítulo 3 e indicado no Dabistan, parece ter havido alguma tradição de uma crença sobre o uso de cannabis pelo clã de Maomé.

"Vês tu esta pequena baga, esta pílula verde?"

Joseph Needham, historiador da ciência chinesa, também relata que místicos taoístas supostamente adicionavam "fumaças alucinógenas aos seus queimadores de incenso.... A adição de cânhamo (ta-ma, huo-ma, Cannabis sativa = indica) ao conteúdo dos queimadores de incenso é claramente declarada em uma coleção taoísta, Wu Shang Pi Yao[6] (Essenciais dos Livros Incomparáveis), o que deve situá-la antes de +570..." (Needham, 1974). Foi sugerido que as técnicas alquímicas sexuais taoístas[7] podem ter sido emprestadas de fontes maniqueístas também.

Conforme citado em (Moore, 2012).

Wakefield & Evans, 1991.

Traduzido do latim em (Bouquet & Delisle, 1874)

Documentos originais relacionados aos Cavaleiros Templários: em The Gentleman's Magazine, Volume 204, (1858).

De uma tradução em (Twyman, 2017).

Conforme traduzido em (Twyman, 2017).

Conforme traduzido em (Twyman, 2017).

Conforme traduzido em (Twyman, 2017).

Do francês (Levi, 1856)

O uso de incenso na China medieval parece ter tido forte associação com a feitiçaria. Em referência a cultos taoístas que haviam sido influenciados pelos maniqueístas, Samuel Lieu refere-se a um decreto chinês medieval sobre a "Proibição da Feitiçaria e Artes Negras"[8]: "...Feiticeiros que fingem invocar divindades falsas, escrevem amuletos, lançam feitiços sobre a água, apoiam a fênix [ou seja, realizam escritas de prancheta], invocam os Sábios, chamando a si mesmos de 'Mestre Reto', 'Grande Guardião' ou

'Senhora', ou afirmam ser membros da seita Maitreya, ou da seita do Lótus Branco... etc., que se entregam a práticas heterodoxas... e distorcem a verdade... juntamente com aqueles que escondem impressões e imagens de suas divindades e se congregam para queimar incenso para elas e aqueles que se encontram à noite e se dispersam ao amanhecer.... Seus líderes serão estrangulados e seus seguidores receberão cem golpes do bastão pesado e serão exilados..." (Lieu, 1985). Não tenho certeza do que havia em tais incensos, mas o uso de cannabis em práticas mágicas taoístas remonta a tempos antigos. O especialista em chinês...

Notas de Rodapé

---

1. **Houris**: Na tradição islâmica, são as virgens do paraíso prometidas aos fiéis. O termo é frequentemente usado em poesia sufi como metáfora para experiências místicas. ↩↩↩↩↩↩↩↩↩↩↩↩

2. **Hafiz**: Poeta persa do século XIV, conhecido por suas referências veladas ao uso de vinho e outras substâncias em contexto místico sufi. Suas menções ao haxixe são particularmente relevantes para entender o uso ritual de cannabis no sufismo. ↩↩↩↩↩↩↩↩↩

3. **Medicine of the Templars**: Artigo que explora as possíveis práticas medicinais dos Cavaleiros Templários, incluindo o uso de cannabis e outras plantas medicinais possivelmente adquiridas durante seu contato com culturas orientais. ↩↩↩↩↩↩

4. **Cânone de Medicina de Avicena**: Uma das obras médicas mais influentes da história, escrita pelo médico persa Ibn Sina (Avicena) no século XI. Contém extensas referências a plantas medicinais, incluindo possivelmente a cannabis, embora a falta de traduções completas dificulte o estudo detalhado. ↩↩↩↩

5. **Seyyid e o clã de Maomé**: A referência ao Dabistan (texto persa do século XVII sobre religiões) sugere uma tradição de uso de cannabis entre os descendentes de Maomé, o que seria significativo para entender a relação entre o islamismo primitivo e práticas envolvendo plantas psicoativas. ↩↩↩↩

6. **Wu Shang Pi Yao**: Texto taoísta do século VI que menciona explicitamente o uso de cannabis em queimadores de incenso, evidenciando a antiguidade do uso ritual desta planta na China. ↩↩

7. **Técnicas alquímicas sexuais taoístas**: Práticas esotéricas taoístas que combinavam rituais sexuais com o uso de substâncias para alcançar estados

alterados de consciência e longevidade. A possível influência maniqueísta sugere uma transmissão de conhecimentos esotéricos entre tradições orientais e ocidentais. ↩↩

8. **Decreto chinês medieval sobre feitiçaria**: Este decreto demonstra como práticas religiosas minoritárias, incluindo aquelas que possivelmente envolviam o uso ritual de cannabis em incensos, eram perseguidas na China medieval, de forma similar à perseguição de grupos gnósticos e outros no Ocidente. ↩↩

9. **Nota do tradutor:** "Holy of Holies" (Santo dos Santos) era a parte mais sagrada do Tabernáculo e posteriormente do Templo de Jerusalém, onde apenas o Sumo Sacerdote podia entrar uma vez por ano. ↩

10. **Nota do tradutor:** "Magic Carpet" refere-se a um ritual específico descrito na Chave de Salomão, onde o praticante se deita sob um tapete consagrado enquanto queima incenso. ↩

11. **Nota do tradutor:** "Key of Solomon" (Chave de Salomão) é um dos mais famosos grimórios atribuídos ao Rei Salomão, contendo instruções para invocações e rituais mágicos. ↩

12. **Nota do tradutor:** "Western Occult Tradition" refere-se ao conjunto de práticas, filosofias e sistemas esotéricos desenvolvidos no ocidente ao longo dos séculos. ↩

13. **Nota do tradutor:** "Poppet" refere-se a uma boneca usada em práticas mágicas, similar ao que popularmente se conhece como "boneco de vudu", embora com origens e usos distintos. ↩